

**História sul-americana
da imortalidade**
(a partir de rumores com sotaque)



Hilan Bensusan

03 • APRESENTAÇÃO

04 • HISTÓRIA SUL-AMERICANA DA IMORTALIDADE (A PARTIR DE RUMORES COM SOTAQUE)

77 • ALGUMAS REFERÊNCIAS, MENÇÕES E ALUSÕES

79 • NOTA SOBRE ANARQUEOLOGIA, ESPECTRALIDADE E CANIBALISMO

História Sul-Americana da Imortalidade não é um livro de filosofia. Nem de ficção. Tampouco consiste numa mistura de ambos, seja na forma de uma ficção filosófica, seja na de uma filosofia ficcional. Antes, pertence a um gênero peculiar, cujo expoente maior é o *Catatau*, de Paulo Leminski. Afinal, ambos partem de uma especulação aparentada: o que seria do *Cogito* se Descartes tivesse vindo ao Brasil Holandês de Nassau?, o que pensaria o Estrangeiro, personagem de um diálogo platônico, se tivesse sobre-vivido e se visse hoje tendo que atravessar clandestino a passagem da África à Europa? O gesto especulativo do “e se...” combina-se, assim, ao gesto político de re-situar marcos da filosofia ocidental, o que tem como efeito de rebote apontar para o fato de que tais marcos são eles mesmos, em sua origem (*arché*), situados, e, portanto, carecem de fundamento (*arché*) para suas pretensões de universalidade. Não se trata, assim, do movimento, tão comum e tão maçante, de tentar extrair da filosofia mais “central” uma leitura “periférica”, movimento que acaba justamente reforçando o “centro”, já que encontraria nele o seu próprio contrário ou a sua própria desconstrução. Antes, trata-se do movimento an-árquico de literalmente jogar a filosofia “central” na “periferia” global, em todos os sentidos, situando Descartes ou o Estrangeiro nas margens, fazendo deles sujeitos marginalizados, colocando-os em diálogo com os pensamentos das margens (que não se confundem com as margens do pensamento). Daí a importância, no caso de Leminski, da invenção formal, e no de Hilan Bensusan, da moldura narrativa (a estória do Estrangeiro é contada por uma latino-americana na fronteira entre México e Estados Unidos) e, no de ambos, da Antropofagia, o canibalismo ritual: “Índio pensa? índio come gente – isso sim. Índio me comendo, pensará estes meus pensares ou pesará de todo esse peso, parado no momento?”, lemos em *Descartes com lentes*; e, na *História*, à estória do Estrangeiro se segue a da per-vivência de Konyan Bebe, um dos líderes da Confederação dos Tamoios, revolta que, por pouco, não deu fim à colonização portuguesa já em seu início. As estórias de Hilan, além disso, sofrem uma inflexão de *gênero*, na medida não só que são contadas por mulheres, mas também porque se dão na forma de diálogos entre as duas figuras espectrais e outras mulheres. Daí a importância do *sotaque* no livro, atravessado que é por fronteiras, estrangeiros, refugiados, *gender trouble*, pois o sotaque aponta não para a intransponibilidade dos limites (das línguas, por exemplo), mas para a inscrição presente em todo corpo e toda voz de uma história: todo corpo é situado, inclusive aquele “sem sotaque”, i.e., do sotaque não-marcado... “Eu acredito em tudo. Mas acredito com sotaque”, diz a Refugiada ao Estrangeiro, no que parece ser uma instrução de leitura da própria obra de Hilan Bensusan. Pois *História Sul-Americana da Imortalidade* não é um livro de filosofia. Nem de ficção. É, para usar uma expressão de Hugo Simões, uma “tradução com sotaque” da filosofia em ficção e da ficção em filosofia, da especulação em política e da política em especulação. Um livro pra se ler com os dentes.

Alexandre Nodari

**História sul-americana
da imortalidade**
(a partir de rumores com sotaque)



Hilan Bensusan

Cultura e Barbárie

Os intentos de prolongar ou imortalizar a vida humana são intentos de roubar o livro da biblioteca e enganar a comunidade terrestre, de tomar o sustento dos outros sem nunca devolvê-lo.

Val Plumwood

OPPEN PORTER, MARIA DE LA CRUZ, QUETZAL RIVERA, YOLANDA GALE

Tijuana

OPPEN: Vocês vão conseguir passar?

QUETZAL: Vamos ter que ficar esperando aqui toda a noite, como tantas vezes acontece, só decidem se podemos passar na manhã seguinte – eles nunca sabem o que fazer com a gente, sobretudo quando chegamos de noite. Mas você, que é californiano acima de qualquer suspeita, pode tentar falar com aquele fiscal ali antes dele ir embora também.

OPPEN: Eu prefiro ficar aqui com vocês. Não tenho muito que fazer em Madera até que Juan-George, meu filho, volte da escola no sábado. E quero ouvir o resto da conversa que Maria estava me contando.

YOLANDA: Eu também prefiro dormir por aqui mesmo. A Califórnia sempre pode esperar. E além disso tenho uma longa viagem até San Francisco e lá não vou encontrar nada a não ser meus filhos brigando na justiça. Prefiro dormir na fronteira, onde já dormi tantas vezes. Gosto dessa fronteira, é estranho; gosto dos lugares que deixam tudo um pouco suspenso. Além disso, faz tempo que não encontrava minha amiga Maria...

MARIA: Me agrada que vocês fiquem por aqui comigo, eu nunca sei quanto tempo precisam para me deixar passar por aqui; e venho a cada três meses, com meus papéis quase todos legais.

OPPEN: Mas então vamos ouvir aquela conversa que você estava me contando, e que você parou quando descemos do ônibus...

MARIA: Não sei se vai interessar a vocês. Mas é uma história que escutei aqui nessa mesma fronteira da boca de uma artista, tem uns meses. É uma história que me impressionou muito, e por isso eu estava contando para o Oppen. Mas é longa... Micaela, Micha, essa artista, passou muitas noites comigo no deserto de Sonora e depois nos encontramos aqui mesmo. Ela trabalha nos pontos de passagem entre o mundo dos brancos e esse nosso mundo dos que não são quase ninguém – para eles. Ela é meio colombiana, meio californiana, foi criada para ser um rapaz e decidiu trabalhar com cercas, essas cercas que vemos por toda parte nos bairros das elites da América Latina, essas cercas enormes, poderosas, que parecem que vão ganhar vida e começar a falar: fora daqui! Ela trabalhou no Mediterrâneo também, que protege a fortaleza Europa, como ela chama, dos desesperados da África e do Oriente. Eu não sei se o Rio Grande, o deserto em Sonora e essa fronteira aqui são a cópia do Mediterrâneo ou o Mediterrâneo foi que copiou isso aqui... Essas cercas se multiplicam por toda parte, são infecciosas. O mundo dos brancos começa com guardas, muros, arames farpados... Pelo que a Micha me diz, o Mediterrâneo também é esse encontro dos brancos com aqueles de que eles desconfiam. Eu às vezes acho que se não tivessem do que desconfiar, talvez não existissem brancos. Foi no Mediterrâneo que ela conheceu uma refugiada num barco, que contou essa longa história que me impressionou

muito. Conte para os meus netos, mas eles não tiveram tanta paciência. Só o Dieguito, que me ajudou a entender muitas coisas, é uma história complicada...

OPPEN: Tem a ver com os gregos, com os gregos antigos, com uns índios que tinha por lá... É uma refugiada africana impressionante.

YOLANDA: Dá-lhe, Maria, conte essa história desde o começo, parece que vamos ter uma longa noite.

QUETZAL: Eu concordo, gosto de te ouvir, Maria. Eu vou me acomodar aqui no chão com meus panos – se eu dormir, perdoem-me, foi um longo dia.

MARIA: Olha, eu também estou cansada, mas vou tentar me lembrar de tudo. Se vocês todos dormirem, eu durmo também.

YOLANDA: Eu te conheço, Maria, você quando começa a falar perde o sono, a fome e até as saudades de Juchitán...

MARIA: Ah, Juchitán, hoje é um espectro do que era... Mas eu gosto de fantasmas, eles me ajudam mais do que os oficiais da fronteira... então... Micha conheceu Mariam, o nome dela é uma coisa assim, eu prefiro chamar de Maria, como eu. Era do Mali, na África, tinha crescido numa cidade no deserto e estava na Líbia fazia alguns anos, esperando uma oportunidade de atravessar para a fortaleza Europa... Micha conheceu ela perto de Lampedusa, onde ficou um tempo fugitiva, tentando encontrar um jeito de voltar para África e esperando encontrar um jeito de reconstruir sua vida que tinha se tornado mais difícil na Europa. Ela havia chegado da Líbia meses antes num barco onde tinha lugar para 30 mas havia umas 100 pessoas amontoadas, inclusive ela. A Maria do Mali tinha sido uma pessoa estudada, cresceu falando árabe, foi para a escola francesa em Bamako e lá conheceu essas estórias que nas escolas chamam de filosofia. Estudou no liceu, aprendeu muitas palavras em grego, que é a língua antiga de uma das pontas do Mediterrâneo. E é por causa disso que ela teve essa conversa com um desses viajantes perdidos que quase ninguém consegue entender. Ela vinha refugiada de uma guerra que havia destruído a comunidade dela, uma dessas guerras provocadas pelos brancos, no meio do deserto... Às vezes eles atacam um lado do deserto e desfazem tudo em outro lado já que acreditam que sempre há uma fronteira entre o que eles querem que seja trigo e o que eles querem que seja joio... Mas não importa. O Dieguito, meu neto que está na faculdade, me mostrou o livro grego que conta uma conversa entre o Estrangeiro que veio de Elea e um jovem grego chamado Téteto, ou Teeteto... com um Sócrates, e um outro livro com um outro Sócrates, mais jovem, todos eles em Atenas...

QUETZAL: Parece que vai ser uma conversa complicada...

MARIA: Tão complicada como as nossas vidas, Quetzal, entre cercas e impossibilidades. É também uma história sobre alguém que envelheceu demais, além do que eu poderia suportar. É por isso que também essa conversa me toca a mim mesma, fico sempre pensando quanto eu consigo envelhecer. Perder as estribeiras, sabe, uma a uma, não sei se nos deixam perdê-las todas. Mas não tem jeito, vamos perdendo os trilhos. E é uma história sobre as fronteiras que não estavam lá mas que apareceram, estão sempre aparecendo... e sobre os papéis e documentos e comprovantes e controles e não sei mais o quê que te exigem pra sair por aí. E sobre os brancos, sobre sua liberdade para desconfiar...

É assim: esse Estrangeiro, depois da conversa com os atenienses, dirige-se ao porto para uma longa jornada de volta à sua cidade, Elea. O barco deriva pelo mar Jônico, uma parte do Mediterrâneo, e bate numa ilha que parece que é muito traiçoeira chamada Delos e toda a tripulação se afoga, ou quase toda, e o Estrangeiro fica inconsciente à beira de um rochedo. Essa ilha é meio nebulosa, meio mágica, essas coisas, mas a Micha já foi lá, de barco. Parece que é de lá que vem o nome psico-délicos, e deve ter outros nomes agora, como neurodélicos, já que tudo é *neuro* hoje em dia. Delos parece que é uma ilha muito clara, tão clara que é difícil de ver, feita de areia no meio do mar, parece uma miragem. O Estrangeiro fica por lá, por anos a fio, sonhando com as palavras que tinha dito ao Teeteto em Atenas, umas palavras que ele já sabia que todos aqueles que ouviram não esqueceriam – ainda que ninguém saiba o rumo das palavras depois que nós falamos. Muitas delas vão e voltam, e nunca terminam de ir e de voltar – mas podem demorar muito, e podem voltar quando não queremos mais que voltem. Pois bem, o Estrangeiro tinha dito que além das coisas que existiam, existia também o nada, uma vez que para cada lugar, para cada certeza, tinha um estrangeiro, um outro, um forasteiro – que ficava do lado de fora. E ele ficou temeroso de que em algum ouvido isso poderia se tornar um medo de que viessem os forasteiros com seu nada e abolissem a coragem de ter convicções. E desse medo, poderiam começar a desconfiar de tudo o que se esconde, e começar a tentar tornar tudo visível, transparente, e, mais que isso, controlável, iluminado como a luz de Delos. Mas o Estrangeiro ficou delirando assim por muito tempo, meio desacordado, um tanto machucado, ninguém sabe como sobreviveu a essa hibernação por tanto tempo, pelo que a Maria do Mali contou para a Micha. E ele já era um homem velho – acho que ele se tornou uma espécie de assombração, de fantasma, sabem? De morto-vivo, meio dormido, meio sonâmbulo.

Quando despertava daquele sono, ele já não via mais ninguém à sua volta. Passou anos numa semivigília, num sono alimentado de algas, de peixes que se prendiam em sua roupa e que, comidos crus e mal-mortos, provavelmente ainda lhe deram tonturas que aumentaram seu torpor. Um barqueiro o transportou para uma outra ilha e num outro barco ele foi parar na África. Na costa da Líbia ele era o Estrangeiro que falava algo que parecia sírio e depois parecia grego e depois parecia de outro planeta, tinha um sotaque feito de curvas que já se esticaram e de retas que encaracolaram. Mas falava – e quem fala, chega a Roma, ou pelo menos à beira de Lampedusa, onde chegam os imigrantes que atravessam o mar lá da Tijuana deles. Na costa da Líbia ele ficou por muitos meses, no entanto, comendo o que lhe davam, falando o que conseguia. Teve que aprender árabe, mas seu sotaque era como se fosse de um outrora de que ninguém mais se lembrava. E foi juntando algumas peças de um quebra-cabeça que ele percebeu que não se fecha – era isso então, deixar as peças espatifadas sem todo e sem conexão, seria isso o que Parmênides, seu mestre, temia quando insistia que o nada não pode ser, nem como subsidiário? Porque ele teve que abandonar seu mestre para falar aos atenienses do nada, e sabia que o nada tinha perigos porque trazia dentro dele uma história de terror: não só o nada que paira entre as coisas e do qual viemos mas o nada que talvez nos espere. Talvez Parmênides adivinhava que o nada acabaria sendo visto como um tipo de coisa, ou mesmo um tipo de gente que nunca poderia ter predicado algum já que a sociedade é para as pessoas que são alguma coisa.

Perto de Tripoli, na Líbia, ele encontrou a Maria do Mali, refugiada, que conseguiu conversar com ele por mais tempo e ouvir suas necessidades como alguma coisa que tem meios e fins, mesmo que às vezes os fins se percam nos meios como uma agulha no palheiro. Foi com ela que tomou o barco para Lampedusa e ali já sabia dizer alguma coisa do que pensava. Maria encontrou o Estrangeiro caquético, sem papéis e sem dinheiro e, além da companhia, encontrou um jeito de lhe pagar os custos até Lampedusa. Com a bolsa, algumas vezes, e com a lábia, muitas outras. Talvez ela mesma precisasse de uma companhia branca, ainda que a brancura do Estrangeiro fosse aquela dos fantasmas, das assombrações que insistem em aparecer quando já mais ninguém quer ver a sombra delas.

REFUGIADA: Escuta, eu entendo... quer ir para Elea... Quer retornar a Elea, de onde teria partido. Nós todos neste barco cheio estamos indo e o senhor quer voltar, não é? Mas, entenda, Elea, essa cidade acho que já não existe mais. Vou procurar aqui no celular.

ESTRANGEIRO: Não existe mais? Elea?

REFUGIADA: Sim... agora se chama Velia, é perto de uma cidade chamada Sapri em Salerno. Fica na Campania, Itália...

ESTRANGEIRO: Itália? E Elea, Elea?

REFUGIADA: Olhe, o senhor... você, vou tratá-lo assim, você está muito velho para viajar num barco assim, superlotado. E sem dinheiro, sem trazer nenhum suprimento... Apenas com uma companhia e benfeitora que é uma refugiada... Mas parece que é assim que tem que ser.

ESTRANGEIRO: Trago minhas roupas.

REFUGIADA: Provisões, meu senhor, provisões. Estamos nos dirigindo ao continente da previdência, da segurança, das garantias. É preciso que o colapso se adie. É preciso que estejamos prontos para sobreviver a qualquer intempérie... E, de preferência, sem pedir ajuda.

ESTRANGEIRO: Tenho medo de voltar a Elea, a Velia... Tenho medo destas terras quando escuto o que você diz.

REFUGIADA: Eu sei. Sabe, eu também estou indo para a tua terra. A mim também só me resta atravessar esse mar e ir parar nas tuas montanhas e de lá seguir para alguma parte do continente onde eu possa ficar. A Europa é uma anfitriã. Ainda que ela não queira me receber. Não sei por que ela me chama, mas me chama. Para mim, a Europa foi sempre um não-lugar, o lugar de uma rendição, o lugar de um abismo. De um buraco negro que suga o que toca, que engole o que encontra. A força centrípeta do nada; e onde há nada há espaço para tudo. O niilismo da Europa cria espaços, é um anfitrião. Demorei muito para perceber que ele é meu melhor anfitrião, meu único anfitrião agora.

ESTRANGEIRO: Começo a compreender o que você diz.

REFUGIADA: Melhor assim. Sim, a Europa se tornou um presságio na cabeça de todas as pessoas que ela colonizou, uma atração... Mas continuo preocupada com você... por quanto tempo está à busca dessa cidade que não existe mais? Essa cidade é muito antiga, do tempo dos gregos antigos... Seu sotaque, você tem sotaque de grego?

ESTRANGEIRO: Vim de Elea.

REFUGIADA: De Velia, você é italiano. Diga a todo mundo que você é italiano e que para lá regressa... ou, melhor, melhor não dizer coisa alguma.

ESTRANGEIRO: Eu já não sei mais para onde estou indo. Sei que vamos para Lampedusa, e de lá encontrarei um jeito de ir até Elea ou Velia. Mas você me diz que não há mais Elea como eu conheci... O regresso talvez seja impossível, a Elea de onde eu vim virou Velia...

REFUGIADA: Velia, Velia, vai para Velia. Lá você verá as montanhas, verá o mar. Mas todo o resto se transformou muito. Veja você, habitante daquelas terras, nem tem passaporte e nem traz euros com você – não é um cidadão europeu, não é um branco. Você é de outro tempo, talvez sejamos todos nós de outro tempo, um passado que assola a fortaleza Europa com sua desconfiança, um tempo que parece a eles bem desconfortável...

ESTRANGEIRO: Eu nem sei se entendo o que você me diz, se é que entendo suas palavras... mas acho que já começo a entender todo o resto.

REFUGIADA: Eu não consigo identificar seu sotaque, sei apenas que você fala mal. Mas costumo achar que todo mundo fala mal.

ESTRANGEIRO: Eu estive muito tempo naufragado, e à deriva, e delirando. Acho que foram muitos anos. Estava em Atenas, onde conheci Sócrates...

REFUGIADA: Sócrates?

ESTRANGEIRO: Sim, e outros filósofos... E estava voltando para casa.

REFUGIADA: Meu Deus! Aparece cada assombração nesses mares...

ESTRANGEIRO: Assombração?

REFUGIADA: É, é. Se tô entendendo o que você diz, o senhor, você é de Elea e esteve à deriva por muitos anos nesse mar Mediterrâneo traiçoeiro depois de uma viagem a Atenas onde esteve com Sócrates e outros filósofos de muito tempo atrás.

ESTRANGEIRO: Sim, e me arrependo muitas vezes das palavras que proferi naquelas conversas com os atenienses. Repudiei a doutrina do meu mestre Parmênides que me formou e abracei a possibilidade de que o nada pudesse existir, que tudo tem um estrangeiro ao seu redor... que o não-ser pudesse ser pensado, que o que não existe pudesse ser descrito...

REFUGIADA: Sim... Conheço o diálogo. Li partes dele no liceu antes da guerra, num tempo, muito mais recente que o teu, quando ainda havia aulas de filosofia e uma escola na minha cidade. E veja, tu és o Estrangeiro daquele diálogo que estudávamos na escola! Ele, que introduziu o nada em Atenas, refugiado ao meu lado! E sem nada, sem documentos, sem dinheiro, sem nada. O Estrangeiro que eu li...

ESTRANGEIRO: Quer dizer então que minha conversa com Teeteto foi repetida e mesmo transcrita e lida nas escolas?

REFUGIADA: Foi transcrita sim; não sei se bem transcrita... e essa conversa se repetiu muitas vezes nas memórias das pessoas. Quando te ouço falar do arrependimento de ter falado o que você falou, penso que talvez seja muita pretensão, as palavras de alguém não podem ter tanto impacto. Porém, as tuas palavras foram escritas e lidas por toda parte em que os intelectuais brancos queriam alcançar respeito para si mesmos – e foram canonizadas, sacralizadas, para eles mesmos. Houve um homem que se chamava Platão e que parece ter transcrito alguns diálogos

que viu em alguma parte de Atenas, talvez em alguma parte inventada de Atenas... Ele era um aluno de Sócrates e lhe fez o estranho favor de escrever esses diálogos. Às vezes penso que ele mesmo é que era o forasteiro para Sócrates.

ESTRANGEIRO: Platão?

REFUGIADA: Assim se chamava. Apresentam a ti, o Estrangeiro, e também a Teeteto e também a Sócrates como personagens de Platão, personagens de seus diálogos...

ESTRANGEIRO: Não me lembro desse homem. De minha conversa eu me lembro, e me remoo e me ressinto... A conversa foi no Pireu. E você sabe do que conversamos já que leu partes da transcrição.

REFUGIADA: Muita gente sabe. Você reabilitou o nada. E quando penso nisso, entendo o que é a Europa hoje: um punhado de gente com medo desse monstro devorador que você trouxe à baila. Com medo de que tudo se acabe, com medo da aniquilação. Às vezes penso que é por isso que há essa ansiedade europeia – não a curiosidade de quem espera, mas a ansiedade de não ter aquilo que pode vir a querer ao alcance da mão. Essa ansiedade é que faz os brancos se expandirem por toda parte e não acreditarem em nada senão neles mesmos. Os brancos... E nem sequer acreditam neles mesmos, desconfiam uns dos outros, eu sei. Procuram estar corretos, e assim ter tudo transparente, disponível. Brancos... Tu já nem é branco, é meio pálido, é certo... mas deve dizer que é italiano, compreendeu?

ESTRANGEIRO: Italiano, sim, de Velia. Mas me conta mais do nada e dos brancos...

REFUGIADA: Ah, estou farta! Eles estão convencidos de que nada basta, de que há um nada rondando cada coisa, cada momento, cada acontecimento, cada relação. E ficam à deriva, à procura de si mesmos. Precisam encontrar um jeito de comandar tudo o que encontram – até eles mesmos. E talvez tenha sido por causa deste teu nada que eles se metem com todo o resto do mundo, e foram à África e anexaram minha terra, e depois disseram que somos livres desde que sejamos como eles e que continuemos a fazê-los ricos...

ESTRANGEIRO: Como os atenienses?

REFUGIADA: Ainda pior que eles, bem pior. E você colocou na cabeça deles que há um nada na cola deles, que há que procurar garantias, segurança, conquistar o mundo... Eu devia era te jogar no mar depois de saber que talvez foi você que começou esta coisa toda...

ESTRANGEIRO: Eu me dei conta desses perigos quando estava naufrago não sei por quanto tempo. E me arrependi...

REFUGIADA: Mas acalme-se, não te joga no mar. O barco mesmo talvez se encarregue de fazer isso. E, além do mais, o que você podia fazer, calar-se? Olhe, eu mesma não consigo me calar. É isso que conta, o pensamento é perigoso, mas tem pensamentos que terminam por tornar o mundo mais difícil, mais esquálido, sabe? Mais comezinho, mais desconfiado. Agora, que você tenha se arrependido, isso acho que não serve para nada.

ESTRANGEIRO: Porque é tarde demais, não é?

REFUGIADA: Não é? E além disso, não pode ser de você que nós aqui no barco, eu e você incluídos, temos rancor. Nosso rancor é outro. Não sou do tipo que desconta o rancor. Mas não pode ser contra você, caquético, maltrapilho como nós, estrangeiro em toda parte como nós.

ESTRANGEIRO: Você sabe que eu era estrangeiro em Atenas, que vinha de além-mar também; e mesmo naquele tempo era difícil me fazer entender, meu sotaque era uma barreira como é agora, todos me olhavam de um jeito estranho quando ouviam meu sotaque de fora. Mas eu me arrependo porque talvez não fosse aos atenienses que eu devia ter falado o que falei. Não a eles.

REFUGIADA: Mas foram eles que quiseram te ouvir, não?

ESTRANGEIRO: Sim... Não sei... Quando cheguei a Atenas todos me ouviam e escutavam meu sotaque. O que era aquilo? O que era estar no centro sem ser do centro, estar onde tudo é paradigma sem estar no paradigma? Comecei a pensar nos outros discursos, nas outras línguas, nas outras tramas – e o outro não podia ser apenas um capítulo do que é. O Outro, como o Mesmo e o Repouso e o Movimento foram minhas maneiras de sair do ser, e aí permiti o nada... Mas, porque pensei aquilo com a língua dos atenienses e com o meu sotaque, não quer dizer que eram eles que precisavam saber.

REFUGIADA: Você sempre é conhecido como ‘o estrangeiro’, nunca se importaram em falar o seu nome. Foi um estrangeiro que trouxe essa novidade para Atenas, o nada, o forasteiro que ronda todas as coisas.

ESTRANGEIRO: Eles me tratavam como uma curiosidade que vinha da terra da estabilidade. Eles me tratavam como se eu pudesse ajudá-los a lidar com as outras narrativas que apareciam por toda parte. Eles queriam se reassegurar de uma obsessão com a permanência e eu tornei a permanência das coisas mais cara para eles.

REFUGIADA: Eu sei, mas esse movimento é que foi o melhor. Você abriu a possibilidade de entender esses elementos básicos não como átomos, mas como pedaços de tramas. O ser e o outro estão num horizonte, no horizonte da alteração. Aquilo que carrego como aquilo que eu sou tem um bocado de outros interpenetrados; os meus predicados são os substantivos dos outros. Estou atravessada dessa gente toda, e como nós somos, estou atravessada de Europa, de Atenas, dessas coisas – quando volto a mim mesma, já não sou mais a mesma, já nem reconheço a minha aldeia, como a tua Elea se tornou Velia. Talvez sejamos todos como uma linha dupla do horizonte, a linha em que começa o céu se retorce na linha em que termina o mar. De longe, parece uma só linha, mas é um alçapão.

ESTRANGEIRO: Mas eles me escutaram dizer que se há um outro, há que haver o nada, o ser completamente outro...

REFUGIADA: Do outro deriva o nada, mas a derivação está ela mesma numa deriva. É um infinito, um abismo. A Europa preferiu transformar o abismo que é encontrar um outro, alguma coisa que não terminamos de compreender, no abismo que é a negação. E diante dela, afirmar outra vez a eles mesmos, afirmar a si mesmos, ainda que incorporando alguma outra coisa... Aí... Já que há um nada no meio das coisas, é preciso desconfiar delas. Fazer coisas que são confiáveis porque obedecem comandos... É como o nosso barco, ele não está navegando no mapa. No mapa deles. Mas tá navegando, tá atravessando o mar de um jeito que eles não atravessam mais, talvez nunca tenham atravessado. No mapa, a viagem é uma disponibilidade. O nada é como um mapa...

ESTRANGEIRO: Pelo que você fala, parece que está tudo mapeado no mundo, que eles transformaram o mundo em um lugar transparente, sem segredos. Como será esse mapa, será que eu entendo?

REFUGIADA: Vou te mostrar o mapa aqui no celular... Veja, aqui estamos nós, nesse mar aqui... Aqui está a Líbia, de onde saímos, aqui está Lampedusa, Velia deve estar por aqui, e Atenas...

ESTRANGEIRO: Que impressionante. E nós, podemos ver nós mesmos no mapa? E todos se guiam por esse mapa que todos têm no bolso e usam quando querem?

REFUGIADA: Sim, muita gente carrega mapas no bolso, eles podem ter muita precisão, só que não dá pra ver nosso barco no mapa. Mas há pontos de observação, drones, satélites, que podem estar nos vendo – eles não veem um mapa, eles veem o mar, mas o mar meio que virou um mapa, sabe?

ESTRANGEIRO: Então tudo se tornou transparente mesmo, parece que todos têm medo de que se perderem as coisas de vista, de controle, elas vão desaparecer de vez e não vão ser mais encontradas. É como se nenhuma outra voz falasse, só a voz dos que têm medo e se guiam pelos mapas. Só a voz do medo de se perder é ouvida...

REFUGIADA: Sim, a Europa acreditou no silêncio. E, no entanto, o silêncio só existe quando você silencia todos os outros barulhos. Não há silêncio, há silenciamento. Mas a Europa ela mesma não é só Europa, os brancos não são só brancos; há africanos, homens velhos, mulheres, refugiadas que soam, mesmo no silêncio deles. As brechas se abrem e nelas às vezes se instala aquilo que ninguém imaginava. Como você mesmo talvez nem imaginava que da tua fala sobre o outro e o nada iam sair essas maquininhas aqui, esses celulares, que deixam tudo ao alcance da mão. Mas somos nós todos que estamos ao alcance da mão...

ESTRANGEIRO: Da mão do mapa ou da mão da maquininha?

REFUGIADA: Olhe, eu nem sei qual é a diferença. Termina que é tudo uma coisa só. Sobretudo, os brancos aprenderam a colocar todas as coisas à disposição, prontas para serem comandadas – e fazem isso consigo mesmos. Eles preparam todas as coisas que tocam para deixarem de herança a essas máquinas. Parece que é para elas que tudo está sempre a postos, sempre à disposição, porque não é só que elas informam tudo, elas também se informam de quem se informa.

ESTRANGEIRO: Mas você também está com a maquininha, herdeira do mundo dos brancos, aí na bolsa, não é?

REFUGIADA: Sim, e eu também tenho uma bolsa branca, mas não sou branca.

ESTRANGEIRO: Mas você acredita ou não acredita nos mapas dos brancos?

REFUGIADA: Não sei... Eu acredito em tudo. Mas acredito com sotaque. Veja, um encontro assim, entre a minha velhice e a tua velhice, num barco por um mar que você conhece mas não conhece, eu, velha, você muito mais velho... você reparou que está falando com uma mulher? O mundo dos brancos é também um mundo de homens, eu aprendi as coisas dos homens, tenho na minha bolsa as tralhas dos homens e as crenças dos homens. Mas porque haveremos de ter as mesmas crenças? Também elas são muitas, como as terras, os mares, as pessoas. Essa é a diferença: uma mulher, uma refugiada, não posso ter as mesmas crenças que os brancos.

ESTRANGEIRO: Então o nada não devorou o outro?

REFUGIADA: Bem, já imaginava que você me faria perguntas difíceis. Tuas perguntas são estrangeiras, mesmo para uma refugiada. Mas você sabe, eu sou a outra, eu não sou um branco – mesmo com as tralhas e as crenças brancas na minha bolsa. Eu sou uma outra indo clandestinamente para a terra do nada. Isso te responde?

ESTRANGEIRO: Não, não achei que haveria uma resposta. E as tuas respostas são mais estrangeiras do que as minhas.

REFUGIADA: Pronto, então te digo. Por que eu não traria um celular que dá alguma segurança, eu, uma mulher no meio dessa maioria de homens, quase todos desconhecidos, indo para uma terra de brancos, sem papel, sem o registro que eles querem? Tudo o que eu puder trazer comigo para me ajudar eu trago, não acha?

ESTRANGEIRO: Tuas perguntas são tão difíceis quanto tuas respostas. Eu te escuto e penso que você já está entre as coisas dos tais brancos, você já está à disposição deles, não é? E eu também...

REFUGIADA: Você? De um lado você sim, você já ensinou o que tinha para ensinar e já deveria ter sumido dos mares, Platão não está mais aqui para falar de você. Mas você insiste, segue naufrago, perdido... Como um fantasma...

ESTRANGEIRO: Um fantasma?

REFUGIADA: Alguém que ressurgir depois de morrer, mas de uma forma esquelética, como um traço que aparece e desaparece, que não permanece... Platão insinuou, talvez de Sócrates, talvez dele mesmo, que o texto quando fica escrito é um órfão já que não tem ninguém por perto que o proteja. Você virou um texto, e agora você reaparece.

ESTRANGEIRO: Eu reapareço e assim posso virar tudo pelo avesso, exceto que eu tampouco sou o mesmo, já passei por um naufrágio, já estive à deriva...

REFUGIADA: Por isso mesmo penso que você já não é mais o que os brancos aprenderam de você; talvez nunca tenha sido. Mas só sabemos do que você foi se conseguimos nos lembrar – e como lembrar depois de tantos anos, idas e vindas, mares e naufrágios?

ESTRANGEIRO: Eu não me lembro nem mesmo de minhas opiniões...

REFUGIADA: As opiniões, as crenças, eu acho, são as encruzilhadas entre os nossos caminhos internos e os caminhos que a vida nos coloca – os que as pessoas fazem para nós, e os que todo o resto das coisas nos indicam. Mesmo quando você me diz alguma coisa, porque tuas opiniões seriam as mesmas para mim, mesmo se eu concordar com elas e mesmo se elas estiverem certas?

ESTRANGEIRO: Dizem que as crenças corretas são as mesmas, elas são uma impressão do mundo em nós, como uma impressão na cera que deixa uma marca. As crenças erradas é que cada um tem a sua, cada um imagina como pode, fica marcado na sua cera por algum molde que não existe, mas que deixa uma marca, uma para cada pessoa, não é assim?

REFUGIADA: Repare que você agora está ainda muito mais ateniense do que eu pensava, não era isso afinal que dizia Sócrates, ou seria Platão, sobre o impacto da verdade como uma tipografia em uma cera impregnável que há dentro de nós. O ícone seria uma impressão do mundo sobre nós e, se ela é bem sucedida, traz a verdade independente de qualquer outra coisa, como uma marca do mundo em nós, não é assim que eles dizem?

ESTRANGEIRO: Talvez seja, aquele tempo em Atenas foi muito marcante para mim também. De todo modo você deve saber mais do que eu que nunca conheci Platão. Como eu disse, fico pensando que se aquilo que me marcou foi a verdade, a crença não pode ser outra, não há engano na verdade. Por outro lado, como podemos entrar em contato com esse molde sem ter uma cera em que ele fica impresso? Teríamos que ter abolido o tempo...

REFUGIADA: Por isso eu sou de opinião que também as crenças quando são verdadeiras são diferentes, as minhas das tuas – a minha cera é diferente da tua, temos corpos diferentes, caras diferentes, rugas diferentes, línguas diferentes...

ESTRANGEIRO: Sotaques diferentes...

REFUGIADA: Sim, as crenças que tenho acredito nelas com o meu sotaque; mesmo as verdadeiras, falo elas com o meu sotaque, não é assim?

ESTRANGEIRO: A cera do ouvido sempre acrescenta alguma coisa ao que escuta...

REFUGIADA: Mesmo quando escuta verdades, não é?

ESTRANGEIRO: Tem que ser, sim.

REFUGIADA: Mas as verdades muitas vezes são escutadas por alguém; quando não são escutadas, elas também precisam ser transmitidas... são herdadas de um momento passado para um momento futuro.

ESTRANGEIRO: Sim, caso contrário, como elas poderiam permanecer, se não forem de alguma maneira herdadas, deixadas em legado?

REFUGIADA: Mas então o molde para cera também precisa permanecer por meio de algum tipo de impressão, não?

ESTRANGEIRO: Penso que sim, você tem razão, não há porque pensar que o molde ele mesmo se mantém sozinho.

REFUGIADA: As verdades estão emaranhadas nos enganos, não há um jeito de isolá-las, de pô-las à prova do mundo, das bocas que dizem, dos sotaques que acrescentam coisas, dos ouvidos que ouvem.

ESTRANGEIRO: E os atenienses teriam pensado que há algumas coisas – inclusive a verdade – que são imunes à memória... é isso?

REFUGIADA: Não sei se os atenienses que você conheceu pensavam mesmo assim, mas eles ficaram com a fama de entender que, no âmbito mesmo da existência, ou há coisas ou elas colapsam no nada, cessam de existir deixando vestígios na memória que são apenas reflexos delas, apenas a maneira como elas se refletem no que é sensível...

ESTRANGEIRO: A memória seria como um acoplamento do que existe; e talvez o pensamento ele mesmo fosse externo ao que existe, não?

REFUGIADA: Você está imaginando que a noção mesma de que ser e pensamento têm um vínculo íntimo entre eles, como pensava teu mestre Parmênides, foi abandonada pelos atenienses?

ESTRANGEIRO: Sim, estava pensando nisso.

REFUGIADA: Acho que eles se tornaram gradativamente mais e mais distantes dessa noção... e, em parte, por causa da sua avidez de entender que o pensamento só pode ser falso porque contempla o nada, porque pode se distanciar do que existe.

ESTRANGEIRO: Sim, imaginei. Não era bem isso que eu tinha em mente, eu queria apenas me afastar da doutrina de que o nada não pode ser pensado; a possibilidade do pensamento do nada me parece cada vez mais como algo que se aproxima do esquecimento... você entende?

REFUGIADA: Mas não o esquecimento de um molde que pré-existe a qualquer tentativa de se lembrar e que subsiste a qualquer esforço de rememoração...

ESTRANGEIRO: Acho que não; tenho pensado muito sobre o que lembramos e o que esquecemos nesses últimos tempos, sabe. A memória é uma coisa que anda à deriva, e estar à deriva me aproximou das intempéries da memória...

REFUGIADA: Eu estava mesmo atônita percebendo o quanto você ainda se lembrava de coisas que se passaram milênios atrás...

ESTRANGEIRO: Não me lembrava, você é que me fez lembrar. Foi você que rememorou essas coisas em mim – e, talvez, tenha rememorado com o seu sotaque.

REFUGIADA: Você sabe, a idade vai nos acostumando aos grandes esquecimentos, só nos lembramos do que estava apagado; acho que nos acostumamos com a ideia de que o sol não pode acender tudo ao mesmo tempo.

ESTRANGEIRO: Sim... éramos todos muito jovens naqueles meus dias em Atenas.

REFUGIADA: Eu entendo que você estava falando do outro, do estrangeiro mesmo, daquilo que somos nós dois, não sei qual dos dois é mais. Mas não há completamente outro, há o infinitamente outro, que não completa, não anula nada, apenas desvia. O infinitamente outro do ser não é o nada, é talvez o que fica buscando refúgio, insistindo, não se assenta, sabe?

ESTRANGEIRO: Sim, não chegamos ainda no nada com o outro...

REFUGIADA: O nada que os europeus aprenderam é uma coisa, é uma coisa que já conhecemos, por contraste. Ou seja, o nada que Parmênides queria manter distante do pensamento foi entendido como uma coisa, não um alçapão onde as coisas caem e da qual podem se levantar. Mesmo o abismo é às vezes entendido como uma outra coisa, como se pudéssemos fazer um mapa do abismo. Então não sei mais se foi o que você disse ou o que eles ouviram...

ESTRANGEIRO: Eles entenderam que eu propunha uma aventura por um território que era o nada...

REFUGIADA: Sim, uma aventura. Mas que ao final pode se inscrever num mapa.

ESTRANGEIRO: E o horizonte não é nem um mapa e nem um espelho. Quando falava do outro, pensava que há muito ali: não apenas o outro do frio que é o quente ou o outro do mar que é toda terra seca – e talvez também os rios, os lagos – mas também o que acontece quando não podemos fazer um mapa.

REFUGIADA: Mas o outro foi entendido como uma operação que toma uma coisa e a aniquila porque engolfa ela, incorpora ela, assimila ela. Nem sequer a devora, porque aí ficam os sucos do estômago, mas a faz desaparecer de uma vez por todas. Ou seja, o nada virou ainda uma outra coisa... A resposta que eles deram às tuas insinuações sobre o nada foi postular que

as coisas – algumas coisas, e aliás algumas coisas dentro de algumas coisas – estão imunes à aniquilação, estão sempre presentes, não são esquecidas e nem precisam ser transmitidas ou herdadas ou lembradas. São como as coisas em suas últimas moradas, onde elas jazem, subjazem... como dizem, *ousiai*.

ESTRANGEIRO: *Ousiai*...

REFUGIADA: Sim, essa palavra, que deixou de ser o que fica sendo, uma morada, uma toca e se tornou um jazigo eterno.

ESTRANGEIRO: Você conhece bastante da língua dos atenienses.

REFUGIADA: Não, muito não... não muito. Mas há um sotaque de lá em todo lugar por onde passaram os brancos. Ou melhor, um sotaque ateniense com sotaque de branco...

ESTRANGEIRO: Me sinto no centro do mundo quando alguém de uma terra tão distante conhece as coisas que falei e conversei com um grupo de tão pouca gente!

REFUGIADA: Colocaram Atenas no centro do mundo; Platão escolheu escrever essas conversas, e os brancos seguiram aquilo que entenderam de Platão – de que se lembraram nos textos que ele deixou. E muito depois foram decidindo que não havia filosofia senão entre aqueles que conhecem essas conversas...

ESTRANGEIRO: Como assim? Não havia outras conversas filosóficas? Os egípcios que eram tão famosos, os etíopes que mantinham as chaves secretas... Eu tive conversas assim por toda parte, em Elea – Velia –, na Líbia, esperando tanto tempo por um barco, até uma vez entre barqueiros no meio do mar... Deve ser porque a palavra 'filosofia' é grega, veio do grego, mesmo em árabe...

REFUGIADA: Eu não sei, mas fizeram vocês ficarem famosos, e acho mesmo que vocês influenciaram os rumos que a Europa tomou – aquela conversa que Platão relatou... Um dia você encontrará o texto e verá se está como você se lembra.

ESTRANGEIRO: Quando penso nisso fico convencido de que devo me manter mais e mais em silêncio...

REFUGIADA: O silêncio, e até o esquecimento, também tem suas ressonâncias.

ESTRANGEIRO: É bem capaz que seja assim. De todo modo, eu não consigo fugir das palavras que me assolam. Tenho pensado muito sobre o destino delas. De novo, na minha idade parece que tudo é feito de lembranças. Lembranças que nunca voltam sem ter passado pelas brumas...

REFUGIADA: E essas brumas são às vezes de muitas gerações, sabe; nós, da África, carregamos um passado do qual insistem em destruir todos os vestígios e carregamos esse passado mesmo quando não lembramos dele. Ninguém sabe dos diálogos que tivemos milhares de anos atrás, nossas conversas não se repetem na escola, nem mesmo nas nossas escolas. Na minha cidade, na minha escola eu aprendi a me apagar, a me esquecer.

ESTRANGEIRO: Por que decidiram que era o que aconteceu em Atenas o que mais importava?

REFUGIADA: Não sei; talvez tenha sido porque os brancos decidem o que se esconde mas talvez porque preferem não deixar nada no esquecimento – nada que possa resvalar no nada. Era preciso exorcizar esse nada, se salvar dele, desse nada que Platão colocou na tua boca – claro, na tua boca escrita.

ESTRANGEIRO: Sim, eu me arrependo quando me lembro que posso ter contribuído para isso.

REFUGIADA: Pois eu às vezes fico pensando que as coisas nunca são aniquiladas, porque as lembranças são recuperadas das brumas; conseguimos de alguma maneira conjurar coisas que pareciam havia muito sumidas, sobrevivem onde ninguém espera, em formas inesperadas... Quando olho para você fico imaginando se a morte não é uma parte dessas brumas...

ESTRANGEIRO: Então haveria uma imortalidade...

REFUGIADA: Sim, eu diria que você é bastante imortal, não é?

ESTRANGEIRO: Até agora sobrevivi, mas não sei como, sobrevivi na deriva, num limbo entre os que estão como humanos falando e se movendo e as hidras, as plantas, as pedras, o sal do mar. Ou então nessa outra deriva que é estar no textos desse Platão do qual não consigo recordar se me lembro...

REFUGIADA: Você sobreviveu quando todos pensaram que já teria saído de cena – ainda que de uma outra forma, mais uma persistência que uma existência...

ESTRANGEIRO: Todo mundo é imortal até que morra, não?

REFUGIADA: Você se lembra de Empédocles, que se misturou com o vulcão, virou fogo e deixou de ser mortal.

ESTRANGEIRO: Sim, eu estive também naquele vulcão, a casa de Empédocles, Aítné...

REFUGIADA: Jabar al-Nar, chamam ele, em árabe.

ESTRANGEIRO: Montanha de fogo...

REFUGIADA: Sim, por lá chama Etna.

ESTRANGEIRO: Quando olhei pra dentro daquela cratera, não foi o nada que eu vi. Na época, pensei em Empédocles e fiquei mais certo do que dizia meu mestre, Parmênides, quando insistia que aquilo que existe persiste. De todo modo, mortais são os que morrem, mas depois da morte aparece aquilo que não é mortalidade, que não está no âmbito do que os mortais, os que vivem, conseguem controlar. No entanto, o pensamento de quem lembra e se esquece consegue alcançar essas labaredas, as sandálias de Empédocles voltaram quando o vulcão eclodiu... Sabe lá o que depois voltou de Empédocles, nada está asseguradamente esquecido – é esse nada que fico pensando que meu mestre insistia que não existe, o que fica para sempre esquecido. Eu acho que isso mostra que ali na montanha não tinha o nada, tinha fogo, fogo do Aítné, do Jabar al-Nar...

REFUGIADA: Etna.

ESTRANGEIRO: Sim, Etna.

REFUGIADA: E você ouviu falar de Heráclito também, né? O jônico?

ESTRANGEIRO: Heráclito... sim, ele se interessava pelo fogo...

REFUGIADA: Você sabe como ele morreu?

ESTRANGEIRO: Não, não sei, viveu em Ephesus, não?

REFUGIADA: Sim, parece que sobreviveu por muito tempo, pelo menos até recentemente, se tornou um andarilho, esteve por muitas partes do mundo, mas não acho que foi à África...

ESTRANGEIRO: Mas ele entrou em alguma deriva como a minha?

REFUGIADA: Não sei, parece que encontrou a fonte da eterna velhice, envelhecia sem parar, se tornava lento, seu corpo degenerava, se tornava quase amorfo mas não completamente, e seguia vivo, dizem que foi até o outro lado do oceano... foi visto pela última vez em Gaza, Palestina, não muito longe daqui, na costa oriental desse mar. Sobreviveu como um refugiado até que sua cidade de Deir Al-Balah foi bombardeada...

ESTRANGEIRO: Bombardeada?

REFUGIADA: Sim atacada pelos ares, por aviões, não sei como te explico.

ESTRANGEIRO: Já vi aviões sim, nos últimos meses. E vi antes eles cruzando os céus, mas não sei se eu estava sonhando...

REFUGIADA: E então Heráclito desapareceu, dizem que se tornou muitas, Heráclitas, espalhadas pelo mundo, mas ninguém diz que tem certeza.

ESTRANGEIRO: Se houver imortalidade, ela envolve uma certa imersão profunda na incerteza...

REFUGIADA: Acredito que ele se tornou cada vez menos reconhecido, seu rosto se tornou um rosto qualquer para quase todo mundo, até porque ele sobreviveu a tantos que o conheciam. Como se ele se misturasse num indivíduo qualquer, como se sua permanência fosse despercebida, difícil de ser traçada – talvez até mesmo para ele. Mas o envelhecimento me parece às vezes isso mesmo, uma degeneração, um apagamento, como se nos tornássemos mais rarefeitos, como se não estivéssemos sempre em nossas vidas, você sabe...

ESTRANGEIRO: Sim. Envelhecer talvez seja se tornar mais e mais como uma lembrança, ainda que sobrevivendo. Acho que morrer é às vezes parte desse envelhecimento...

REFUGIADA: Eu acho que foi isso que aconteceu com Heráclito, ficou interessado pela degeneração lenta, por um caminho em que a morte é só uma ruga a mais.

ESTRANGEIRO: É que esquecemos, mas nunca podemos enterrar coisa alguma no nada. Às vezes me sinto mais próximo de Parmênides quando penso que ele estava falando exatamente disso, que o esquecimento não é o nada. Que desaparecer, ficar escondido, é como estar em uma moita da qual não podemos controlar quem sai – e nem quem entra. Acho que é isso que você quer dizer quando fala da imortalidade, a morte nos põe em brumas que não podem ser controladas, delas saímos ou nelas entramos de um modo e num tempo que não podem ser comandados. O esquecimento, não controlamos o esquecimento, e nem as lembranças. Podemos conjurar uma memória, tentar reavivá-la, talvez, procurar encontrar meios de trazer alguma coisa que se foi de volta às aparências – armazenar, arquivar, escrever como fez Platão. Ainda assim, não é certo que quem se foi volte, e quando volta, volta de um outro jeito porque passa pelo esquecimento e passa também pela rememoração. Quando trazemos alguma coisa de volta à memória, até mesmo lendo uma conversa de tempos atrás, já muita coisa não é a mesma.

REFUGIADA: Como sua conversa com os atenienses tanto tempo atrás...

ESTRANGEIRO: Sim, eu sei do que gostaria de ter falado, do que me arrependo de ter falado, do que não era bem o que eu queria ter falado, mas nada disso estará no texto; depende do que o leitor adiciona ao que lê, e do que mais leu, com quem mais conversou e tudo o mais. É como se o texto estagnasse, ficasse parado, ainda que quem lê sempre muda.

REFUGIADA: Sócrates, como eu te disse, e sempre de acordo com Platão, dizia que um texto escrito é abandonado já que quem o escreve não fica ao seu lado para defendê-lo...

ESTRANGEIRO: Imagino que o próprio Sócrates não estava lá para se defender de Platão, não é?

REFUGIADA: Mas é dessa ausência também que você está falando, não é? Daquilo que fica à mercê de quem eventualmente entende o que Sócrates, ou o que você mesmo disse nos diálogos que você teve e que Platão escreveu. Esse entendimento é uma reminiscência permeada por aquilo que quem lê traz, não é?

ESTRANGEIRO: Como os mortais não controlam suas memórias...

REFUGIADA: Sim, não há como controlar a leitura de qualquer livro, o que quem escreve pode fazer é conjurar. Por isso a escrita é órfã.

ESTRANGEIRO: Tudo o que acontece agora está refém de como será lembrado, como Sócrates ficou refém de Platão... mas não completamente, sempre há uma lembrança inesperada que pode aparecer de qualquer parte. Nem a conjuração das lembranças e nem a aparição súbita de uma recordação são controláveis – a memória não tem casa, não tem morada, não tem endereço certo, *ousia*...

REFUGIADA: Interessante, é como se a memória e o esquecimento fossem o avesso daquilo que os brancos procuram salvar do nada sem serem eles mesmos o mesmo que o nada. Desde a sua conversa com Teeteto, o esforço branco tem sido o de mostrar que apesar do nada poder ser pensado, falado e mesmo existir, há ainda permanências e estabilidades. Mas se o nada não puder ser concebido, e se o não-ser não puder ser, precisamente não há o que temer, há uma imortalidade assegurada.

ESTRANGEIRO: Não ficamos assim próximos de meu mestre Parmênides outra vez?

REFUGIADA: Sim, mas o interessante para mim é que alguns outros que tentaram fazer de Parmênides um antídoto para isso que lhes parece ser o niilismo europeu, o niilismo branco, fazem isso de um modo diferente. Um filósofo da sua terra, chamado Severino, diz que há uma dimensão por trás de todas as aparências que tem a permanência – porque o tempo não existe e é o tempo que destitui a permanência. Ao descartar o tempo, ele aponta para uma realidade subjacente permanente que elude o nada. Há um ser sem nada, sem tempo por trás do que nos aparece, e por trás do que nos lembramos. Ele pensa que o tempo só pode existir se não há ser, se o que existe sucumbe no nada, já que o tempo é que arremessa qualquer coisa em direção à aniquilação. Mas se suprimirmos o tempo, não há mais aniquilação, tudo permanece, tudo pertence igualmente ao presente, o que me parece o mesmo que dizer que tudo tem uma estabilidade. Ele nega o nada negando o futuro e com isso nega também o passado: o verbo ser não se flexiona, sabe?

ESTRANGEIRO: Acho que eu já entendi alguma vez o que dizia Parmênides de uma maneira parecida...

REFUGIADA: Mas o modo como você apresentava há pouco é diferente, tem que haver tempo, porque sem tempo não há esquecimento, lembrança. É outra imortalidade. Severino entende que a imortalidade está na permanência, você está sugerindo que ela está é na possibilidade de uma volta, de uma conjuração, de uma rememoração. É como se Parmênides estivesse dizendo

que não há nada – nem ser e nem pensamento – fora do alcance da lembrança, porque o que sai de cena é simplesmente o que por ora foi esquecido. Mas o esquecimento não é o nada.

ESTRANGEIRO: Não posso te dizer que era assim que eu me lembrava de Parmênides antes do naufrágio, acho que não me lembrava assim. Já não sei mais. Mas me lembro de um sonho que tive não sei mais quando...

REFUGIADA: Um sonho?

ESTRANGEIRO: Sim, acho que foi um sonho. Eu tava no meio do mar, perdido numa caverna, das muitas que conheci como náufrago à deriva. Veio um barco com um homem muito velho e uma mulher também caquética e ainda mais estranha, vestida apenas com penas e pedaços de... palha, ou de madeira, não sei. Era a mulher que conduzia, e eles vinham na minha direção como se estivessem rumando mesmo para mim. Pareciam dois velhos demiurgos. Quando chegaram mais perto, vi que era uma embarcação muito pequena, só com um par de remos que ela balançava, mas bem devagar. Estavam plácidos, entregues às mãos de Netuno. O homem que estava atrás tinha uma cara muito conhecida, mas eu não tenho certeza de quem era – tinha uma cara eleata. A mulher era diferente de todas as pessoas que eu já tinha visto; a embarcação vinha do ocidente, e parecia diferente de todas as embarcações que eu já tinha visto. Quando chegaram bem perto de mim, começaram a falar e eu pouco entendi. A mulher se apresentou como “Pëdlerei”, algo assim, e o homem disse que era filho do raio de sol, se entendi bem. Depois desembarcaram na ilha onde eu estava, deitaram perto dos meus pés e ali dormiram por longas horas. Enquanto eles dormiam, procurei olhar suas caras e seus pés – estavam todos carcomidos e havia rugas que elas mesmas estavam enrugadas. Imagino que eram mais ou menos como eu, éramos anciões de um tempo ido, entulhados numa ilha perdida, com pouco para comer e muito para dormir. Quando acordaram, começaram a falar na minha língua, mas com um sotaque muito forte, o dela irreconhecível, que parecia ser de muito longe, e o dele que se parecia ao das pessoas de antigamente onde eu nasci:

FILHO DO RAIOS DE SOL: Viemos até aqui para encontrar a morte, um caminho longo, ainda mais longo para ela, Pëdlerei, que atravessou o grande oceano. Debaixo desse sol que me dá todas as forças de que preciso, e mais ainda, aquelas que nem sei como usar, em algum momento morro e me torno um peixe, ou uma rocha, ou um grão de sal. A morte é uma passagem, como se nos transportassem para o outro lado de um mar. Para isso vim em busca da caverna de Calipso, para sair do mar e chegar do outro lado, em outra forma...

PËDLEREI: Para mim, a morte é uma renúncia, é um anoitecer, uma saída do horizonte para que deixemos espaço nele. Não serei eu mais um grão de sal, uma rocha ou um peixe, apenas um vestígio – quem atravessa o mar da morte se torna apenas lembrável.

FILHO DO RAIOS DE SOL: Um peixe e depois uma rocha ou um grão de sal...

Em poucas horas eles subiram num desfiladeiro e desapareceram no mar. Quando anoitecia eu vi um peixe que pulava na superfície como me dizendo alguma coisa, nesses muitos sotaques que eu não entendo. Achei que era o homem velho. Já a mulher achava que a morte não era um circuito, era uma irreversibilidade como a da lembrança.

REFUGIADA: Talvez ela tenha se transformado no seu sonho.

ESTRANGEIRO: Sim, fiquei pensando que as lembranças não ocupam espaço no horizonte, mas desaparecem e depois voltam, assim como os sonhos.

REFUGIADA: São esses arquivos que formam o que são o ser e o pensamento; arquivos dentro de arquivos...

ESTRANGEIRO: E imagens... Fico com a imagem do rosto dessa mulher na minha cabeça. É como se aquele rosto insistisse para que eu pensasse alguma coisa, para que eu entendesse o que ela me disse e como ela olhava para tudo de longe no barco e do alto do penhasco da caverna quando a vi pela última vez.

REFUGIADA: Ela ficou em você na forma de um sonho...

ESTRANGEIRO: Mas eu nem sei se foi um sonho ou não foi, quando estive à deriva, não sabia o que era estar acordado, a lucidez me escapava. Foi certamente uma grande travessia, mas é como se eu estivesse morando nas brumas. De todo modo, ali fiquei pensando na impossibilidade do nada, na imortalidade como você diz. Era como se nenhum dos dois acreditasse que pudesse mergulhar no nada, mas enquanto ele acreditava nisso na forma da transmigração para outros corpos que faz mudar de *ousia* mas permanecer em alguma *ousia*, ela acreditava que iria entrar num esquecimento, num esconderijo, que não teria mais um lugar ao sol...

REFUGIADA: As sombras... era por isso que você estava certo em insistir que havia um outro fora do ser...

ESTRANGEIRO: Você acha?

REFUGIADA: Fora do âmbito do que tem um lugar ao sol.

ESTRANGEIRO: Thanatos é filho de Nyx – e irmão de Hypnos...

REFUGIADA: ...por onde não se pode ver claramente, por onde passam as brumas. Diz um filósofo do norte, Kierkegaard, que o sono e a morte são os que não prometem nada mas cumprem tudo.

ESTRANGEIRO: Cumprem? Mas eles precisam de muito tempo... De todo modo, me pergunto de onde ela vinha, aquela mulher, que rosto era aquele que parecia de um ocidente ao ocidente do ocidente... Mas talvez apenas porque ela veio de lá – o caminho que vem do oriente pode passar pelo ocidente. Não sei, um rosto estranho, um rosto desorientador, um rosto de algum outro tipo, uma estrangeira ainda mais estrangeira do que eu fui em Atenas...

REFUGIADA: Hoje seria uma refugiada. De todo modo, você sabe que falam agora de umas terras para além de Atlântida, para além do grande oceano, esse que a tua velha do sonho atravessou. Te mostro no mapa do celular. Aqui está o mar onde estamos, a tua terra, e aqui, ao ocidente, Al-Andaluz, que talvez fosse a Atlântida de que os gregos falavam. Mas mais ao ocidente, há um enorme mar e depois há terras em que há também um sul e um norte... Ali havia muita gente diferente, muita gente que foi vítima de um jeito ou de outro da mesma ferocidade branca que nós por aqui. E eram gentes que viviam e morriam de outras maneiras...

ESTRANGEIRO: Eram gentes dos sonhos?

REFUGIADA: Não, dizem que não. Mas o que é a lonjura se não for uma espécie de sonho de que nos lembramos apenas em espasmos? É como um tempo distante, muito longe de chegar e muito longe pra voltar... Talvez sejamos nós também como os sonhos deles – os sonhos ou talvez o pesadelo dessa gente de além-sonho.

ESTRANGEIRO: Mas se for assim, cada canto terá sua morada que pode ser vista de parte alguma, de um alto mais longe que qualquer longe – de parte alguma, quer dizer, de ponto nenhum, do nada. Os mapas, como esse que está nesse seu aparelho, só podem ser entendidos de alguma parte – é como as datas, os anos que passam, se não estamos em ano algum, não entendemos nada. Também nossas lembranças, é só a partir delas que recuperamos o passado, não há um passado independente de qualquer lembrança...

REFUGIADA: Nenhuma coisa se lembra por si mesma...

ESTRANGEIRO: É assim que tenho entendido as coisas hoje em dia; como você diz, se nos convencemos de que o que se passa vira nada, temos que imaginar algumas eternidades imunes ao esquecimento. Mas não. Parmênides talvez não acolhia o nada – e nem entraria nesse jogo – porque ele não estava procurando esta imunidade ao esquecimento. E sabia que o esquecimento ele mesmo tampouco é o nada.

REFUGIADA: Mas se não há nada, há apenas longas distâncias, para além da nossa vista. É por isso que há alguma coisa externa ao que existe plenamente; primeiro porque há sempre alguma coisa externa a toda coisa e segundo porque a distância não assegura uma permanência garantida.

ESTRANGEIRO: Então você concorda com o que eu disse a Teeteto, que deve haver um outro, fora do ser?

REFUGIADA: Sim, era preciso dizer isso.

ESTRANGEIRO: E esse outro não pode ser meramente o nada?

REFUGIADA: Pense no que disse no sonho a velha americana...

ESTRANGEIRO: Americana?

REFUGIADA: Sim, chamam assim as pessoas que são transatlânticas, que atravessaram o oceano...

ESTRANGEIRO: O que seria atravessar um oceano?

REFUGIADA: Mais mar, muito mais mar do que este que estamos atravessando...

ESTRANGEIRO: Como acordar de um sonho?

REFUGIADA: Exceto que podemos pegar um barco e voltar para o mesmo lugar, para isso há mapas, celulares, máquinas de navegação,

ESTRANGEIRO: E não há mapas para sonhos, como não há mapa para as lembranças, para as lembranças súbitas...

REFUGIADA: Não, isso não puderam inventar. Mas a velha americana do sonho e seu companheiro, acho que viajavam sem mapa, como quem sonha.

ESTRANGEIRO: Ela se transformou num sonho – por isso me pergunto se os sonhos algum dia viram completamente nada... Mas você falava do que ela disse no sonho, não?

REFUGIADA: Ela disse que era preciso atravessar alguma coisa para alcançar a imortalidade...

ESTRANGEIRO: Sim, como o que ocorre quando nos assola o sono ou quando acordamos, recordamos, saímos fora dele. Ou então... quando esse Platão escreve minhas conversas em Atenas e você lê tantos anos depois.

REFUGIADA: Sim, alguma coisa se transforma quando entramos no âmbito da memória, quando nos tornamos lembranças – em textos escritos, na cabeça de alguém, nas marcas na areia ou nas histórias que contam.

ESTRANGEIRO: Entendo, não tem volta... Não é como no mapa, em que você sempre pode ir para o outro lado, o caminho é reversível... Entendo que também os mapas deixam alguma coisa de fora. Como o dia cercado por duas noites.

REFUGIADA: Mas se transformar de maneira irreversível não é cair no nada. O outro mais extremo do ser não existe plenamente. Essa plenitude do nada é onde começa a ansiedade branca, essa ansiedade que é cobiça, inveja, sede de salvação – contra o que não existe inteiramente tem que se instituir alguma coisa que exista acima de qualquer suspeita – ou pelo menos acima de qualquer circunstância. Por isso eles pensam de um jeito que se diz niilista: paira em torno de um nada robusto. E assim eles fizeram do pensamento um aparelho que busca retirar das coisas um segredo permanente – nome e endereço, como quem pede papéis para nós, refugiados. Essas são as perguntas que vão nos fazer quando chegarmos em Lampedusa, se conseguirmos desembarcar – nome e endereço. De onde viemos, o que queremos, como nos sustentamos. Vão ser movidos quase que inteiramente por essa vontade de verdade, nada mais importa sobre nós a não ser o que nós podemos lhes revelar. Essa vontade de um segredo permanente fez eles todos muito impacientes com as nuances, com o que depende de variações incontrolláveis.

ESTRANGEIRO: Entendo, é isso que fizeram com o outro de que lhes falei...

REFUGIADA: Mas você estava certo em lhes falar assim.

ESTRANGEIRO: Você fala em nuances, às vezes eu penso que talvez meu mestre Parmênides poderia ser entendido de uma maneira que eu não sei se entendi antes de minha longa viagem de volta que ainda não terminou. Não há o nada porque o ser é ele mesmo uma gradação, da lembrança mais nítida que é a percepção – a impressão numa cera de alguma coisa que está numa memória externa – até o mais turvo esquecimento. Se é assim, Parmênides talvez tenha querido dizer que nada fica aniquilado, que não há este extremo em que o esquecimento converge na direção do nada. Quando procuramos pensar naquilo que é o mais velado, escondido, somos capazes de trazê-lo de volta, de buscar, já que o que já foi deixa suas marcas mesmo quando não deixa vestígios.

REFUGIADA: Como um poço que perfuramos, perfuramos e não encontramos o fundo?

ESTRANGEIRO: Sim, perfuramos as memórias – as nossas e as do mundo – com o pensamento, e o que não há é o que não pode mais ser encontrado. O pensamento tem parte com o que existe porque ele é também um procedimento de memória; ele procura mundo afora o que os esquecimentos deixaram perdido – não é que não podemos pensar no que não é, é que o pensamento instila uma gradação ainda que baixa de existência no que recupera do esquecimento. É sempre uma tarefa difícil separar aquilo que se chama de lembrança daquilo que se chama de imaginação, não é?

REFUGIADA: Sim, bastante difícil. É por isso que quando não acreditam nos nossos testemunhos estão travando também uma batalha que tem lugar na memória – a imaginação talvez seja a memória dos outros. A memória descartada.

ESTRANGEIRO: Veja, os atenienses acreditavam que alguma coisa que não existiu não poderia ser lembrada, e aí se perguntavam como poderia ser imaginada já que a imaginação teria que ser uma espécie de lembrança do não-ser.

REFUGIADA: Haveria uma espécie de crivo que, determinando o ser e o não-ser de uma vez por todas, pudesse decidir o que é lembrança e o que é imaginação. Para esses teus atenienses, era importante que houvesse esse crivo, ainda que eles pensassem que jamais teriam eles mesmos uma maneira de simular esse crivo. Separar lembrança de imaginação é difícil, mas me pergunto porque teríamos que lidar com esta dificuldade. Por que precisaríamos tê-las separadas?

ESTRANGEIRO: Pois precisamente se há uma gradação entre ser e nada, como entre o quente e o frio, e não tem como haver um nada num dos extremos – nem falar dele, nem pensar nele – há também uma gradação entre a lembrança vivida e a história mais imaginada... A ficção é também uma tentativa de alcançar alguma coisa que foi perdida de vista nas brumas, uma memória remota, como um sonho é uma recordação fugidia. Às vezes inventamos coisas que servem como iscas para nos orientar nas brumas do esquecimento – é aí que está a impossibilidade do nada. Às vezes só podemos inventar, mas ao inventar alguma quantidade de ser vem ao nosso encontro... se não há nada.

REFUGIADA: Os brancos, desde os teus atenienses, foram tomados por um medo cada vez maior de se enganarem, de serem enganados, uma ânsia de segurança...

ESTRANGEIRO: Sim, separar lembrança e imaginação de forma bem marcada é um exercício para que eles possam lidar com a mentira, com a enganação, com a possibilidade mesma de se proferir aquilo que quem profere toma como falso.

REFUGIADA: Sim, te chamaram para ajudar a combater os sofistas, aqueles que poderiam atentar contra sua ânsia de verdade a qualquer custo. Teus atenienses começaram um movimento em direção a dar um salvo-conduto a tudo o que persegue a verdade. Eles começaram a pensar nessa verdade branca, desprovida de qualquer outro valor e à qual é a justiça que deve se adaptar. Há, às vezes, na mentira, um bom motivo – como sabemos todos que falsificamos papéis para cruzar essas fronteiras deles. Às vezes, como disse uma personagem de uma tragédia de Shakespeare, um trágico às vezes mais intenso que Sófocles e Eurípedes, esses que você deve conhecer, às vezes se mente até para falar a verdade...

ESTRANGEIRO: Shakespeare?

REFUGIADA: Sim, essa é uma tragédia de séculos atrás, se chama Macbeth. E trata de um oráculo, que, como os de Pítia, tem que envolver em opacidade aquilo que revela. Desde os tempos dessa tragédia, os brancos intensificaram ainda mais sua noção de verdade inerte e indiferente a tudo. Há verdades e falsidades independentes de qualquer circunstância, verdades substantivas. Os oráculos, se mentem, mentem porque não falam senão meias verdades. A profecia do oráculo de Delphos, por exemplo, “matarás teu pai e casarás com tua mãe”, proferida para Édipo, não poderia ser nem verdadeira e nem falsa porque as verdades ou falsidades são ou sobre Laio e Jocasta ou sobre aqueles que Édipo pensava serem seus pais.

ESTRANGEIRO: Eu imagino isso sendo gestado em Atenas...

REFUGIADA: Talvez. Às vezes penso que tudo acontece fora mesmo do que tramam os humanos, como se tudo fosse gestado num começo tão ancestral que nem sequer poderíamos pensar que ali está começando alguma coisa. Se você teve alguma coisa com o começo desse pensamento branco, ele mesmo já se voltou contra você... Mas fico pensando em teu arrependimento – como eu te disse, você fez muito bem em contar aos atenienses acerca do outro, que o ser não é tudo. Agora, você disse agora que talvez haja uma gradação entre o ser e o nada, você então está entendendo o nada como o ponto máximo impossível do esquecimento, não? O fundo do poço sem fundo.

ESTRANGEIRO: Sim, algo assim.

REFUGIADA: A memória e o esquecimento são guiados pela justiça; por exemplo, dívidas, heranças, méritos, reparações, responsabilidades. Há na memória alguma coisa que não é apenas a intensidade da nitidez das lembranças – alguma coisa se passa que diz respeito ao processo mesmo de rememoração sem o qual a retenção da memória não faz sentido. Guardamos, e não apenas as pessoas guardam, porque há um *depois*. Mas no depois, o que guardamos e queremos resgatar já está em outra circunstância, outras coisas foram adicionadas precisamente por causa desse depois, é assim?

ESTRANGEIRO: Sempre é um outro, mesmo que seja eu, aquele que vai rememorar.

REFUGIADA: Se o ser está na gradação da memória, ele está à mercê da rememoração. E a rememoração não é só nossa, de nós que estamos aqui, vivos agora, de todas as coisas que existem agora, é também de tudo o que ainda virá. Ou seja, não é que haja um passado independente de toda memória – mesmo a dos corpos dos bichos, das formas das montanhas, dos movimentos das marés – mas há sempre a recordação que virá, a recordação dos outros. As rememorações futuras é que vão dar forma a esta memória, ela não é em si mesma, digamos, não está fechada em si, está nas mãos das recordações que virão, que não estão nela, que não estão imersas nela, estão além dela.

ESTRANGEIRO: Além dela...

REFUGIADA: Sim.

ESTRANGEIRO: É como se a memória fosse aberta, fosse incompleta, ainda que essa incompletude só se torna clara quando procuramos acessá-la e encontramos um espaço entre os pontos que reconhecemos. Você fala dos corpos dos bichos, das formas das montanhas, dos movimentos das marés como sendo elas mesmas memórias, eu às vezes desconfio disso também. É como se tudo fosse povoado de um passado às vezes ancestral mas que não desaparece completamente, não é? É tudo muito velho porque está cheio de dobras do passado... O passado que não cai no nada, não se aniquila, insiste no meio das coisas, ainda que não permaneça como era. Essa ideia das rememorações me faz pensar em quando vamos investigar alguma coisa e temos apenas pistas; temos que preencher o espaço entre essas pistas porque senão não fazemos nada com essas pistas.

REFUGIADA: Hoje em dia muitas pessoas em contato com os brancos estão convencidas de que os animais e os humanos estão conectados por elos de parentesco. São parentes, ainda que distantes. E o que é o parentesco? É também uma forma de memória. A reprodução é uma rememoração. Um animal que se reproduz se preserva, mas forja um outro animal. Assim,

as espécies dão origem a outras espécies, há um código que rege essas heranças, um código genético, que é lido como lemos um texto, uma lembrança. Quem lembra já é um outro.

ESTRANGEIRO: Mas lembra, lembra a forma da mãe e do pai, às vezes vemos uma criança já com vários traços da mãe e do pai, apenas em tamanho menor.

REFUGIADA: Sim, vemos o corpo se desenvolvendo e não sabemos como ele vai chegar a ter aquela forma já que seus materiais são tão diversos, mas ele se lembra, lendo o seu código, da forma de sua espécie. É uma espécie de retorno, de retomada, de recuperação, sabe? A forma do corpo é mantida, ainda que todo o resto tenha mudado. Como quando o oráculo prevê alguma coisa mas não prevê o que vai tornar aquilo possível – e revela parecendo que mente. Do futuro temos apenas presságios, como formas que pairam, os gestos que ressoam mesmo quando o resto parece ter sido esquecido – prevemos o futuro apenas se não houver acidentes, apenas se houver nele alguma coisa do passado. O passado é assombrado, mas o futuro também é povoado de espectros.

ESTRANGEIRO: E se o outro que vai ler, que vai lembrar, que vai recuperar o que foi guardado nunca vier?

REFUGIADA: Enquanto aquilo que está guardado permanecer, sempre pode vir quem recupere. Porque senão, o que significaria estar guardado? Ou seja, o outro sempre está pairando, o outro está sempre sendo esperado, mesmo que demore, sabe?

ESTRANGEIRO: Por maior que seja aquilo que existe, há um lado de fora...

REFUGIADA: O lado de fora não está apenas alheio ao que existe, é ele que cria estrias, cria derivas no que existe. Como nós, chegando nesse barco que parece que não deveria existir segundo os cálculos dos brancos bem ali, do outro lado do mar, no continente deles.

ESTRANGEIRO: E nós não somos o nada, nós nunca seremos o nada, por mais diferentes, por mais estrangeiros que venhamos a ser... ilegais, refugiados... clandestinos...

REFUGIADA: É o que eu penso, sim. Há a memória e o esquecimento, sim, mas há também aquilo que vem lembrar. É por isso que a morte não pode ser um mergulho no nada.

ESTRANGEIRO: Eu te escuto, acho que é talvez como um sonho, como aquele com a mulher do ocidente; o outro é como um sonho que te arranca da vida desperta... Você tem razão, você me convence de que o ser não basta, mas o outro deriva o nada só numa deriva, como você diz. Tão outro ele é, tão interminavelmente outro pode ser, que nunca aniquila por completo, nunca pode se tornar o nada – ele nunca se completa, nunca se torna completo. Por isso fico pensando que mesmo que minhas palavras sobre o outro permitiram que o nada fosse pensado, não é o nada que nós estrangeiros trazemos. Mas imagino que foi o nada, e só o nada, que foi lido por eles no outro que eu trouxe...

REFUGIADA: Foi, e eles tiveram que conjurar hiperseres para exorcizar esse nada, por exemplo, a verdade diante da qual nada mais importa e um deus todo-poderoso que pode oferecer uma vida eterna depois da cortina de névoa que é a morte. Esses hiperseres serviram para lançar os outros ao nada – primeiro aqueles que, por serem infiéis, não alcançam a eternidade da vida pela ressurreição, e depois aqueles que não conhecem a verdade ou que se desviam futilmente dela. Os estrangeiros dos brancos se tornaram então aqueles que não guiam suas crenças apenas

por um intento de modelar a verdade – ou que respondem a verdades que não chegam aos ouvidos dos brancos.

ESTRANGEIRO: Esses hiperseres... vamos encontrar com eles quando desembarcarmos lá, naquelas terras?

REFUGIADA: Naquelas terras que não estão distantes das tuas terras... sim, mas que são também terras diferentes agora, mais brancas, ainda que cheias de imigrantes como nós. E sim, os hiperseres, já encontramos com eles um tanto. Este barco, tão precário, esse medo que todos temos de que vamos chegar lá para sermos apenas miseráveis, apenas pobres, já nos coloca na barriga desses hiperseres brancos; um dos hiperseres que eles conjuraram foi o dinheiro, o dinheiro que pode se multiplicar e por isso mesmo escapa do aniquilamento. Ele é como esses bichos que se reproduzem se dividindo ao meio, sabe? Cissiparidade, chamam. O dinheiro se reproduz dessa maneira, se multiplica e por isso pode alcançar uma imortalidade já que consegue passar ao largo do nada. Os brancos ensinaram o mundo a amar aquilo que ultrapassa qualquer morte, que escapa dela – um pouco como o filho do raio de sol do teu sonho, talvez. Aqueles que permanecem, que não se distorcem, que não deixam a cena, que firmam seu lugar ao sol. E é por isso que temem aqueles que preferem outra coisa que não seja a permanência...

ESTRANGEIRO: São muito apegados à vida, é? A esta que parece que conhecemos?

REFUGIADA: Tem um outro italiano, Primo Levi, outro da tua terra, que conta de uma tribo amazônica... uma tribo da floresta além do oceano... Ele diz que havia pesquisadores que estavam procurando entender porque os lêmingues, pequenos roedores das costas do norte, correm para o mar e se matam. Todo um bando, em um gesto suicida. Eles estudam o sangue desses animais, comparam com os de outros roedores e descobrem que falta nesses suicidas um elemento, um ingrediente. Eles chamam isso de substância-do-apego-à-vida-pela-vida, algo assim. E conseguem produzir esse ingrediente, artificialmente...

ESTRANGEIRO: Como assim?

REFUGIADA: Sim, a capacidade de criar coisas artificiais que substituem e suplantam as naturais aumentou muito... Dizem até que isso também foi movido pela ânsia de sair do jugo da vida e da morte naturais, ter as coisas mais à disposição, comandáveis, capazes de serem geridas – ao invés de esperar elas aparecerem ao seu bel-prazer.

ESTRANGEIRO: Medo de morrer?

REFUGIADA: Talvez, quem não teria medo do nada?

ESTRANGEIRO: Entendo. Mas o que eles fazem com essa substância artificial?

REFUGIADA: Eles injetam nos roedores, e os roedores param de se matar. Também tentam em outros animais que eventualmente se suicidam. E ouvem falar dessa tribo da floresta do extremo ocidente em que as pessoas se matam se não há mais nada que esperar da vida...

ESTRANGEIRO: Por que viveriam?

REFUGIADA: Eles oferecem a poção com esse artifício a essa tribo, e eles recusam o presente. Dizem que preferem a morte à ilusão. É como se a ciência branca tivesse criado uma substância da permanência, uma *ousia* da *ousia*, sabe? E essa tribo preferiu a morte, que para eles não era talvez o nada ao qual se preferiria qualquer coisa...

ESTRANGEIRO: Os brancos, pelo que você diz, caíram de amores pelo nada?

REFUGIADA: Um amor difícil, seguramente não um amor de entrega total, um amor ambíguo. Obsessão, mais do que tudo. O nada fez eles montarem seus hiperseres.

ESTRANGEIRO: Eu fico pensando também... também na gradação entre o ser e o nada, se Parmênides estava certo que não há o nada uma vez que o esquecimento pode ser lembrado – e ele precisa do outro, como você diz – ele estava errado em achar que o ser na sua forma máxima, por sua vez, e por si mesmo, existe...

REFUGIADA: A lembrança completa?

ESTRANGEIRO: Sim, também a lembrança não se completa jamais porque ela é a lembrança que eu mesmo tenho, também ela é uma memória e uma rememoração, uma coisa guardada e alguma outra que recupera – mas nesse caso as duas estão mais próximas uma da outra. A memória jamais persiste sozinha, ela tem dentro de si uma promessa, uma promessa de resgate. É como um tesouro escondido, como o do rei Príamo em Troia – foi escondido para que algum dia possa ser encontrado. É certo que às vezes o tesouro nunca foi encontrado, mas ele sempre pode ser encontrado um dia. Os tesouros são como uma pedra lançada ao futuro, e acho que tudo o que é assim. Meu mestre Parmênides tinha razão em insistir que as coisas não são aniquiladas, digo que há apenas uma gradação de ser – a gradação máxima seria a lembrança completa que não é possível porque sempre alguma coisa ainda pode vir a ser lembrada na mais nítida das minhas lembranças. Sempre há um esquecido naquilo que lembramos, por mais intensa que seja a atenção. Mesmo quem escreve um texto, quando está escrevendo o texto, não sabe muito bem o que encontrarão os que lerão. Sabe lá o que vai valer um tesouro quando for encontrado...

REFUGIADA: Te conto que o tesouro de Príamo em Troia foi encontrado.

ESTRANGEIRO: Foi encontrado?

REFUGIADA: Sim, primeiro a própria cidade de Troia se tornou ruínas, dizem que foi destruída diversas vezes, e terminou soterrada por muitos séculos. Depois descobriram a cidade e para se convencerem que era mesmo Troia, acharam o tesouro de Príamo...

ESTRANGEIRO: Quem encontrou o tesouro?

REFUGIADA: Um europeu chamado Schliemann, mas depois o tesouro foi perdido outra vez e encontrado num museu local, e depois perdido outra vez...

ESTRANGEIRO: E quem era esse... Schliemann?

REFUGIADA: Era um escavador, parece que ele estava procurando Troia para saber se os textos de Homero eram memória ou imaginação – os brancos queriam decidir se poderiam colocar Troia em sua narrativa oficial, segura, assegurada. E queriam recuperar mais de Troia, escavar o que ficou soterrado.

ESTRANGEIRO: Quer dizer que para eles o que valia no tesouro de Príamo era Troia?

REFUGIADA: Sim, algo que os troianos jamais imaginaram, que talvez Homero nunca imaginou, e Príamo menos ainda. O valor do que Príamo pôs no tesouro, o valor como riqueza, já valia muito menos já que tantos metais foram escavados depois que Troia ficou soterrada. O que valeu para os escavadores foi poder recuperar Troia.

ESTRANGEIRO: Entendi.

REFUGIADA: Hoje, por exemplo, um dos tesouros que mais se procura são fósseis muito antigos que ficaram guardados sob a terra e que agora são recuperados porque são combustíveis, movem carros, barcos, aviões. Este barco mesmo tem um motor a petróleo, feito de fósseis antigos, deixados na terra e que foram lembrados muitos milênios depois na busca de energia para os motores...

ESTRANGEIRO: Esse barco anda pelo poder de fantasmas, de... mortos do passado?

REFUGIADA: Sim, e todos esses mortos do passado, sobre eles nos lembramos apenas que eles podem mover os motores, que são capazes de fazer coisas andarem...

ESTRANGEIRO: Ninguém imaginou que seus cadáveres serviriam para alimentar essas máquinas de vocês...

REFUGIADA: Como você não imaginaria o que fizeram com o que você disse aos atenienses. Ninguém é o único autor do que faz; dizem que é mesmo impossível fazer uma coisa só. Também as personagens não são as únicas responsáveis pelas narrativas que contam delas – narrar para conjurar uma memória é um passo na direção da justiça, mas sempre tem alguma aresta para ser contada numa outra estória, num outro relato, numa outra lembrança... ou em um outro uso do que se encontra pela terra.

ESTRANGEIRO: Sim... sim... tantas coisas mudaram. Não sei o que vai ser de mim quando eu chegar na minha terra...

REFUGIADA: Sabe sim, você vai ser um estrangeiro, vai seguir sendo um estrangeiro, de um tempo e de um espaço que não existem mais – vai ser tratado como um imigrante, como aquele que veio de alhures, mesmo vindo de outrora, de outro tempo. Ninguém conhece tua língua, ninguém se veste como você, ninguém sabe as coisas que você sabe... você vai ser um marginal, como era tratado na Líbia.

ESTRANGEIRO: Então não tem sentido voltar a Elea... a Velia...

REFUGIADA: Em certo sentido não, mas para onde mais você poderia querer ir? De tão longe como você está, de onde você vem, todos os lugares são muitos parecidos. Mas você talvez reconheça as montanhas, as praias, as pedras, o mar, talvez algumas plantas e bichos... paisagens... memórias de longo prazo, algumas duram até mais do que o teu corpo que também é uma memória. Afinal, ninguém sabe o que vai ser recuperado numa memória, o que vai ser encontrado e que nem é o que foi guardado.

ESTRANGEIRO: Sim... De todo modo fico pensando no futuro momento em que vou chegar lá, em Elea, na antiga Elea, mais ou menos por lá. Quando eu vir aquelas colinas outra vez.

REFUGIADA: Talvez não demore muito, em breve talvez desembarcaremos.

ESTRANGEIRO: Fico preocupado. E imagino esse momento de chegar lá, na minha terra. É um momento que estou preparando há muito tempo, ainda que eu venha pensando que não há nem num momento presente o ser em forma completa.

REFUGIADA: Mas dizem que a eternidade pertence a quem vive no presente...

ESTRANGEIRO: Sem o tempo passando, o ser seria eterno e, assim, completo, é isso?

REFUGIADA: Acho que é essa a ideia, arranca-se o tempo do ser e este então fica completo, associado ao nada de tempo que é o eterno.

ESTRANGEIRO: Porém é certo que não se é sem tempo, sem promessas, processos, expectativas, heranças... Acho mesmo que quando uma coisa se apresenta, quando a vemos porque ela se coloca diante de nós, ela está mais próxima do que quando ela já se ausentou – porque há a memória que é aquilo mesmo que estamos vendo e a imagem daquilo que estamos vendo no que estamos vendo. Mas alguma distância sempre há porque sempre podemos encontrar coisas no que vemos que não vimos naquilo que vimos antes. Não é? Sempre podem encontrar algo que eu não percebi em alguma coisa que eu vi. Perceber alguma coisa é também uma memória, como gravar uma forma numa cera... A eternidade supõe uma permanência mesmo sem tempo, sem a degradação que o tempo traz. Mas sempre há alguma coisa mais no que insiste... e o presente só é um refúgio mesmo no presente.

REFUGIADA: Terra à vista, veja lá, a Europa, no horizonte.

ESTRANGEIRO: Depois de tudo o que você disse, parece que estamos à beira de um portal, que estamos prestes a fazer uma catábase, uma descida aos infernos.

REFUGIADA: Os portais se atravessam, eles também nos atravessam, a Europa põe portais dentro da gente – quem consegue entrar tem sempre alguma fronteira a mais para atravessar. Talvez com a morte também seja assim, não paramos mais de morrer. De todo modo, há uma diferença entre aqueles que estão deste lado, que estão ainda vivos, e os que já morreram. Nós, parece, somos como os guardiões da vez, nesse momento estamos de guarda, ainda que nossa guarda não deixe nada como estava antes. Somos quem está contando o que aconteceu agora, temos o encargo de fazer justiça aos que não estão – nenhuma narração é a última, há sempre alguma coisa a acrescentar, como você diz. Por isso, pelo menos, estamos na beira do depois, estamos nessa urgência já que a nossa narração é a que se escuta agora.

ESTRANGEIRO: Tenho medo de que as pessoas de hoje sejam irreconhecíveis para mim... as pessoas de Velia, não você e nem as que eu conheci na Líbia...

REFUGIADA: Eu te deixei com medo. Esquece. E tudo o que você encontrar agora não é apenas um fruto do que você começou – acho que nenhum começo é mais decisivo do que o que se adiciona no caminho, não acha? De todo modo, também Sócrates e os outros atenienses que você conheceu estariam hoje num ambiente difícil de entender se estivessem vivos na Atenas de hoje. Como fantasmas, como espectros lembrados tantas vezes, se adaptaram bem...

ESTRANGEIRO: Parece que há uma diferença entre os que vivem e os que são lembrados, são diferentes mas têm uma capacidade de se comunicar, de concatenar... como o ser e o outro de que eu falava em Atenas, que nunca se integram mas que se interrompem, o ser responde ao outro, está vulnerável ao outro.

REFUGIADA: Sim, por isso nenhum sensível se resume a um inteligível que lhe corresponde.

ESTRANGEIRO: Sim, tenho a impressão de que Parmênides não gostava dessa correspondência que Sócrates parecia defender desde jovem; as formas não têm uma primazia sobre as coisas, não as dominam completamente – ademais, as formas são divisíveis, pois se pomos um manto sobre diversas coisas, não é o mesmo manto que está sobre todas as coisas, são diferentes

partes do manto que estão sobre cada coisa. Parmênides suspeitava que Sócrates queria apagar completamente as coisas em favor de formas que as cobririam universalmente – todas as uvas teriam a forma da uva, todos os barcos a forma do barco e, assim, cada barco seria dispensável, como se diz... redundante.

REFUGIADA: Sim, a inteligência que separamos das coisas, extraímos delas, torna o sensível dispensável. O pensamento recebeu na Europa a missão de fechar os espaços de nada, os espaços vazios, de garantir continuidade. Você já viu aqueles blocos de gelo que ficam derretendo lentamente? Imagine se você tivesse a missão de enxugar um bloco desses... Parece que é uma missão assim a que deram ao pensamento. A inteligência, ela acossa e parte, ela não fica, ela vai e volta, entende e desentende...

ESTRANGEIRO: Sim, o pensamento é uma maresia, uma maré... Não deveria ter dito a eles que há um jeito de pensar o nada... Tenho medo desse meu retorno tão fora de época.

REFUGIADA: Nunca se retorna para o mesmo lugar...

ESTRANGEIRO: Mas você não pretende mais retornar ao seu país, a Europa para você é um caminho sem volta, é isso?

REFUGIADA: Desde que essa última guerra começou, estivemos sem ter para onde correr no Mali. Tenho parentes tuaregues, tenho parentes do sul, vivi muito tempo em Timbuktu. Mas agora tudo está diferente, meus parentes morreram ou sumiram, alguns emigraram, e não sei do rastro de quase nenhum. A África é uma terra desmoronada pela Europa quase a cada geração. Nós nem sequer temos a força para nos opormos a ela porque a conquista é uma conquista das forças – e da memória. Mesmo assim resistimos, em Timbuktu há conversas que os brancos nem imaginam... Meu irmão vinha para cá, mas desapareceu; meus sobrinhos saíram em busca dele, mas também perdi o rastro deles. Não posso dizer que estou em busca deles porque nem sei onde procurar. Mas não sobrou muito para mim depois da guerra, as escolas fecharam e, quando abriram de novo, já não me interessavam... O que me restou? Esta fronteira, esta fronteira crucial, um pouco como a vida e a morte, mas mais crucial, mais demorada, mais prolongada. Resolvi que o que me faltava ainda era entender a Europa tentando chegar nela... os brancos deixaram em Mali a ideia de que eles eram o centro do mundo. E que seus temores eram os mais assustadores...

ESTRANGEIRO: Os temores ao nada?

REFUGIADA: Eles começam falando de salvação, e terminam salvando só seus próprios corpos. Suas máquinas, seus corpos artificiais, precisam dos tesouros escondidos embaixo das terras onde vivemos e que são recuperados para serem consumidos em seus projetos de imortalidade. Assim, eles nos impedem de entender os pretos. Só me restava entender os brancos.

ESTRANGEIRO: Há um preço a ser pago pela preservação de si mesmo a qualquer custo diante de um nada – a aniquilação dos outros...

REFUGIADA: Ah! Vou parar de te assustar com os brancos... Logo estaremos chegando na terra deles.

ESTRANGEIRO: Nunca imaginei que seria tão longo o meu retorno.

REFUGIADA: Quando chegarmos, é melhor termos um plano.

ESTRANGEIRO: Um plano?

REFUGIADA: Sim, vamos dizer que você veio comigo do Mali, que perdeu seus papéis na viagem, ou que salvamos você de um afogamento... ou que somos casados...

ESTRANGEIRO: Mas por que? Eles... sim, eles não vão acreditar no meu relato.

REFUGIADA: Vai parecer suspeito, vai parecer talvez tão suspeito que eles nem saibam o que fazer.

ESTRANGEIRO: Entendo.

REFUGIADA: Todo mundo que chega aqui tem que se passar por ninguém, por anônimo, por mais um que tem a história que eles esperam que todos nós tenhamos. Temos que mostrar que somos refugiados adequados, que passamos no teste de sermos parte daquilo que eles conhecem e nada mais.

ESTRANGEIRO: Sim... Mas você não quer investigar a fronteira? Se você faz o que se espera você não fica à altura de uma investigação...

REFUGIADA: A fidelidade à verdade não ajuda a investigar coisa alguma... Você sabe. Além disso, você quer é chegar a Velia, Elea, o que seja. Você quer atravessar a fronteira, não é isso que você quer?

ESTRANGEIRO: Eu achava que você também queria isso.

REFUGIADA: Quero, mas para mim é diferente, se trata de uma fronteira, mais do que de uma barreira. Eu quero saber como a Europa vai me receber, eu que fui educada nos seus moldes, como se alguma coisa branca pudesse substituir minha raiz preta. E eu não espero nada. Mas sei que se eu passar dessa fronteira vou encontrar muitas outras...

ESTRANGEIRO: Então te serviria ir para Velia?

REFUGIADA: Para mim é apenas uma cidade branca, uma entre muitas outras, eu não tenho nenhum destino em particular. Meu irmão, além disso, pode estar em qualquer cidade desse lugar. Vivo ou morto. Mas chegou a minha hora de fazer esse caminho.

ESTRANGEIRO: Acho que vamos chegar, acho que vamos conseguir pelo menos alcançar a terra...

REFUGIADA: Parece que sim.

ESTRANGEIRO: Você me assusta... mas também me tranquiliza te escutar.

REFUGIADA: Por quê?

ESTRANGEIRO: Parece que você me conta do que há para além da Europa. Você me conta muitas coisas dessas terras do ocidente, do sul que também não são a tua terra...

REFUGIADA: Não, é a terra de outros, eu mesma nasci do mesmo lado do oceano que a Europa. A terra do outro lado do oceano perturbou muito os europeus quando eles a encontraram... Lá havia muita gente que não conhecia reis, nem leis, nem governos, nem comandos. Parecia que nem tinham deuses... mas que foi uma terra que os brancos também domaram, conquistaram e puseram também o que havia lá antes numa espécie de esquecimento. Nosso destino na África está entrelaçado com aquelas terras, a Europa levava africanos para serem violentamente escravizados por lá. Eles partilham conosco a maldição da abundância. Quando os europeus

chegam, acham uma terra de exuberâncias, e começam a transformar a abundância em riqueza, para eles. E a dizer que quem morava lá vivia pior, era pior, não sabia de nada – e não podia se salvar do nada...

ESTRANGEIRO: Os nativos deviam ter uma outra forma de entender a morte, de pensar sobre o nada...

REFUGIADA: Eu não sei, eram muitos povos muito diferentes entre si, é uma terra imensa, e foram todos massacrados porque muitos não entendiam o que era serem dominados, conquistados... e acho que tratavam a morte como alguma coisa mais pessoal, mais próxima. Como um ingrediente da coragem de que se precisa para viver. A morte é uma coisa a mais que acontece aos corpos, que sempre são afetáveis pelos outros. A morte é um rearranjo, como no teu sonho, não exatamente um fim – uma coisa que acontece às carnes. Os europeus ficaram particularmente assustados quando descobriram que muitos desses nativos de além-oceano comiam carne humana, alguns regularmente.

ESTRANGEIRO: Comiam, cozinhavam e comiam?

REFUGIADA: Acho que às vezes assavam, dizem uns relatos que é carne muito saborosa, adocicada...

ESTRANGEIRO: É um jeito de assimilar a imortalidade da carne. Eu me lembro de ter comido muitos peixes crus durante o meu tempo perdido no mar. Em minha terra criamos muitos animais para comer; e tem gente que diz que nos tornamos parecidos com os animais que comemos. Eu às vezes me acho agora parecido com os peixes desse mar, como um peixe pequeno, como os que eu conseguia caçar. Às vezes penso que devo a vida a eles, de alguma maneira eles sobreviveram em mim também...

REFUGIADA: Você não acha repelente a ideia de comer carne humana?

ESTRANGEIRO: Não, penso em Prometeu, em Tereus, em Cronos... Eu já ouvi relatos de comedores de gente, a carne humana não deve ser muito ruim mesmo.

REFUGIADA: Talvez tenha se tornado, passamos a comer coisas muito diferentes desde o seu tempo... De todo modo, uma coisa é comer carne humana como punição ou como vingança, outra coisa é comer carne humana para garantir alguma coisa depois da morte; pode ser uma hospitalidade. Quem come se ocupa pessoalmente do futuro de quem morreu. Eu penso muito nisso quando penso na morte...

ESTRANGEIRO: Imagino que algumas pessoas devem pensar que comer uma pessoa morta é comer uma carne cheia de nada...

REFUGIADA: Mas é comer uma memória... Veja, vamos desembarcar, fique calmo. Fique ao meu lado, não fale nada de Atenas, se você entender o que estão te perguntando...

MARIA: Micha então disse que ele começou a passar mal assim que eles pisaram na costa de Lampedusa. Ela acompanhou ele e ficaram detidos por muitos dias. Ele tinha muita dificuldade em ser entendido e preferiu mesmo não falar. Ela então teceu muitas histórias para as pessoas da fronteira, e parece que, ao final, foram enviados para Nápoles, que não é longe de Elea, de Velia... Logo que chegaram na cidade grande e começaram a pensar em como seguir, ele ficou

bem doente e foi para o hospital. Micha não sabe ao certo o que aconteceu depois. Maria do Mali preferia não contar o que aconteceu depois, pode ser que ele ficou em coma, inconsciente no hospital – outra vez à deriva. Mas Micaela tem seus motivos para acreditar que aconteceu uma coisa mais: ele morreu. Maria então levou o velho para a acomodação onde estavam, tirou suas roupas e deu um jeito de assá-lo na cozinha sem ninguém ver. Não sei como conseguiu levar o cadáver para fora do hospital, provavelmente levou quando ele estava ainda vivo. Ela guardou a carne por muito tempo e comeu o máximo que conseguiu. Depois da devoração, ela o levou para Elea, para onde ele estava tentando voltar por séculos. Como ele tinha sido admitido oficialmente na Europa e sumiu sem deixar nenhum traço visível aos equipamentos da fronteira, ela se tornou a fugitiva que era quando Micha a conheceu. Vejo que vocês ficaram acordados até o final da história, e já é tarde da noite.

QUETZAL: Eu cochilei um pouco às vezes, eu acho, mas acompanhei a história, talvez tenha sonhado umas partes.

OPPEN: O sonho, essa refugiada, a Maria do Mali, parece que é feita de sonho mesmo. Ou então é todo o resto que é um sonho. De toda maneira, o que mais ela poderia fazer com o Estrangeiro morto senão tentar engolir seu corpo?

QUETZAL: Acho que ela foi para a Europa para encontrar uma maneira de devorá-la...

YOLANDA: Você sabe, Maria, essa conversa me fez lembrar minha tia, irmã da minha mãe, que foi muito jovem para São Paulo, no Brasil, e perdeu o marido quando tinha vinte e poucos anos... Talvez seja também porque eu estava te ouvindo como eu ouvia minha mãe ler as cartas que minha tia lhe escrevia desde antes de eu nascer. Essa minha tia escrevia quase toda semana, eram cartas que minha mãe lia e relia. E minha mãe lia para mim longos trechos quando eu estava crescendo, era o nosso único momento de família – eu e minhas irmãs ouvindo minha mãe ler as cartas da tia Mercedes, assim ela se chamava. Mas nós não podíamos ler por conta própria, minha mãe decidia que partes ela leria para cada uma de nós, que trechos leria para todas e que partes ela pularia, que partes ela enfatizaria, a que partes daria menos importância... Algumas vezes eu e minhas irmãs ficávamos curiosas e líamos as cartas completas, que minha mãe guardava muito bem guardado em diferentes lugares – nós nunca conhecemos todos os esconderijos, mas conhecíamos alguns. De todo modo, me lembro que quando o marido de Mercedes morreu, ainda bem antes de eu nascer, ela foi ser empregada doméstica na casa de Maria Antonieta d'Alkmin, uma mulher que se casou com um filósofo, escritor brasileiro, Oswald de Andrade se chamava. Mercedes, quando jovem, era muito católica, e Oswald era um entusiasta da antropofagia, uma forma de comer humanos, ele havia escrito muito sobre isso que considerava um ponto de partida para uma maneira de pensar os originários do continente, para um pensamento que não fosse colonizado pelos brancos. Na época, ele estava em seus últimos anos de vida, cuidando de suas propriedades mas ao mesmo tempo muito entusiasmado com a devoração como projeto político, uma coisa assim. E Mercedes ficou muito curiosa com o que escutava, de vez em quando, naquela casa – ainda que tenha ficado pouco tempo. Ela escrevia bastante sobre o conflito entre o que mandava a religião e aquela ideia que a princípio a chocou mas lentamente foi tomando o seu interesse, sempre permeada de conflitos e perturbações. Ela tinha sonhos em que devorava santos, os santos de

sua devoção. Ela ficou noites sem dormir pensando em sua carne sendo mastigada, engolida, e rezando terços...

OPPEN: Eu também ficaria, acho que nunca pensamos em nosso corpo como comida, parece que tem uma diferença enorme entre o que há no prato e a mão que come. E, no entanto, talvez a diferença seja apenas entre o que come e o que está sendo comido – que é enorme, mas é outra diferença...

YOLANDA: Sim, a dignidade humana ocidental está em ter um destino depois da morte que não passa por nenhuma ingestão por parte de algum bicho dos que vemos facilmente quando estão comendo. Entregamos nossas carnes aos vermes, às bactérias, a todos os que comem sem serem vistos por nós.

MARIA: Às vezes isso me parece uma encenação do nada...

OPPEN: Mas dar esse destino aos corpos mortos é entregá-los ao incerto mesmo, não querer saber o que será feito deles.

YOLANDA: Sim, foi isso que começou a perturbar tia Mercedes. Ela preferiu sair do emprego, ir trabalhar em outra casa, para ver se conseguia dormir melhor, voltar a ir à missa aos domingos, voltar a acreditar na ressurreição da alma numa cidade no céu etc. Mas não conseguiu. O que perturbava ela sobretudo era que a antropofagia, como prescrição ou recomendação da devoração, é uma orientação mais pessoal, mais cuidadosa e até mais íntima com respeito ao que virá depois da morte. Ela trata do pós-vida como comida, comida que junta os corpos vivos aos corpos mortos. Que a comida esteja incidindo sobre quem come de maneiras imperceptíveis mas duradouras, inconscientes mas recorrentes, impermanentes mas circulantes, mostra que os corpos têm interstícios penetráveis onde entram, por exemplo, com a comida, gestos, afinidades, disposições e lampejos. Ela mesmo via isso quando cozinhava para a família de Maria Antonieta e depois em outras casas – os temperos, as ervas, os pontos de cozimento, as carnes de animais que ela dilacerava quase todos os dias faziam ela acreditar que era de um passado vago, de uma memória difusa que se tratava naquele procedimento todo de preparar e ingerir alimento. O alimento é uma alusão ao que já viveu antes, ela escreveu, mais ou menos, numa das cartas a minha mãe já alguns anos depois de sair da casa de Oswald. A refeição era uma espécie de oração aos ancestrais que continham a vida. Ela desconfiava que era descuidado não abrir os corpos daqueles por quem tivemos afeto, entregá-los aos vermes que vão deixá-los ninguém sabe onde – é como se violássemos a memória deles, não nos dedicássemos a mantê-los conosco, como se entregássemos suas vidas para serem remoídas por animais, e elementos... Não havia nada mais pessoal do que a comida, escrevia minha tia. Enfim, ela ficou perturbada com o canibalismo, com o canibalismo sendo exaltado – se alguém exalta isso, há de haver alguma coisa importante que nós que tendemos a sentir repulsa por ele estamos perdendo, não estamos entendendo, não damos importância. Ela carregou essa perturbação por anos, emprego após emprego, até que anos depois, quando eu já estava com uns onze ou doze anos aconteceu uma coisa impressionante com ela que se parece com o que aconteceu com a refugiada africana da Maria. Depois que minha tia já tinha trabalhado de empregada doméstica muitos anos, já tinha conseguido juntar um dinheiro, ela ainda não pensava em voltar para casa. Acho que ela queria descobrir mais sobre os índios comedores de gente, mas

não sabia como fazer. Ela começou a visitar tribos perto da cidade onde morava, primeiro em áreas onde havia pankararus, chegando a conhecer pequenos grupos e passar muitos fins de semana com eles, quando conseguia com os patrões alguns dias longe do serviço. Lá se interessou pelos Encantados, pankararus vivos que tomam uma outra forma, uma forma que não é dos mortos porque não passaram pela morte. Esse é um segredo que ela tentava entender com os pankararu, mas acho que nunca conseguiu – sobretudo lhe interessava a ideia de que algumas pessoas podiam se encantar voluntariamente. Aquilo era uma maneira, ela achava, se não me engano, de transformar sua carne numa carne mais rarefeita, que escapava das restrições da digestão. Mas eu acho que ela nunca encontrou um Encantado, embora acredite que tenha tentado. Com os anos, parou de ir à missa, adotou alguns costumes pankararus, mas parece que não tinha ainda resposta para a perturbação que as ideias canibais lhe provocaram. Cada vez mais inquieta, ela começou a se aproximar de grupos guaranis, primeiro interessada em saber se a *kandire*, a morte sem morte, a passagem à terra sem mal sem atravessar a morte, era um resquício de canibalismo – de persistência pela ingestão. Ela começou a pensar que aquilo que o messianismo dos brancos fez, nos termos que aprendeu com Oswald, foi que as práticas de devoração de gente se tornassem escondidas, virassem segredos expressos de outra maneira, mais palatável para os olhos dos colonizadores. Uma espécie de sincretismo, como ocorreu com muitas práticas dos africanos que chegaram nesse continente, ou dos cristãos-novos, dizem, que disfarçavam seu judaísmo. Eu mesmo conheci muitas famílias que mantinham tradições judaicas em quartos escondidos de suas casas, e também famílias que cultuavam seus vudus e seus orixás sempre na surdina. É assim quando o cristianismo soterra o que havia por baixo, ele se torna meio manchado por costumes que viraram segredos. Mercedes estava interessada em tudo isso, e nas suas cartas ela contava isso com muitos detalhes, se entregava a páginas e páginas sobre a busca da imortalidade que se perdeu com a proibição do canibalismo. Qualquer prática canibal fazia com que os índios fossem perseguidos, capturados, mortos, escravizados, por muitos séculos. Eu cresci ouvindo essas cartas sobre os canibais... aliás, só trechos delas.

QUETZAL: Essas cartas todas, onde elas estão?

YOLANDA: Quando minha mãe morreu, procuramos muito essas cartas, achamos umas poucas, sobretudo as mais recentes, de quando Mercedes já morava por aqui, no Distrito Federal, e se tornou uma espécie de curandeira, uma espécie de bruxa. Mas todas as outras se perderam. Minha mãe dizia que ia entregá-las todas a sua irmã quando a encontrasse, mas logo depois do encontro minha mãe caiu muito doente e nunca mais se recuperou, as cartas também rarearam, eu acho. Não sei o que ela fez com as cartas. Guardei algumas, que eu e minha irmã roubamos porque tinham detalhes que nos interessaram e nossa mãe não leu para nós. É nessas cartas que ela conta o mais impressionante, que eu estava querendo contar para vocês. Essas eu mesma reli várias vezes.

As investigações de Mercedes tiveram que parar um pouco quando ela engravidou de um guarani de um grupo ñandeva. Passou uns meses morando com ele, mas depois voltou ao emprego em casa de família, deixando a cria com o grupo guarani com o qual o pai tinha ido morar. Ela conseguiu com os patrões os fins de semana livres e aí ia até a pequena aldeia onde morava a cria. Depois de algum tempo, ela começou a ser levada com a criança para conhecer

outros grupos com relação familiar com os ñandeva de seu marido, ou namorado. Começou a conhecer grupos muito pequenos que tinham muito pouco contato com os brancos, e já que sabia falar um pouco de guarani, conseguia falar com eles e perguntar sobre o que havia restado das práticas de devorar gente. No entanto, esses grupos já tinham tido suficiente contato com os brancos, apenas estavam desaldeados naquele momento – muitos falavam bastante em *kandire*, mas ainda diziam muito pouco sobre o que ela queria saber. Foi então que começou a visitar grupos isolados mbya e uma vez estava com um pequeno grupo com a criança e foi coletar sozinha alguma coisa na floresta perto de onde estavam. Acho que ela estava de férias e, assim, tinha mais tempo. Foi aí que encontrou Konyan Bebe, um morubixaba que é uma espécie de líder guerreiro, dos tupinambás, que todos entendiam como extintos há muito tempo, há séculos eu acho. Os tupinambás eram comedores de seus inimigos capturados. Mas Konyan Bene havia sobrevivido pelas matas andando entre um grupo de índios e outro... Mercedes estava com a criança um pouco dentro da mata, mas ainda perto de onde eles dormiam. O pai da criança tinha ficado com os outros no rio. Foi então que ela ouviu uma flecha atingindo uma árvore um pouco distante de onde estavam e depois ouviu passos em sua direção. Aproximou-se então um homem bastante velho, para pegar de volta a flecha, e olhou em sua direção – ele trazia uma pedra verde atravessada nos lábios que parecia fazer com que a degustação pelos beijos se tornasse impossível ou então muito diferente. Ela identificou que aquele era um índio sem muito contato com pessoas brancas, e ali começou a conversa:

DOMÉSTICA: Você nos assustou... de onde você vem? Você parece um tupinambá, parece o Konyan Bebe...

KONYAN BEBE: Eh, faz tempo que alguém não me fala dos tupinambás! E faz tempo que alguém que não conheço me reconhece! Sim, sim, sou Konyan Bebe.

DOMÉSTICA: Como assim? E como...

KONYAN BEBE: Os tupinambás se dispersaram pelo mundo, nós sumimos mas não viramos pó, não desaparecemos sem deixar vestígios... sempre sobram uns índios nas matas, é uma história que se repete. Onde há mata, índio não se mata... E sim, você me reconheceu: Konyan Bebe, sempre esse nome.

DOMÉSTICA: E você sobreviveu a todos esses desaparecimentos, e a tantos anúncios da sua morte?

KONYAN BEBE: Eu me embrenhei pelas matas, quando vi que nossa terra estava cada vez mais controlada pelos brancos, empestada com as doenças que eles tinham. Fui encontrando maneiras de andar por muitas tribos, sempre tentando falar do perigo da ferocidade branca, muitos me escutaram, outros desconfiaram de mim e me perseguiram, aprendi a falar muitas línguas, tive que falar com alguns brancos, fiquei foragido... Mas fico sempre muito tempo na mata, só com essa flecha e com minhas pernas para andar. E procuro grupos soltos pelas matas; sempre me apresento primeiro às mulheres que me tomam como um velho sem perigo. Estou observando esse grupo de vocês, de mbya, não é? Mas você tem cara de branca, fala como branca...

DOMÉSTICA: Todos temos sotaques...

KONYAN BEBE: Sim, eu mesmo falo com meu sotaque tupi, ainda que tenha andado por muitas terras por muito tempo. Mas você de onde vem, que gente é essa?

DOMÉSTICA: São mbya, sim, só o pai da criança que é ñandeva, se é que essas distinções importam para você... eu sou estrangeira, do México, mas convivo muito com os guaranis, sobretudo ñandeva e agora mbya também. Meu guarani tem muitos sotaques, mas acho que você consegue me entender.

KONYAN BEBE: Consigo. Tenho gostado de falar até com pessoas brancas, sobretudo as que se interessam pelos índios, não sei por quê. Falo mesmo com missionários, acho fácil deixar missionários bem perplexos, contando para eles como vivemos... você não é uma missionária, é?

DOMÉSTICA: Não, não, até pelo contrário, acho que eu sou uma convertida, me interessa muito a vida de vocês todos, eu comecei a virar índia, um pouco pankararu, um pouco ñandeva... Perdi a fé inteiramente nas coisas brancas, todas, mas sobretudo nas coisas de depois da morte. E assim, trabalho ainda na cidade, mas passo todo meu tempo livre com os ñandeva, eles criam a criança – ela quase nunca vai à cidade, não acho que faz nenhum bem...

KONYAN BEBE: Mas eu não sei se é justo, já que nós não temos muito espaço, cada vez menos, o futuro é branco. E os brancos amam a unidade, querem todos iguais, querem que nos tornemos brancos... e vamos nos tornando, eu tenho medo. Eu sigo no combate, como dizem os guaranis, a unidade está no âmago do cosmos, mas não é bom que seja assim, temos que lutar contra isso. Essa é minha luta, com unhas e dentes, ainda que eu esteja tão velho. Não poderia fazer mais nada a não ser lutar, mas sei que a luta se faz de muitas maneiras, que podemos sabotar a unidade de muitas maneiras, essa unidade de conquistadores, imposta à força... As pessoas que saíram da tal Europa querem que todo mundo tenha os seus medos, custe o que custar. Eu sou um velho resistindo, já há tanto tempo, eu me acostumei a envelhecer...

DOMÉSTICA: Dizem os pankararu que há os que ao invés de morrer ficam encantados; eu às vezes penso que quem envelhece vai ficando encantado, pairando sobre o futuro e guardando memórias.

KONYAN BEBE: Deve ser, deve ser. Mas eu tenho que lutar para ficar em pé, não encontrei nenhuma terra sem males, tenho encontrado mais e mais males pelas terras, isso sim. Não sei se fiquei encantado, mas me mantenho dia após dia. Cada dia de um jeito diferente, acho que nós que não somos brancos, que não temos essa cor que não tem cor, nós somos inventores, ou então somos os fantasmas deles, por isso somos ingovernáveis

DOMÉSTICA: E você viajou por todas essas matas tentando encontrar um jeito de parar a devastação branca?

KONYAN BEBE: Sim, sim. Posso até te contar, já não acho que tenha mais jeito. Mas também fico querendo entender, entender por que os brancos, além de matar e destruir com sua mania de integrar tudo, também despertam uma atração, uma fascinação. Seus metais, seus produtos embalados, e agora cada vez mais suas máquinas que parece que conversam... elas fascinam. Eu não sei como entender isso...

DOMÉSTICA: Eu não sou bem branca, no México, e mesmo aqui, quase ninguém é branco. E eu também não entendo essa fascinação, entendo cada vez menos. Eu vim para esse país para me casar, meu marido morreu num acidente de trabalho e eu caí na pobreza, solidão e no desespero, a única coisa que me segurou por anos foi minha fé na salvação, você entende? Minha fé numa outra vida, numa salvação, numa redenção, não sei... E isso me fez trabalhar, trabalhar, trabalhar para os outros que dependem de alguém fazendo o trabalho que eu faço para serem capazes de se cuidar...

KONYAN BEBE: E ainda assim, eles têm armas e carros e agora aviões e a televisão... Eles colocam todas as coisas a serviço, prontas para serem comandadas. Acho que o que eles exibem são as marcas de poder, do poder que é exercido sobre eles mesmos. Quando eles chegaram, todos falavam do poder de Deus e tentavam nos dominar, agora eles seguem falando de Deus, mas falam também de outros poderes que também servem para nos dominar: as leis, o dinheiro, as máquinas. Tudo me parece uma exibição de poder. Ou melhor, do próprio poder, já que os brancos mesmos não hesitam em obedecer. Eles são as pessoas govenáveis que querem que todo o mundo seja governado... Vou te contar que ando cansado... Cansado de ter que me preocupar com o que eles pensam, com o que eles enxergam, com o que eles querem ver e querem não ver.

DOMÉSTICA: A ideia deles é que as pessoas podem se submeter e ser escravizadas mesmo sem acreditar no mérito ou no merecimento daquilo que comanda suas vidas, as pessoas falam mal do dinheiro, mas seguem fazendo voluntariamente o que ele manda. É como um deus que toma conta de todas as vidas, de todas as pessoas que se submetem mesmo quando nem entendem direito o que se passa. É uma vontade de encontrar alguma coisa que as salve, não sei do que.

KONYAN BEBE: Parece que eles não conseguem ficar à vontade no mundo. Parece que tudo é estranho para eles. Eu mesmo comecei a ficar com seus medos, nem sequer posso comer o que sempre comia... Foi então que comecei a viajar em busca das sabedorias dessa terra, das sabedorias que eram desconsideradas pelos brancos. Minhas viagens maiores começaram assim. Fui até as terras do norte, passei muito tempo com um índio rebelde de lá, se chamava Kandiaronk, lá pela capital do mundo dos brancos de hoje. Eu quis saber o que ele pensava do extermínio de toda a nossa terra, e sobre o que poderia parar os brancos. Já era tarde demais para fazer qualquer coisa, talvez desde a chegada deles já era tarde demais para nós. Ele me disse muitas coisas, mas uma eu sempre me lembro: os brancos não têm curiosidade, e sem curiosidade não há nem justiça, nem hospitalidade, nem paz. Eles estão sempre em guerra, mesmo que finjam que não brigam, porque não têm a curiosidade que nós temos – no máximo eles têm inveja... Eu fiz uma longa viagem para chegar até lá, até os wendat, passamos por muitos lugares, você sabe, e o melhor de tudo foi que comecei a achar que só poderia sobreviver se seguisse viajando, e foi isso que me fez sobreviver até hoje... O México, acho que atravessei seu país inteiro, éramos um grupo de umas oito pessoas, sempre procurando escapar de aglomerações brancas e buscando um elo com as comunidades que tinham menos traços da presença europeia. Foi uma longa viagem, tivemos pessoas doentes, por sorte tínhamos entre nós curandeiros e xamãs – perdemos apenas uma guarani que adoeceu muito no deserto e não pudemos salvá-la.

DOMÉSTICA: No deserto de Sonora? No México?

KONYAN BEBE: Acho que deve ser, não tenho certeza...

DOMÉSTICA: Por lá passa a fronteira, a grande fronteira, você sabe? Por lá muitos morrem tentando atravessar.

KONYAN BEBE: Sim, é um deserto muito rude, muito inóspito para nós que vivemos nas matas. Essa guarani começou a ouvir vozes, bem, todos ouvíamos vozes quando comíamos os cactus... mas ela começou a ouvir vozes persistentes de uma mulher que falava sobre chegar na terra do nada... a princípio prestamos muita atenção no que ela dizia, ela parecia estar tendo presságios, estar ouvindo um relato sobre atravessar um mar num barco cheio de pessoas que não eram brancas... mas eram vozes sobre o mar no meio daquele deserto sem fim... depois de alguns dias, poucos, ela amanheceu já morta depois que todos dormimos ouvindo de sua boca o que as vozes lhe diziam.

DOMÉSTICA: É um deserto assassino e é comum que vozes, com rosto ou sem rosto, acossem quem tenta cruzá-lo... É difícil ignorar seus poderes, mas os países, os mapas, as fronteiras, a vida cotidiana dos brancos parecem ser um esforço enorme para ignorar o poder do deserto, e da mata... os brancos são da cor do asfalto.

KONYAN BEBE: Sim... de todo modo, nós sete atravessamos aquele deserto com a ajuda de muitos índios que encontramos no caminho e fomos seguindo para o norte, vendo o que ainda havia sobrado da fúria branca. Passamos meses por lá, comemos da sua comida, conversamos, foi aí que surgiu para mim a ideia de que eu ia dedicar minha velhice a tentar fazer uma confederação de resistência ao horror branco. Uma confederação viajante. Aprendi das palavras de Kandiaronk que nossas batalhas são pela memória: enquanto os brancos destroem todo o resto para garantir para si mesmos alguma espécie de sobrevivência, de imortalidade mesmo, nós entendemos que nada pode sobreviver sem se transformar, sem ser recebido em outro lugar, sem passar por uma noite de si mesmo, deixar esquecer-se. A memória é feita de esquecimentos – é assim que podemos ter nossa memória sem colocar bichos, plantas, pessoas, pedras e tudo o mais garantindo uma permanência que nada pode garantir. É por isso que não procuramos controlar nem bichos, nem plantas, nem pessoas e nem pedras – elas estão no mesmo barco que nós, digamos. Ingovernáveis. O que podemos fazer apenas é ajudar aqueles próximos de nós que começam o caminho de sua retenção pelas matas do esquecimento... Porque pensam que tudo está ao seu serviço, eles quase não têm nenhuma relação pessoal a não ser com outros brancos, e mesmo assim dentro de instituições bem rígidas. Eles nem sequer têm a hospitalidade que seria de se esperar com a terra que vai receber seus ossos. Sem curiosidade, eles nunca recebem nada e nem ninguém. Eles apenas se expandem, apenas procuram mais lugar para suas coisas.

DOMÉSTICA: Às vezes fico pensando que todos esses movimentos de revolução que ocorrem entre os brancos, essa luta pela liberdade, pela igualdade, é um jeito também de se querer ser mais índio, ficar mais à vontade, deixar as coisas a nossa volta mais viçosas, bem mais vivas, mesmo mortas... de dar valor à exuberância.

KONYAN BEBE: Se depender dos movimentos dos brancos, isso pode demorar já que eles fascinam sobretudo a si mesmos com essa ideia de desenvolvimento, de serem mais e mais diferentes de nós. Mas a imortalidade, por exemplo, eles pensam de um jeito que só leva cada

um deles em consideração. Quando voltamos da nossa estadia entre os wendat, éramos um grupo maior, umas vinte pessoas, índios de todos os tipos – parecia uma expedição redentora, um novo começo para o continente inteiro... Alguns wendat vieram pra cá, iriquois, até um xamá inuit que lá estava veio conosco, e acabou indo até a terra do fogo, até a terra dos selk'nam – onde os espectros compartilham o limite do frio com os que ainda não morreram. Esse xamá inuit se chamava Ivaluarjuk, falava bastante da comida, ele dizia que tudo o que comemos tem espectros, tem almas, e isso era uma instabilidade incorrigível no cosmos. É isso, eu acho, que faz com que toda unidade seja ruim – a unidade precisa também comer outra coisa, outra alma. Já os brancos descobriram um jeito de acreditar que sua comida já não tem almas... Que a comida não tem passado, não é cósmica, não está num caminho que não termina nas tripas... Não trepida... E eles estão transformando o cosmos num desses supermercados deles ou numa dessas lojas de sanduíches sem começo nem fim e nem cerimônia.

DOMÉSTICA: Os mortos não cabem em supermercados – e nem em cemitérios. Os brancos não são tão poderosos, têm poder sobre os vivos, mas procuram se livrar dos seus mortos largando eles debaixo da terra ou entregando eles ao fogo como se tivessem sido um fardo, um estorvo na vida dos que os rodeavam. Ninguém pode esquecer que é comida impunemente, esquecer que não é só um par de dança com o nada, com essa coisa nenhuma de que eles dizem ter tanto medo... Acho que fazem o que fazem porque têm medo da morte, de serem aniquilados...

KONYAN BEBE: Hoje em dia até mesmo nós largamos os corpos dos nossos debaixo da terra: viramos brancos. Eu nem deveria estar falando isso, acho que me animei demais com a tua atitude, mas você é uma branca...

DOMÉSTICA: Não sou branca, você sabe. Eu descobri que sou um produto dessa ocupação tão longa que eles fizeram e continuam fazendo nas nossas terras todas, todos somos. Somos todos manchados, e por isso desconfiados, de nós mesmos. Acho que os brancos são o povo da homogeneidade, do um, da convergência – da força pela convergência e da convergência pela força. Eles querem colocar o que é outro no nada – em túmulos, ou piras funerárias, ou em forma de mercadoria nas prateleiras. Mas os mortos reincidem nos vivos, eles voltam porque nossas marcas seguem, e elas são abertas ao que ainda vem porque ninguém nos compreende completamente... nem há o que compreender completamente... E eu também tenho essa repulsa por abandonar o corpo dos mortos ao mundo, sem cuidado. Eu me interessei pelos índios para descobrir mais sobre comer as carnes dos mortos. Eu mesma deixei de ter horror ao canibalismo para ter vontade de ser devorada, nem imagino morrer e fazerem outra coisa com meu corpo...

KONYAN BEBE: Você não vai ser devorada... Mesmo nós, nós que cuidávamos da carne morta porque a morte é uma coisa que acontece à carne e não um abandono da carne – inclusive das carnes que amamos – até nós, nós entregamos nossos mortos, e nossa morte, aos brancos. Você, como mestiça, que vive na cidade dos brancos, pode até conseguir, os brancos fazem coisas estranhas nos seus apartamentos, confinados; se alguém te comer vai ser apenas mais um crime de alguém com um apetite pervertido... Nós, se comermos carne humana viramos monstros, não só quem come mas todos nós. Nossos destinos estão entrelaçados pelo que passa na cabeça dos brancos sobre os índios... E isso me desespera. Ainda que eu saiba que por aí

há uma estrada, uma estrada cósmica, sabe... Nem sei porque estou falando isso com você, não falo sobre comer carne humana com brancos há muito tempo – já me criou problemas, você sabe, o viajante Hans Staden escreveu sobre mim... conversamos sobre isso, mas ele não entendeu. Eu desisti de fazer eles entenderem. Parei de falar, ainda que eu ache que perdendo nossa imortalidade, perdemos uma batalha para os brancos, ou melhor, para o vazio, para o nada, para coisa alguma... Não sei por que estou confiando em você tanto assim para te falar dessas coisas.

DOMÉSTICA: Quem sabe é porque você é quem vai me devorar...

KONYAN BEBE: O quê? Você acha que eu vou te devorar, como aqueles portugueses, aqueles franceses achavam de mim no início dessa saga toda? Eu mesmo não como carne humana há muito tempo, nem poderia comer assim sozinho, você sabe, tenho um apetite de velho.

DOMÉSTICA: Pode ser, desculpe. Eu estava apenas querendo dizer que me interessa a devoração de carne humana. Eu tenho pensado que algum dia esse continente foi todo canibal...

KONYAN BEBE: Como assim? Quem é você, alguma pesquisadora, antropóloga, que está me levando na conversa?

DOMÉSTICA: Não, não sou. Trabalho de empregada doméstica, imagino que você sabe o que é isso... Apenas imaginei que você tem uma opinião sobre isso...

KONYAN BEBE: Canibal, canibal, que palavra é essa? Uma palavra branca. Por que quer que eu te conte minha opinião?

DOMÉSTICA: Me aparece Konyan Bebe na mata, viajando pelas terras desse continente, falo com ele, ele entende meu guarani, por que não perguntaria o que eu mais quero saber?

KONYAN BEBE: Sim, tá bem, eu vou seguir conversando com você. Respeito a curiosidade sempre, mas aprendi a manter meus segredos... Você sabe que eu já escapei de muitas armadilhas. Primeiro, eu prefiro chamar com um nome nosso, não meu, não tupi, com um termo dos guaranis guayakis que estão desaparecendo, e que têm que esconder suas práticas como muitos de nós há muito tempo: *ache vva*. Você deve saber...

DOMÉSTICA: Sim, tenho cunhados que estiveram no *tekohá* deles. Eles têm muita dificuldade de esconder o ritual de comer seus mortos, estão muito apossados. Só é possível comer seus mortos sem alarde enquanto houver mata cerrada, pedaços do mundo fora dos mapas – tá difícil demais pra eles...

KONYAN BEBE: Eu quando estive por lá só via eles enterrando os mortos, e esperando que um dia ainda iam poder fazer *ache vva* outra vez... esse dia, algum dia chegará, eles diziam, eu não tenho mais tanto dessa fé.

DOMÉSTICA: Pode ser que os brancos comecem a preferir virar índios, pelo menos os brancos que estão na miséria e têm tão pouco a perder... não sei se tenho essa fé, mas há movimentos de aproximação, há pelo menos os que se dizem de alguma maneira antropófagos...

KONYAN BEBE: Você é uma dessas, eu suponho.

DOMÉSTICA: Eu trabalhei de doméstica na casa de Oswald de Andrade, você pode ter ouvido falar...

KONYAN BEBE: Oswald, sim, o movimento antropofágico, nos deixou com muitos bons presságios. Mas os brancos transformaram tudo isso num assunto de livros, e de teatro, e de música – melhor isso que o silêncio, claro, mas a antropofagia perdeu muito do seu veneno como infiltração índia. Ademais, poucos perceberam, por repulsa ou falta de imaginação, que *ache vwa* é uma prática cósmica que traz a imortalidade. Por ser cósmica é que é política. Os adeptos da maneira messiânica de pensar estão sempre à espera de uma salvação que eles tentam conjurar através de forças cósmicas – como rezar a Deus, ser servil ou evitar pecados... auto-sacrifícios parecem ter uma repercussão cósmica imensa. Há alguma coisa da qual precisam ser salvos, um abismo, o mundo pode aniquilá-los. Para os que comem uns aos outros, no entanto, não há esse grande vazio, o que há é uma continuidade – nós não largamos pelo cosmos afora as carnes – as forças – das nossas pessoas próximas, nós as ingerimos, as mantemos entre nós, mas com isso nos tornamos outra coisa. A transição da morte passa pelos nossos interiores, por todos os nossos poros. E também a força do inimigo não deixamos solta pelo mundo, nós a devoramos já que nós vencemos – devorar significa não largar pelo cosmos alguma força que pode se voltar contra você. Essa abertura ao cosmos que é enterrar alguém, é desse vazio que procuramos evitar chegar perto...

DOMÉSTICA: Então não há mesmo necessidade de se salvar de nada?

KONYAN BEBE: A imortalidade dos brancos... a salvação que eles acreditam, é se manter para sempre mais ou menos como um dia eles foram – mas nada se mantém sem ser esquecido e depois resgatado... É que eu acho que eles não acreditam no esquecimento, só acreditam no que está exposto, pronto para ser visto quando eles querem. Se a imortalidade é uma lembrança ocasional que acossa, eles não querem – para eles isso é uma espécie de nada. Eles querem se manter a qualquer custo vivos, mesmo que mortos. Mas nós sabemos que o esquecimento é como a sombra. Eles preferem os desertos, mais que os desertos, os pátios, ladrilhados, tudo asfaltado e inventariado... supermercado. A cor do asfalto, a cor do pátio do depósito é a cor do universal que só eles enxergam. Por isso não queremos nos preservar como somos, porque não há o perigo de cair num vazio. Estamos cercados de mata, estamos acostumados às sombras, à espreita, à tocaia, ao que se esconde. E olhamos para os outros, tudo que é outro, diferentes, com gula, e não com medo; a gula é uma espécie de desapego, entende? Comer por comer, não para se manter distante do que comemos, para nos manter como somos. Nossos vestígios não vão desaparecer, podemos nos entregar à devoração...

DOMÉSTICA: O que mais me chamou atenção, desde que trabalhei na casa do seu Oswald e ouvia o que ele dizia, é que comer carne humana é não entregar para o cosmos os mortos, mas mantê-los dentro de um círculo afetivo, cuidar do que ocorrerá a quem morre, como esses grupos que só se casam entre si, que nunca entregam uma jovem – ou um jovem, não sei – para gente de outros grupos, só se casam entre si... Para que não se espalhem pelo mundo, como vocês não querendo que a carne índia, não sei, a carne antropófaga não se espalhe pelo mundo mas permaneça entre vocês, não é?

KONYAN BEBE: Para nós os corpos dos antepassados, com a morte e o ressurgimento, se mantêm no corpo de quem vive. Para nós, já nem sei quem somos nós... até o Oswald e esse pessoal todo nos confunde, são brancos, não como destino, mas como hábito, você entende? Vejo neles

esse hábito, e não se pensa fora dos hábitos – pelo menos não é fácil sair deles... O que eu sei é que a vida – aquilo que de alguma maneira come – está destinada aos outros. Ou seja, não é uma preparação para a eternidade. A imortalidade, para nós, o depois da morte, não pensamos como eternidade; temos outra preocupação com o tempo. Não se trata de preservar como num museu – já que o tempo passa fora dele e no meio dos seus corredores – ou de guardar a alma de alguém num livro. Não se trata de congelar memórias, mas de deixá-las como herança – e a herança acossa. A morte suscita herança porque é uma entrega – a vida é devolvida. A quem ela deve ser devolvida? A resposta da devoração é que ela sai de si, que ela vai para fora, que ela sai de si mesma. Isso quer dizer o oposto da imortalidade da ressurreição: ninguém fica morto numa tumba esperando que a vida ressurgja porque depois da morte há outra vida. A cada elemento de quem comemos nosso corpo se encarrega de dar uma destinação. Não largamos aqueles que nos importam ao léu, cuidamos de cada ingrediente deles com nossos próprios corpos. Herdamos eles. E confiamos nos nossos corpos para herdar.

DOMÉSTICA: Sim, a morte, e o que ocorre depois da morte, recebe cuidado, o morto não deixa de ter conosco uma relação pessoal – de aliado, familiar, próximo ou inimigo – quando o devoramos.

KONYAN BEBE: Os krahô dizem que a morte foi inventada por Pëdlerei, a lua, já que antes disso havia apenas uma transmigração de um corpo para o outro. A morte abre espaço no mundo, aumenta a memória, alimenta a matéria. Nós carregamos os mortos, eles se transformam em nós, e é por isso que é gostosa a carne humana – às vezes eu ainda me pego salivando por carne humana, poder cuidar dos mortos como eles merecem... Os krahô, e muitos jê, pensam que a morte é virar outro. Mas essa virada pede cuidados, pede zonas escuras, transições, gestações. Os brancos têm muito medo de perderem a si mesmos – eles vivem no mundo um amor medroso por si mesmos. Ficam estagnados por um horror que sentem diante dos cadáveres – os cadáveres não são mais corpos com vida, mas também a carne que eles compram no açougue não é corpo sem vida... Mas a imortalidade através de *ache vwa* é a imortalidade da comida, do ciclo da devoração de que nada escapa, nem os brancos com suas comidas de supermercado. A comida é o que está para além da vida e da morte, e é por isso que *ache vwa* faz uma diferença em tudo, uma diferença que escapa aos brancos - *ache vwa* estende a vida e acaricia a morte. Como nenhuma carne de supermercado pode fazer quando é devorada – a carne de supermercado é anônima, entende? A vida é feita de luz e sombra, como a memória – é claro que é diferente, mas não é essa luz acesa que os brancos inventaram, a vida eterna como a de uma escultura num museu.

DOMÉSTICA: Uma vez eu me peguei pensando que a memória surgiu quando quem estava vivo passou a poder morrer e não se transformar em outro vivente, mas a se perder na noite, a virar sonho... A memória surgiu porque é preciso sair de cena e deixar apenas rastros... Se tudo se transformasse de uma vez numa outra coisa... a memória seria como uma exposição, como um museu mesmo. Mas a memória é como a comida. É por isso que a vida se entrega à memória dos outros e não às demais vidas – a das bactérias, dos fagos, dos fungos, dos grotões da terra, da Terra. Virar outra vida é diferente de virar memória, virar alguma coisa que fica na sombra, como uma buchada encalhada no estômago. A imortalidade não é um abandono do

corpo, é ser mais corpo, é ter o destino do corpo, a devoração. É como se o corpo continuasse sendo o corpo que era, mesmo morto – não tem horror nem susto, é como se a proximidade de alguém, mesmo dos inimigos escolhidos ou não, se tornasse comida, alguma coisa atraente e necessária...

KONYAN BEBE: Você é uma verdadeira antropófaga! Te digo. *ache vwa* é uma delícia, a comida é a coisa viva ou morta que se torna apetitosa, gostosa. O gosto mesmo da carne na boca, como da fruta, da folha, é uma abertura de caminho na direção do depois da vida. O gosto da carne é o gosto da vida que foi vivida, não o gosto da morte, a morte não tem gosto, é a carne que tem gosto... E isso que você diz da memória, me lembra quando dizem que as tripas são como a cabeça ou como o coração... Fazemos um esforço para nos lembrar de alguma coisa, para tornar o que estamos aprendendo parte de nós, não é assim? Aprender, saborear alguma coisa, que depois deixamos dentro de nós, nas matas dentro de nós. E é do meio delas que essas coisas voltam.

DOMÉSTICA: Sim, eu mesma nunca fiz antropofagia, *ache vwa*... Nem sei se ia achar gostosa a carne humana, e nem sei se estaria pronta para achar gostosa... Por que será que é tão importante para os brancos não comer a carne das pessoas? Talvez seja para separar a alma da comida, justamente aquilo que o xamá inuit da viagem de vocês diz que é impossível. Vamos voltando para nosso fogo, a criança precisa comer e os nossos a qualquer hora voltam do rio, vamos?

KONYAN BEBE: Vou com você, também estou com fome. Mas não sei se vou ficar muito tempo com vocês... prefiro não ter muitos contatos...

DOMÉSTICA: Vamos caminhando. Eu uma vez vi na televisão um filme sobre um aparelho que congelava os estados de espírito das pessoas – e elas ficavam sentindo aquela alegria, aquela excitação, a emoção qualquer que estão sentindo num momento – a tranquilidade, ou também a raiva, ou o medo – para o resto de suas vidas. Um congelador de afetos, uma coisa assim. Penso às vezes que a imortalidade branca é um pouco assim, deixar guardado para sempre o que não pode ficar guardado. Não há alma senão no meio dos esquecimentos.

KONYAN BEBE: No meio da mata...

DOMÉSTICA: Sim, eu fiquei mesmo muito impressionada com *atche vwa*, fiquei, acho que o cuidado com o mundo, e não a destruição gradual dele, é o que garante uma imortalidade; assim como alguém precisa lembrar do que ficou na memória, ninguém pode ser preservado sozinho. Mas demorei muito para entender isso, anos e anos entre essas coisas que eu comecei a pensar desde a casa do seu Oswald de um lado e as missas do outro... entre os comedores de carne humana e a alma imortal no céu. Depois fui me aproximando cada vez mais dos índios, primeiro bastante dos pankararus, depois dos guaranis, tive uma criança guarani, quer dizer, meio guarani, meia mexicana, mas que está sendo criada para ser quase-guarani. Ela quase nunca vai à cidade... mas algum dia quero levá-la de volta para minha Veracruz, pelo menos para visitar... eu nasci numa pequena cidade rodeada de totonacas, você já ouviu falar dos voadores, em Papantla?

KONYAN BEBE: Sim, já me contaram, sempre mantenho alguns contatos. Gosto muito da roupa deles, ainda que só tenha visto contado por viajantes. A sua terra é a terra de Tlaloc, Tlalan... algo como uma terra sem males, ou deve ter sido; e deve ser porque você veio desse

país em que até os mestiços aprenderam a amar de algum jeito a morte e a se deliciar com ela que você se interessa por comer corpo de gente morta... Dizem que entre os lugares a que os mortos podem chegar está Tlalocan; como em Cinalco, a casa do milho, regida por Huemac, a abundância de comida reverbera entre os mortos, os que fizeram a passagem, já que a comida é também uma coisa que surge agora desde um outro tempo, é alguma coisa que se retém e que depois vem de volta – como a morte, é uma sementeira...

DOMÉSTICA: Por isso dizem que quem planta colhe, é uma forma de falar de uma justiça da terra – aqui se planta, aqui se colhe, aqui se come, aqui se morre... aqui se retorna.

KONYAN BEBE: Sim, sim. A terra está sempre em dois tempos, como quem se lembra ou guarda alguma coisa para que algum dia seja lembrada. E você começou a ouvir sobre comer gente com seus ouvidos mexicanos, com seus ouvidos de Tlalocan, da terra da abundância.

DOMÉSTICA: Pode ser mesmo... Eu acho que uma terra abundante te ensina a esperar pela hora certa, que só a terra sabe qual é. Vemos a terra dar os frutos e esperamos, contamos com ela. Quando eu ouvi falar em comer os corpos mortos, a primeira coisa que eu pensei foi em como cultivamos a terra, em como plantamos – como se a carne tivesse sementes... Uma manga nunca é igual a outra, mas largamos uma semente na terra e a manga reaparece. É claro que podemos tentar fazer a semente desaparecer, mas ela também pode brotar, e cuidamos dela quando plantamos na terra...

KONYAN BEBE: Sim, mas plantamos e fazemos *atche vwa* também por nós. É o nosso jeito de lidar com os corpos dos outros, nossos afetos com respeito a eles não estão num lugar que voa embora depois da morte, são eles que nos puxam para a devoração. Os corpos ressoam na boca, esse sentimento da boca, tipo quando ficamos com água na boca, os brancos desconfiam...

DOMÉSTICA: Você sempre gostou de comer, né?

KONYAN BEBE: Agora estou muito velho, como pouco, mas sempre com prazer. Sobretudo, ainda encontro frutas pelas matas, mas cada vez menos. E caço às vezes alguma cotia, algum tatu. Como já não tenho uma comunidade de pessoas, meu corpo agora é feito de bichos da mata, é como se eu tivesse um corpo menos de gente e mais de peles da mata... Sinto falta de *atche vwa*, e sinto falta do meu apetite, é uma comida que despertava em mim uma outra maneira de lidar com as coisas, mais tranquila, mais confiante nas pessoas vivas... acho que nisso também me tornei mais branco, você entende? Já não vejo as pessoas que encontro, mesmo os índios, mesmo os guarani, como sendo uma outra parte de mim, mas é como se eu tivesse no meu corpo mais indiferença...

DOMÉSTICA: Os brancos pensam em termos de generalidade, a comida é antes de tudo uma comida e nisso é igual a qualquer outra; a terra é a mesma terra, independente do que jogamos ou plantamos nela. Essa generalidade leva à indiferença pela terra ou pelo corpo em particular, a uma impessoalidade – é como viver num mundo de exemplares onde tudo é nada mais do que um exemplo de alguma outra coisa, tanto quanto muitos outros exemplares que tem aquela coisa. Um corpo é só um exemplo... Mas a morte é uma coisa mais pessoal, é o que acontece pessoalmente a nós e a todos os viventes, mas acontece a cada um em particular, aos nossos próximos – cada morte é diferente de todas as outras de um jeito que o luto mesmo nos deixa muito claro. Perder minha mãe foi tão diferente de perder meu pai... E meu marido, quando

morreu, foi outra coisa muito diferente, foram outras partes do meu corpo que foram atingidas. Ele foi atropelado por um caminhão, uma carreta enorme, que carregava animais... Era como se o peso de dez vacas tivesse pisado sobre o peito dele, ele ficou esmagado, irreconhecível. Fiquei sem saber o que fazer comigo, e a imagem do corpo dele destruído permanece nos meus olhos até hoje. Tentei enterrá-lo o mais rápido possível, mas depois fiquei pensando que sentia uma urgência em terminar com aquilo, em sair correndo, em terminar o luto... senti que eu não tive coragem...

KONYAN BEBE: Você foi educada na religião, não?

DOMÉSTICA: Eu era muito católica, mas, ainda assim, via esse interesse pelos mortos em toda parte. No México o dia dos mortos é muito importante, fala-se deles, celebra-se eles. Eu mesma passei a fazer alguns rituais depois que meu marido morreu. Eu cresci com essa atenção aos mortos, que aqui no Brasil, por exemplo, não encontrei. Aqui é só tristeza, carpidação, um luto obrigatório... O dia dos mortos era muito forte para mim quando eu era criança em Veracruz, mas eu acho que, como criança, eu me interessava sobretudo pelos doces, porque se celebravam os mortos com doces...

KONYAN BEBE: Chocolate, né?

DOMÉSTICA: Sim, sim, com a cria celebrei no ano passado, é uma das coisas mexicanas que eu quero lhe ensinar. A morte é uma espécie de redenção – lá no México chamamos de início do caminho, é como uma largada, como um início de estrada, é uma maneira maia de descrever, eu acho. Eu acho que não prestava muita atenção nisso quando tava no México, mas eu gostava. Não é um fechamento que completa nada e nem significa o início da permanência ou o arquivamento... É o começo da imortalidade, que é um caminho, um percurso. Celebramos comendo, comendo o que nos agrada... Porque o paladar indica um caminho que é mesmo só nosso, um único que espera uma chamada...

KONYAN BEBE: A morte e a comida estão conectadas nas nossas entranhas, né?

DOMÉSTICA: Comendo, no luto, mostramos que acolhemos os outros não por serem mais de nós, mas por serem aquilo que nós nunca seremos enquanto vivermos, mas que nos faz companhia o tempo todo. As entranhas pedem o outro, as entranhas e nossos miolos, nossa cabeça... Um ímpeto irresistível. Você sabe, os brancos comem juntos quando estão de luto...

KONYAN BEBE: Eu já vi. Acho que quando estão de luto, e dura pouco, os brancos estão no seu melhor momento... O luto... Mas não é sobre os que amamos, os que são nossos, aqueles com quem temos uma relação de apreço ou uma relação familiar, é também sobre os inimigos que derrotamos como nós fazíamos... Também pelo inimigo há um luto. Também eles são próximos, pessoais como você diz. Ter um inimigo é forjar uma aliança. Não podemos ser alheios aos nossos inimigos, eles nos tornam o que somos, ou, às vezes, o que seremos. O inimigo é parte de onde estamos – também com o inimigo temos uma relação de proximidade; não é qualquer um que provoca uma inimizade conosco, e nem há uma regra geral da inimizade. Ela se entrelaça com quem somos, com quem seremos, melhor, ela nos nutre, de jeitos que nós não entendemos, de maneiras que quebram nossa própria centralidade. A morte do inimigo é uma glória, algo assim, mas também é um problema, nos afeta. Morrer não é fácil e todo mundo necessita de alguma ajuda; para os povos do Tahantinsuyo, o *camagen*, o defunto que está no

caminho, precisa de um guia. O luto é esse guia, que pode ter a forma de uma comida, de uma comunhão. No Tahuantinsuyo se diz que também os mortos se agrupam em comunidades, em *ayllus* – não apenas a morte é comunal mas a comunidade é sobre a morte. E os inimigos nunca são uma coisa qualquer...

DOMÉSTICA: Penso muito sobre isso, a morte é comunal, como o nascimento é comunal. Ouvi dizer que entre os mebêngôkre xikrin se diz que cada criança recém-nascida tem nariz, cabelo, queixo, quadris de alguém na comunidade, alguém que fez sexo com a mãe – e o pai, que é estabelecido por um conselho de anciãs, agradece e celebra cada um dos que contribuíram para fazer a criança, que claramente não poderia ser feita por duas pessoas apenas. E assim é também o caminho que começa com a morte, que também nunca pode ser levada a cabo sem a vida que a precede, cheia de agentes porque não poderia ser alcançada por uma pessoa apenas. Se nasce numa ação conjunta, se vive com a comunidade da comida, se morre nela, se segue o caminho com ela. Nascer e morrer são comunais – e a comunidade é ela mesma feita do tempo dos mortos e do tempo dos que vão nascer; ela nunca é simultânea, é uma comunidade de diferentes tempos – e a comida é parte disso.

KONYAN BEBE: Isso é o que as pessoas brancas não entendem: tudo está em igualdade, e é por isso que ninguém, e nem nada, deve obediência. Não há liberdade sem risco e nem igualdade quando há dívidas impagáveis... A igualdade vem com responsabilidades, e é por isso que aparece a liberdade – não se pode colocar a liberdade acima de tudo porque tudo é comida. A ideia de que seria possível sair fora da comuna e da comida é fechar a porta ao futuro e ao passado. Não há aniquilação, há digestão; não há independência, há cozimento... A vida de uma pessoa é um empréstimo, para dizer nos termos brancos, não é uma propriedade que mereceria ser mantida diante de qualquer ameaça – a morte transforma ela em comida para os próximos. As forças das carnes passam de próximos a próximos, elas vivem em contato, sabe?

DOMÉSTICA: Entendo, a trama da carne é uma trama entre coisas que estão de alguma forma perto umas das outras, a carne atua nas vizinhanças, não é independente do que está ao redor. Todo o esforço dos brancos é o de deixar a carne de lado, a tecnologia deles não é para aumentar a proximidade, é quase toda para tornar a proximidade irrelevante. Mas seus corpos são de carne e osso, e seus pensamentos também – eles vão terminar por se dar conta...

KONYAN BEBE: Vão? Não estou vendo isso vindo, não tão cedo. Acho que as coisas ainda vão ficar piores, pelo menos por enquanto... Eu estou cansado dessa presunção feroz deles, estou cansado desse mundo cada vez com menos matas e acho que eles vão transformar tudo em asfalto, eles querem ladrilhar esses matagais todos, encanar a água, transformar os bichos em pelúcia... não sei mais se minha maneira de viver nos últimos tempos vai ser possível, eu preciso da mata, sem as matas eu me torno mais um retirante na periferia das cidades, sentado numa calçada como vejo tantos parentes hoje, sem ter o que comer, dependendo de dinheiro...

DOMÉSTICA: Quando escutava seu Oswald, eu pensava que as coisas poderiam mudar, que os brancos, pelo menos os daqui, iam seguir outro caminho...

KONYAN BEBE: Não acho que isso vá acontecer tão cedo. Eles estão fascinados pelo que faz o dinheiro, e o que ele faz é tornar as coisas prontas, prontas para o consumo, à sua disposição. Eles gostam que a maioria das coisas, e das pessoas – porque eles dizem que as pessoas e as

coisas são diferentes – esteja sob seu poder para que eles possam se sentir livres para fazer o que quiserem. Este fascínio pelo domínio... não sei como ele pode acabar.

DOMÉSTICA: Sim. Se a liberdade vem antes de tudo já acaba a igualdade antes do jantar. A liberdade deles... Fico pensando que é este o projeto branco, que é o projeto colonial: encontrar alguma coisa que possa controlar toda coisa – ou seja, subtrair a tudo a liberdade e a possibilidade de ser igual – e que não possa ser comida, porque não é nada mais que comando, não está em parte alguma e se mantém porque tem o controle remoto de tudo. E eles querem ser cada vez mais como esses princípios gerais, o Deus sem carne deles, que só comanda, as leis que eles dizem que comandam tudo... A comida se torna apenas uma outra maneira de dizer que tudo é igual diante das leis gerais da natureza, e elas, sucessoras talvez sempre adiadas do esforço colonial, é que detêm a soberania e uma dispensa especial para não serem devoradas.

KONYAN BEBE: Mas eu nunca encontrei essas comandantes gerais, só ouço os brancos falarem delas.

DOMÉSTICA: E falam tanto, preparam tanto o caminho para o comando geral, que terminam invocando o comando, tornando esse comando indigerível a marca do futuro único de todo mundo... Eu acho que falam tanto da catástrofe natural que não é natural que se aproxima porque não conseguem pensar em outra coisa, ou a Terra se insurge, se intromete nos planos deles – que nem sei se são deles mesmos – ou o futuro continua em linha reta até que tudo se submeta. Eles mesmos colonizaram tanto que caíram de amores pela submissão.

KONYAN BEBE: Aqui neste continente o que houve foi um conflito digestivo; eles vieram querendo parar a grande comilança e nós querendo seguir devorando. Meu alento é que nós não temos pressa. E eles trouxeram toda essa gente de fora como escrava, numa violência total, e elas entenderam que por aqui andava esse conflito e só existia um jeito de sair do jugo dos que querem comer sem serem comidos – viver como nós, num governo comunal, que procura a cada dia fazer as pazes com a devoração, sem jamais amordaçar sua boca... E eu andei muito por aqui, estive muito tempo em muitas dessas aldeias, vi coisas acontecerem, resistências que me transformaram, governanças comunais que conviviam quase ao lado dos brancos, e eles não percebiam, não se davam conta. Estive refugiado em muitos quilombos que me acolheram, estive na primeira terra de pretos que se manteve independente dos colonizadores, o primeiro quilombo deve ter sido, dos que fugiam do porto de escravos, Cartagena de Índias, lá do outro lado das grandes montanhas, da selva, da cordillheira, eles montaram uma guarda Cimarrona que acabou fazendo com que os brancos deixassem eles em paz... Estive lá por muito tempo, quase fiquei por lá mesmo, mas um dia precisei ir de volta para a mata, ver minhas terras de novo... estive por muitas partes... Os quilombos, você sabe, são um pouco como aldeias... mas eles têm uma outra relação com a devoração, é claro. Eles não têm esse apreço branco pelo que sentem, pelo que decidem, pelo que querem. Vivem com uma carne libertada depois de uma viagem de dor total, uma carne corajosa mas que não se acopla ao orgulho, uma carne que atravessou as tormentas...

DOMÉSTICA: Você fala como se estivesse preparando uma carne para ser comida...

KONYAN BEBE: Não, não é isso, mas tenho um pouco de fome...

DOMÉSTICA: Mas você falava com eles de *atche vwa*? Porque você deve ter ensinado muita coisa para eles sobre essas terras...

KONYAN BEBE: Não, nunca falei. As coisas já tinham ficado muito difíceis para comedores de carne de gente. Eu apenas procurava me afastar nos enterros, eles percebiam que para mim aquilo não só era uma indelicadeza, mas era por onde os brancos podiam teminar tomando conta de todos nós... E estamos todos ficando sem espaço, cada vez mais mapeados... Eu mesmo que sou feito de paciência às vezes não sei mais para onde ir, ou melhor, não sei por onde ir. Mas me dou conta de que há ainda muito mato, que a selva escapa dos olhos brancos. Você sabe, não queremos ser reconhecidos, nós queremos ser esquecidos. Esqueçam de nós, e de nossas terras – tirem-nos do mapa. É, os brancos não vão fazer isso tão cedo, eles precisam nos entender, nos descrever, para não deixar que a gente se coma em paz, para nos afastar das nossas proximidades, para nos deixar à mercê do nada, como eles... Nós não temos nojo do mundo, nem temos nojo deles – eu comeria os brancos... talvez eu faça isso quando eles se derem conta de que comer é confluír e eles também precisam ser digeridos e regurgitados; eles também precisam ser esquecidos e lembrados depois, de outra maneira. Mas é a fome que dá o ritmo da pressa...

DOMÉSTICA: Temos uns peixes assados aqui no fogo, umas batatas e puba. Está servido? Acho que eles deixaram a comida no fogo e voltaram para o rio, e chegamos na hora certa de comer.

KONYAN BEBE: Eu vou comer esta carne aqui.

DOMÉSTICA: E se eles voltarem a tempo, vão ter uma surpresa como a minha...

KONYAN BEBE: Eu prefiro não ser muito visto, se você não se incomoda, vou apenas comer com você e a criança e partir.

DOMÉSTICA: Você que sabe, você deve saber o que precisa para permanecer escondido.

KONYAN BEBE: Eu tenho que ter meus cuidados, acho às vezes que me cuido como se fosse uma assombração, como se tivesse que estar nas sombras, é estar nas sombras que vale a pena para mim agora. Sobreviver, pelo menos nos tempos em que estamos, é ser capaz de se esconder. E de sair de cena, de estar longe dos olhos. E saber voltar, saber reaparecer...

DOMÉSTICA: O reaparecimento não se controla, podemos apenas nos preparar. As aparências, como quando eu te encontrei na mata, são coisas que a mata habilita, que a mata faz surgir. A mata é um pouco como as nossas entranhas, eu acho, o bucho é também um pedaço de mato. Ele é nosso, mas a mata também é onde estamos. Daquilo que comemos, nosso corpo se encarrega, se encarrega pessoalmente já que estamos no meio desse mato nosso.

KONYAN BEBE: É o que há de próximo em cada comedor, cada comedor tem um bucho – ou cada bucho tem o seu comedor. A gente, junto com o bucho, a gente decide o que vai comer e o bucho se encarrega do resto. Mas ele se encarrega da gente também...

DOMÉSTICA: Deve ter sido difícil viver nas sombras esse tempo todo, sem ser reconhecido, com esses caçadores brancos por aí que saem querendo reconhecer tudo, não foi?

KONYAN BEBE: É, foi, é sempre difícil viver como eu entre eles. Foi o que me restou. Não se pode controlar as aparências, como você diz. Sempre estou em perigo, no risco, sempre estou fugindo. Porém havia uma rede paralela, fora dos mapas, de conexões entre grupos que viviam

na mata ou que não eram brancos... Aprendi a navegar por essa rede, que foi ficando mais escassa; sei que passou muito tempo para quem vê de fora, muita coisa deve ter acontecido, mas eu também aprendi que o tempo de uma vida se mede de muitas maneiras, aprendi a hibernar, passar muito tempo deitado sobre uma árvore, esperando que alguma coisa me acozasse. Aprendi a parar de aparecer, até mesmo para mim mesmo... Se você não compara os seus acontecimentos com os outros acontecimentos, o tempo de uma vida é sempre o mesmo. Mas eu vi muita gente morrer, muitas gerações passaram por mim, é, então, aqui mesmo nessas terras guaranis, eu, que às vezes perco essa noção do tempo, quando volto me surpreendo que todos os que eu conhecia já seguiram o caminho, que ficaram só os descendentes, mas isso não me importava até que eu fui vendo que também os guaranis estavam ficando mais brancos... É claro que eu sabia que isso tinha que acontecer, e que está bem, mas fui ficando um pouco sem repouso, sem acolhimento, como se eu fosse de um outro tempo, de uma outra geração. Fiquei pensando que o tempo é talvez como um comedor de toda carne, ele, tão próximo e tão distante...

DOMÉSTICA: Mas você não passou pela morte.

KONYAN BEBE: Não, acho que não, não pela minha morte. Pelo menos por essa coisa que acontece nas nossas carnes. Ela ainda virá. Quanto mais vivemos, mais nos preparamos para ela, nos preparamos porque ela vai se tornando nossa parenta, ainda que uma parenta sempre um pouco distante, sem tanta intimidade. Mas vamos ficando mais como ela, mais quietos, mais cuidadosos nas nossas aparições, mais demorados, mais lentos e com mais senso do que importa e o que sobra de nós, ou em torno de nós. Vamos precisando de mais formas de recolhimento, de mais maneiras de não estar comparecendo, vamos nos ausentando, é como se a morte com seu sumiço esporádico – porque quem morre some até ser lembrado por alguém, ou por alguma coisa... – é como se a morte com seus sumiços que vão e voltam, com sua mania de nos fazer depender de outras carnes, das carnes que são dos outros, é como se ela começasse a fazer um ninho no nosso tempo, nos nossos gestos, no nosso corpo. Os tempos vão passando e vão nos deixando mais nas mãos dos outros, perdemos aquela altivez que os donos mostram, precisamos contar com mais favores do mundo, como os mortos, vamos ficando ao sabor dos ventos, mais largados. Os velhos como eu já quase se foram todos, já se despediram de quase tudo na cesta do que importa para os vivos; vamos nos tornando cada vez mais feitos de memória, e feitos para a memória. As carnes mesmo acho que vão se preparando para serem devoradas... eu disse, eu mesmo não gosto de ver ninguém morrer, eu prefiro me afastar, me recolher. Sobretudo porque parece um desaforo, uma crueldade, uma falta de respeito enterrar o corpo – e abdicar de um *atche vwa*, abdicar por causa dos brancos. Isso me preocupa, me preocupa... Parece que estamos preferindo a nós mesmos a quem morreu, mesmo que seja alguém que era próximo – parece uma traição...

DOMÉSTICA: Queria te perguntar uma coisa mais sobre comer a carne das pessoas...

KONYAN BEBE: Sim, pergunte. Você conversa como se a morte e a devoração fossem as coisas que mais importam...

DOMÉSTICA: Importam bastante, não acha?

KONYAN BEBE: Sim, sim, também para mim importa, você sabe. Pergunte!

DOMÉSTICA: Você diz que o inimigo devorado é próximo também, se trata de uma escolha, pelo menos em parte uma escolha, ou uma tentativa de escolha. Mas tem uma coisa que me intriga desde o tempo em que trabalhava no seu Oswald e que eu queria perguntar para você antes de você desaparecer – e eu ficar com a sua aparição e essas coisas que conversamos confiadas a mim somente... E caçar gente para comer? Seu Oswald falava que antropofagia não é devorar a caça humana, ou pelo menos não é apenas isso. Há uma diferença entre comer e matar para comer, não? Mesmo se matamos os inimigos que comemos, matamos porque são nossos inimigos e comemos porque são nossos próximos – por serem nossos inimigos. Quando se caça gente para comer, nossa proximidade aparece só na caçada, e temos que usar de todos os artifícios para termos sucesso em ter o que comer. Quando pensamos nos caçadores de gente, as pessoas aparecem como caça, e não mais como aquelas que acolhemos com nossas vísceras, nos nossos ímpetos.

KONYAN BEBE: Você sabe que dizem que as pessoas da sua terra faziam sacrifício humano. E dizem também que era uma honra ser entregue assim para a mortalidade por um instante mesmo de glória; dizem também que no jogo de *poktapok* maia se sacrificavam pelo menos por vezes os vencedores. Trata-se de morrer na intensidade máxima da vitória – o sacrifício como um troféu. E então ter o corpo entregue aos deuses, ter o corpo encaminhado com atenção ao cosmos, com o cuidado, desde um lugar sagrado, sacrificial. Entrar no resto do universo pela porta mais honrada – e ser devorado pela melhor boca; a boa morte, conquistar a melhor morte. Os sacrifícios nos mostram que se pode encaminhar uma morte, colocá-la num caminho. É isso a devoração, é um encaminhamento – é um cuidado. Um cuidado que julgamos que as pessoas próximas merecem – quem esteve em comunidade conosco ou quem escolhemos, ou nos destinamos, a tomar como inimizadas.

DOMÉSTICA: Sim, e coma mais, coma mais. Porém não vejo ainda aonde você quer chegar...

KONYAN BEBE: Calma, não tenha pressa.

DOMÉSTICA: Sim, mas na caçada não estamos encaminhando a morte, estamos tentando escapar de virar comida...

KONYAN BEBE: O sacrifício encaminha a morte porque a morte e a comida estão entrelaçadas – a morte está emaranhada no destino das nossas carnes, comestíveis. Está emaranhada no inerte, no comestível que há em nós. Desculpe se parece agora que estou falando com uma branca, ou com uma pessoa da cidade, que você é, ou que você é também. Mas as minhas incursões pelo mundo das pessoas têm sido como insinuações, como se não tivesse me sobrado nada senão sugerir. Somos comida. Comer é encaminhar, sim, mas isso porque nossas carnes alimentam; tudo o que há, no mato, sobre essa terra toda, pode ser engolido. A terra é a grande devoradora, a que regurgita também, como tudo que engole. Tem uma lenda, uma fábula sobre os aimoré, um grupo dos *nac-manuc*; uma fábula sobre comer bichos – ou, se você quiser, sobre comer comida, qualquer comida. Quem é a comida e quem é que come? Os aimoré primeiro caçavam humanos para comer porque eles diziam que aqueles que eles caçavam eram os bichos; depois diziam que eram eles mesmos os bichos, os aimoré, e que assim caçavam os bichos que não eram humanos. Alguém tinha que ser gente, mas não as duas partes – uma parte é diferente da outra, tudo é comida, mas na situação da caça, há uma assimetria, como

dizem, um lado é diferente do outro – um persegue, outro foge, e não há fuga sem perseguição. Pois bem, dizer que tudo é comida não nos coloca todo mundo no mesmo plano, já que há gerações de devoração, como há gerações de procriação. Ou seja, tem minha avó e tem minha neta, tem a ancestralidade e a posteridade – e há esses laços de sangue e também os laços gástricos, não é? Eles estão numa sucessão temporal também, uma geração depois da outra. *Ache vwa* tem também uma ordem, como a ordem nos laços de sangue – a ordem da procriação se conecta com a ordem da devoração. Para os guayaki, por exemplo, não é qualquer pessoa da aldeia que pode comer a carne de qualquer um. A gente tenta dar uma organizada nessa coisa tão avassaladora que é a proximidade – e os laços de sangue, de sexo, de guerra, de digestão. Mas voltando aos aimoré, dizem que eles não queriam parecer humanos (ou bichos), nem se pintavam nem nada porque a pintura é uma coisa dos que são humanos, ou talvez dos bichos que exatamente não são humanos. Há uma diferença – na caçada há dois lados diferentes; dizem que tem dia da caça e tem dia do caçador. Há muitos relatos de bandos que andavam caçando gente, que estavam sempre em movimento, sempre na caçada – muitos guaranis falam desses bandos. Podemos dizer assim: antes de fazermos essas distinções entre humanos e não-humanos, somos comida. Esses bandos nos lembram que *ache vwa* é uma delícia, além de ser um encaminhamento do que virá depois da morte. Uma delícia digna de muitos riscos, comer requer coragem, até mesmo a comida de supermercado, embalada, industrial, até ela requer uma teia de confianças...

DOMÉSTICA: Sim, entendo. Comer é uma coisa que pode ser feita de muitas maneiras...

KONYAN BEBE: Você pode comparar com sexo. Há bandos que raptam, há estupros, há violências em torno disso, e há parentesco porque sexo e comida são aberturas para a imortalidade. Tem muitos tipos de arranjo que se fazem com as duas. Como as carnes insistem independente das idas e vindas das atenções sobre elas, elas trazem delícias com as quais diferentes bichos encontram modos diferentes de acoplar. Tem uns que preferem proibir...

DOMÉSTICA: Sim, sim, sim. As carnes não foram feitas para serem nossas próximas, nossas inimigas, nossas parentes, nossa caça – elas são carne, assim elas atraem e provocam repulsa. É por isso que conseguimos fazer tantas coisas com elas, inclusive largá-las no mato, como num sacrifício, ou, como se diz, numa oferenda. Mas uma oferenda é também um abandono. Por isso que as pessoas não gostam quando ouvem falar de oferendas humanas, parece que abandonamos uma pessoa, que não cuidamos dela, não encaminhamos, que a traímos mesmo. Deixar um corpo morrer ao invés de cuidar dele parece ruim porque é como se virássemos a cara para a carne, mesmo se fizemos isso para atender a algum deus, a alguma coisa que parece maior. E quando nos aproximamos de alguém, do que sente, do que come, do seu bucho, então essa aproximação vai para além de sua morte, porque seu bucho, sua carne segue, ela continua. A carne mesmo não nos obriga a nada, ela nos tenta e nos repele, e nos modifica e nos impele, mas quando está inerte já não nos obriga a nada. Mas a proximidade que temos com ela, precisamente porque ela não nos obriga a nada, é que nos pede que cuidemos dela, que a consideremos. É pela proximidade que encaminhamos a carne depois que o bicho morreu. A carne é comida, ela pode ser vista só como comida – a carne próxima é uma comida especial.

Seria por isso que comer um corpo pode ser um cuidado comum, com quem morreu mas também com nós mesmos, com nossa continuidade, uma forma de luto.

KONYAN BEBE: Você sabe que o *Ove*, o pesar que vem quando alguém morre, permanece com quem está por perto até que a carne seja encaminhada, engolida – até que possamos... lidar com ela. É isso o luto. Ele desaparece quando termina o ofício do *kyravwa*; o tempo do luto é o tempo da digestão – e pode durar muito. Os *atchei gatu*, que comem corpos de gente, às vezes parecem estar em estado de luto constante, sempre na lida com *Ove*, sempre às voltas com as forças imensas da morte, elas que aparecem até nos enterros, nos funerais, nas agonias e nos lutos dos brancos. Mas dizem que o *Ove* demora a ir embora se a digestão não é feita, a morte precisa de um caminho, de um cuidado. Tem gente que diz que o morto só para de assombrar quando estiver digerido – mas acho que tudo volta de vez em quando, tudo reaparece, mesmo que sem nenhuma pressa.

DOMÉSTICA: Tem uma parte de mim que sempre gostou dos *atchei gatu*, acho que por isso, por viverem num constante luto. Deve ser isso, deve ser isso. Estar na lida com os mortos, o tempo todo, como os coveiros dos cemitérios que se encarregam das carnes inertes todos os dias. É também como os caçadores, os caçadores que rondam os bichos mortos, que produzem a morte, sim, e que vivem dela. Você está certo em dizer que caçar humanos é lembrar *Ove*, é lembrar que a carne é comida. Sempre achei alguma coisa de muito atraente no luto – achava que as pessoas estão no seu melhor quando estão às voltas com um luto. Desde a minha infância via as pessoas em luto que deixavam de lado por um tempo a preocupação com as vantagens pessoais que poderiam obter em vida – largavam de mão a busca por um lugar ao sol... Claro, depois o luto passava e elas se preparavam para a disputa outra vez. Mas estar ao redor dos mortos deixava as pessoas mais generosas, mais hospitaleiras – e isso incomodava elas. Era preciso se livrar logo do luto, havia uma pressa ali, era preciso que o luto se fosse para que elas se sentissem plenamente dispostas para a disputa, plenamente vivas, esquecidas de que a morte andou rondando, anda rondando. E não é só os caçadores de carne humana, aqueles que comem a carne dos próximos passam pelo luto com muita intensidade, colocam ele, a morte, *Ove*, nas suas próprias entranhas. Então penso, respeitar um bicho não é largá-lo, é trazê-lo ao bucho; encarregar-se de digeri-lo. Quem enterra ou larga o corpo em alguma parte alheia quer se livrar da morte, não comê-la mas sair correndo dela. Mas ela assombra toda refeição... Quer um pouco de puba para mascar?

KONYAN BEBE: Sim, adoro. Os brancos têm horror à morte, e têm horror ao mato, à terra, à floresta, às coisas que eles dizem que são naturais. Eles fogem dessas coisas... às vezes penso que eles odeiam essas coisas naturais porque elas estão cheias das carnes mortas deles. Eles têm asco dos que morreram. Ou então pode ser que eles se sintam tão abandonados pelos que morreram que largam eles no meio das coisas que eles mais odeiam, a terra e seus bichos. Por isso às vezes penso que para nós não é tão difícil enterrar os mortos, quando eles nos obrigam a fazer isso... Mesmo que assim nos embranqueçamos...

DOMÉSTICA: Eles entregam seus mortos, todos, os próximos e os anônimos, ao cosmos cru, mas é do cosmos cru que eles têm mais horror – é a morte para eles, é o que não é humano; humano para eles é o humano vivo que não tem em seu destino senão o horror mas que

enquanto está vivo se desliga do cosmos horripilante. No México as pessoas vão ao cemitério, festejam, cresci pensando no cemitério como um lugar de festas – mas isso deve ser uma confluência que nós temos com um outro modo de morte... Meus patrões aqui, por exemplo, não gostam de cemitério, nunca vão a festas de mortos – acham isso incompreensível. Fico imaginando que olham a terra, o chão, como um cemitério...

KONYAN BEBE: Sim... E a animação das carnes é uma parte da vida delas, elas são organismos, sabe, mas depois são outra coisa e outra e outra. Os brancos se importam com a vida como se ela fosse tudo para alguém – mas a morte também é uma coisa que acontece a alguém. E é apenas o fim da vida, não é o fim da carne. Eu vi muita gente, quando os brancos chegaram, se desesperar sobretudo por não poder fazer *ache vwa*, parecia uma condenação, e uma condenação que obrigava a abandonar seus próximos – uma crueldade total, e violenta, porque eram muitos que morriam e muitos que tinham que ser abandonados a este cosmos cru que você fala, como se fossem corpos de brancos quaisquer... sei lá. Era desesperador. Depois que eu vi que não era possível combater diretamente a sanha destruidora que vinha com os brancos, resolvi viver na mata, quase como um aimoré, às vezes, sabe? Bem, não importa; importa que confabulei, confabulei muitos fracassos – mas aprendi a não ter pressa. Afinal, entendi que para nós a terra não poderia ser assustadora como era para os brancos, ainda tínhamos a terra que pisamos, e a mata... Por enquanto.

DOMÉSTICA: E, de alguma maneira, assim como ficamos nos buchos ficamos na terra...

KONYAN BEBE: Sim, mas é um corte na nossa vida de comunidade, na nossa morte de comunidade; mais um gesto na direção da nossa desintegração e do nosso sumiço. Mas não temos pressa, tudo o que some reaparece de um jeito ou de outro. Acho que aprendemos, tivemos que aprender, a tratar a terra como próxima – a terra, a mata, a selva. O projeto de conquista e destruição dos brancos foi nos empurrando vivos ou mortos cada vez mais para dentro da natureza que eles abominam. Somos abomináveis também, e eles gostam de se sentir bem distantes de nós, nós somos no máximo a matéria-prima para eles fazerem as coisas que fazem... mas a gente resiste mesmo morrendo; a matéria-prima das cidades que eles fazem, e das roupas que eles vestem, é uma agente infiltrada, mesmo morta.

DOMÉSTICA: Talvez mergulhar no *Ove*, e encaminhar os mortos, seja uma maneira de fazer vir uma coragem. E esse mergulho prepara para entrar no cemitério; o cemitério é íntimo de todo mundo que come... Talvez a terra e a sua mata estejam já cheias de nossos mortos. Os mortos agem por sua inanimação, são os que não têm mais nenhuma pressa. Mas as carnes persistem, diluídas, digeridas, assimiladas, mas persistem.

KONYAN BEBE: A morte, assim como o nascimento, dá vertigens a quem quer separar cada coisa de todas as outras. Preparar ou diluir uma pessoa requer um monte de forças, e uma proximidade que borra qualquer separação. Às vezes eu digo que a autonomia em que os brancos sempre insistem ultimamente – cada um fazendo o que quer sem prestar muitas contas a quase ninguém – é um episódio da vida de quem come. A comilança reintegra os corpos, como a gestação produz um corpo – mas os elos entre nós não são abatidos pelos corpos separados que temos. Um corpo em gestação está colado em outro, a pele não é sempre uma fronteira, ela é um meio de comunicação.

DOMÉSTICA: E a proximidade é uma das coisas que fazemos com as carnes. Uma maneira de receber as carnes; nós partimos daquilo que nos é oferecido; acho que as oferendas, mais do que as exigências, é que terminam moldando a vida sobre a terra.

KONYAN BEBE: Como você disse, a proximidade recompõe a carne; não é que a carne por ela mesma nos imponha comer qualquer coisa, mas a carne oferece, esse oferecimento é que faz desabar toda ordem e toda organização dos corpos. O oferecimento, sim, a oferenda. O apetite é ofertado, é uma oferenda também; de onde ele vem, vêm também as carnes; as carnes se oferecem. E todo mudo sabe como é difícil fazer com que uma oferenda seja aceita...

DOMÉSTICA: Parece que diante de uma oferenda, sempre pode haver uma desconfiança... Oferecer é pedir uma confiança.

KONYAN BEBE: Sim; e é pelas oferendas que as carnes abrem os caminhos... Daí vem essa ideia de liberdade... que os brancos aprenderam conosco, com as aldeias desse continente, eu acho, eles não aprenderam direito, eles esquecem que vem da tentação da carne a liberdade, não do açougue, do supermercado. Liberdade não é ter um território, um domínio, uma alçada onde exercer seu poder. Por isso eu digo que a liberdade que começa depois que está distribuída a propriedade – quem reserva quem para comer depois – vem tarde demais. Os brancos colocam sua sobrevivência e seu conforto acima de todas as coisas, sua autonomia, e é por isso talvez que tenham tanto horror aos mortos e a tudo o que parece ter sua autonomia arranhada. Estando assim tão velho, eu já não vejo essa diferença toda entre os vivos e os mortos, já nem me importa se estou vivo ou morto, por vezes fico dias sem comer, ou comendo tão pouco... e às vezes tenho um banquete, como hoje... Os mortos e os velhos não comem todos os dias, continuam sendo chamados, sendo esperados, sendo cuidados ou descuidados. Estão aí, mas não completamente. Quando se envelhece, mais e mais, parece que a grande virada da vida para a morte se tornou mais parecida com um entardecer bem lento, em que na maior parte dos momentos nada parece terminado. Há sempre voltas, e assombros, eu mesmo vivo de assombro...

DOMÉSTICA: Sim, verdade que sim.

KONYAN BEBE: Mas quando se vive longamente e se morre lentamente se aprende a não ter pressa. E é isso também que todos nós que fomos invadidos com tanta violência aprendemos. Morrer, eu acho às vezes, é ter outra urgência. Subi as montanhas muitas vezes pelo *peaburu*, esse caminho que leva daqui perto até o Tawantinsuyo, até os filhos dos incas... Essas memórias às vezes me assolam por dias a fio, por noites não sou nada mais do que uma recuperação de coisas que se passaram mais ou menos como me vem à cabeça. Mas elas me vêm à cabeça sempre de um jeito diferente, numa ordem diferente, meu testemunho para mim mesmo fica turvo – mas fica. Sempre que estive por lá me aparecia uma Bartolina Sisa, a líder da rebelião lá em La Paz; uma vez me apareceu com Tupac Katari, outro líder conhecido, e mais muitas pessoas que parece que estavam no cerco à cidade, a Chuquiypu Marka, e que acabou dando errado por causa de traição e deixou uma marca de massacre em torno da cidade que algum dia vai gerar uma população de insurretos. Muitas vezes me aparece a Bartolina só, outras vezes com todo o seu exército, e vem falar comigo.

DOMÉSTICA: Ouvi uma vez dizer, ou talvez sonhei que ouvi dizer, que a morte parece a continuidade da vida por outros meios. Pelo que você diz, é pelo menos a continuidade da velhice por outros meios... A essa altura, bem, a essa altura... você sabe se a Bartolina Sisa e todas essas pessoas estavam vivas ou mortas?

KONYAN BEBE: Não sei. Nem acho que importa muito. Mas é como se viessem para fazer comigo uma conversa, uma negociação, sabe, uma coisa assim. Talvez eu também tivesse sonhando... Meu sonho no altiplano é sempre em ziguezague, e sempre insistente. Durmo muito por lá. E a Bartolina Sisa me diz que também andou por essas terras, que viu as batalhas perdidas, mas diz que viu que tem um resíduo que fica na terra. Um outro assombro, deve ser. A terra também tem seus fantasmas, que vão ser conjurados ninguém sabe por quem e ninguém sabe com qual propósito. Ela me fala da imortalidade, diz que nada fica esquecido, mas a memória tampouco restaura coisa alguma. E me propõe um trato, eu sigo contando a história dela, ela segue contando a minha história... como se nossa insistência fosse assim espalhada. As histórias são contadas, e esquecidas, e recontadas. Elas são digeridas, despedaçadas mas seguem em ação, são como larvas, ou como sementes, uma coisa assim. E as sementes resolvem o que brota de acordo com o que há em torno delas.

DOMÉSTICA: A Bartolina fez um pacto com você sobre contar histórias?

KONYAN BEBE: Sim, você vê, não há muito mais que uma morta pode propor a um vivo, ou então que uma idosa das terras altas pode propor a um idoso das terras baixas. Me parece que o motor de toda coisa, mais do que a morte e a sobrevivência, é o envelhecimento, o envelhecimento que todas as coisas vão atravessando, com seus esquecimentos e suas debilidades, mas também suas novas forças que quase não percebemos. O que nos espera é sempre mais e mais envelhecimento, e o tempo passa de outra forma quando envelhecemos, acho que ele também envelhece... Ou então fica morto, e aí atravessa o rio, sabe? Fica imortal... De toda maneira deixamos de ter pressa, deixamos de nos perguntar 'quando'. A ideia de que o futuro está longe ou perto não resiste às rugas, nem ao esfriamento da carne...

DOMÉSTICA: Entendo... As histórias que a gente conta têm que encontrar um tempo no nosso tempo também. Esse chão de histórias que ela falou, seria como aquilo que fica no chão das aldeias destruídas dessa terra, e mais que isso, dos que tomaram essas terras e continuam tendo o poder que essas tomadas deram a eles – as histórias estão guardadas no jeito que os brancos se sentem, livres, independentes e donos dessa terra. Essa história, que faz todas as coisas serem propriedades desses que repartiram o continente entre si, entre os que podem exercer sua liberdade, essa história é que não precisa ser contada porque já está reencenada no presente todos os dias.

KONYAN BEBE: Mas nós não vivemos só no presente, nós vivemos nessas histórias, nas carnes e nos ossos e nas frutas e nas folhas que já comemos. O tempo é caquético, ele também vai e volta, está num ziguezague, também se ausenta, se recolhe... Quando Bartolina vai embora, ela deixa comigo um prato cheio de batatas e cheio de carne e ossos – me pede para comer e eu como. Nem sei de onde vem aquela comida, mas ela é parte desse pacto que fez comigo sobre as minhas histórias e as histórias dela. Sinto muito frio quando estou por lá, ela me deixa sempre um poncho vermelho, e desaparece sempre andando para trás, como se não quisesse deixar de

voltar a cara para mim. Mas todos esses passados cabem no nosso tempo, cabem nas nossas tripas – é como se olhássemos para as coisas ao longe e pudéssemos ver aquela árvore toda de uma vez porque não estamos ali, ela cabe toda, de onde estamos, dentro dos meus olhos.

DOMÉSTICA: Sim, o passado fica ampliando o presente, é como se fosse um horizonte. E as histórias de vocês estão de algum jeito no chão, como larvas. Sempre ressurgem a ideia de comunidades de cuidado, mesmo depois de tantos anos de esvaziamento colonial, esvaziamento até da possibilidade de um governo comunitário...

KONYAN BEBE: Sim, a história de Bartolina é a história da destruição dos *ayllus*, seu esvaziamento... Parte disso é fazer com que comamos a comida do cosmos, do cosmos cru como você diz – separar nossa tripa das nossas ideias e do modo como a gente vive. Não se vive sem o estômago. Por isso acho que terminaremos com algum tipo de comuna, de *ayllu*, de governança comunitária... Mas por enquanto é uma guerra colonial sem pausa contra nós, contra tudo isso, e uma guerra violenta, a cada dia mais violenta. Você sabe, querem nos exterminar; exterminar sobretudo esse jeito de viver em que somos o que comemos e somos quem nos come, o futuro que lembramos, somos essa refeição toda; não somos nossas propriedades, nossos escravos, ou nossos empregados. Querem paralisar nossa inteligência estomacal e, no entanto, eu continuo fazendo alianças por meio do que eu ponho na boca.

DOMÉSTICA: Entendo, comer é se abrir ao mundo. Mas Bartolina nunca fez *ache vwa*, fez? Lá naquelas terras não se come gente, se come?

KONYAN BEBE: Eu nunca vi, mas também não posso saber, nem eles mesmos hoje em dia sabem – os brancos esvaziaram tudo, a colonização desinventou qualquer comilança por afeto... Sim, a inteligência estomacal de que falo não é só comer gente, é prestar atenção nas histórias que deglutimos como comida. Essas carnes de peixe que comemos, essas folhas, essa puba. Eu tento pelo menos ouvir as histórias, como ouço as histórias de tantas gentes, há histórias que não são contadas, só entram no bucho e nos fazem fazer o que fazemos. Mas a Bartolina, e todo esse pessoal lá do alto da cordilheira, não tem a proximidade das carnes, eles nunca entraram pelo meu bucho, ou pelos buchos que eu acho que eu poderia ter comido... Mas entra pela cabeça, essa encaracoladora de histórias, que cria outras proximidades. As histórias também se oferecem, e nos convidam... Você conhece a história de Bartolina Sisa e do cerco de Chuquiypu Marka, não conhece?

DOMÉSTICA: O cerco, com Tupac Katari, sim, eles deixaram a cidade dos brancos à míngua, acho que conheço. E depois foram mortos da forma violenta como os brancos punem quem ousa...

KONYAN BEBE: Sim, esse pesadelo que se repete. Todos os dias eles mandavam as crianças descerem os montes até a cidade dos brancos levando mensagens, era um grupo de umas vinte crianças e algumas falavam a língua deles, mas todas falavam numa só voz. Os espanhóis também mandavam mensageiros, mas às vezes mandavam suas mensagens com as crianças aymaras que subiam o morro. Às vezes algumas crianças não voltavam, mas um dia nenhuma criança voltou. No dia seguinte eles atacaram Bartolina e seu exército, quando Bartolina viu os espanhóis subindo o morro logo entendeu que seria um ataque. Logo em seguida viu todas as crianças que foram mandar a mensagem no dia anterior jogando pedras nos atacantes

antes mesmo dos espanhóis começarem a subir; elas conheciam os esconderijos dos montes e entravam em buracos e derrubavam pedras enormes. O exército de Bartolina então começou a jogar pedras também até que os espanhóis desistiram de subir. Às vezes sonho com esse barranco, estou com as crianças escondido, jogando pedras. É bom ver do alto os brancos chegando – e não sermos vistos. É um barranco que se confunde com a sombra deles... Depois de tantos anos, não sei se estive mesmo lá com as crianças da multidão de Bartolina. Acho que quando aconteceu mesmo, não estava lá, mas poderia estar – eu saberia o que fazer, como as crianças sabiam... e eu já era muito velho naquele tempo.

DOMÉSTICA: Eu imagino que essas crianças terminaram sofrendo as consequências quando eles capturaram Bartolina e Katari...

KONYAN BEBE: Bartolina conseguiu salvar muitas das crianças, mandou elas correrem quando viu que seu exército tinha sido traído. Elas se espalharam pela cordilheira...

DOMÉSTICA: Você sabe, eu conto o que me acontece, as minhas histórias, para minha irmã, em cartas, ela mora no México, toda semana eu escrevo. Ela tem duas filhas... Acho que lê algumas das cartas que eu mando para elas, mas é ela que decide o que fazer com o que eu conto... Às vezes ela nem me responde, mas não importa, é como se eu estivesse fazendo um testamento, como se eu decidisse para quem vai o que se passa comigo – para aquelas que são próximas; mas um testamento não pode tratar de tudo, o que eu faço é apenas oferecer, apenas deixar que elas possam saber, mais nada. Não tenho exigências; gosto da sua imagem, o que eu conto fica à mercê das cabeças que escutam, é como se fosse uma barriga que digere como pode e com aquilo que oferecem as circunstâncias.

KONYAN BEBE: As histórias dos próximos, as histórias que escutamos deles, se tornam nossas. Essas fronteiras entre o nosso e o deles, contudo, está quase sempre aberta... eu tenho vivido de cuidar de histórias, de colocá-las juntas, de me orientar nesse continente por meio delas. Ninguém segue sendo o que é, nem os brancos, nem nós, é sobre isso a devoração; mas nossas histórias são mensageiras das carnes, não fugimos delas, nos acoplamos a elas... Vem chegando alguém por aquele lado ali...

DOMÉSTICA: Deve ser nosso pessoal chegando do rio, ah, espera, a criança já saiu correndo para encontrá-los, vou ter que ir atrás – eles estão longe ainda...

KONYAN BEBE: Mas estão chegando.

YOLANDA: Essas foram as últimas palavras que Mercedes ouviu de Konyan Bebe, ela entrou na mata procurando a criança que havia disparado e quando voltou com seu grupo para perto do fogo, Konyan Bebe estava lá morto. Ali mesmo, junto ao fogo, onde conversavam. Ela conta que tentaram de tudo para ver se ele recobrava a vida mas estava morto. Ela então contou essa conversa para os guaranis, eles demoraram a perceber e a acreditar que era Konyan Bebe ali, morto, esperando por eles que voltavam do rio. Eles ficaram se olhando em silêncio por muitas horas, só interrompidos pela criança, como ela conta na carta. E quando anoiteceu, começaram a assar Konyan Bebe; alguns deles sabiam como fazer, e mesmo a Mercedes se esforçou por arrancar os miolos com o corpo já parcialmente no fogo e colocá-los numa cuia para cozinhar. Eles comeram o índio, de noite, ficaram a noite inteira mastigando, deram os dedos para

a criança, não sei se foi a Mercedes que comeu a genitália... mas quando amanheceu o dia estavam todos dormindo em suas redes perto do fogo, saciados e, aparentemente, tranquilos... Eu fico pensando... Será se hesitaram? Talvez a Mercedes tenha pensado que era a sua chance de experimentar o canibalismo, o *ache vwa*. Ela conta que as coisas começaram a mudar muito na sua vida depois desse dia, acho que foi logo em seguida que ela largou o emprego e foi viver com a criança na mata. Não sei o que aconteceu depois, mas acho que um tempo se passou e ela logo voltou ao México...

QUETZAL: Uh! Eu acho que com essa eu acordei. Ela comeu o índio guerreiro que ficou anos pela matas viajando pelo continente e comendo ninguém sabe bem o que...

YOLANDA: E que fazia alianças pelos dentes.

QUETZAL: Tem café aqui pra quem quiser.

OPPEN: Tive a impressão de que o Konyan Bebe sabia o que ia acontecer...

MARIA: Fiquei com vontade de conhecer essa tua tia...

YOLANDA: Acho que ela se distanciou da família toda depois disso, minha mãe, eu acho, ficou chocada com tudo isso. Eu reli essa carta muitas vezes, às vezes penso que o Konyan Bebe talvez tivesse mesmo preparado sua devoração, não sei. Minha mãe também leu a carta muitas vezes, seus papéis estavam sempre amassados, embrulhados, e quase sempre escondidos. Mas minha mãe não parou mais de escrever pra tia Mercedes, se bem que eu não sei o que ela escrevia. Nunca mais encontrei minha tia, perdi o contato, nem sei se ela vive ainda, talvez ela também siga viva, ela teria quase cem anos hoje. Eu bem que tentei encontrá-la, mas não encontrei seus rastros. Não sei se depois continuou no México, acredito que acabou voltando para o sul...

OPPEN: Talvez já esteja morta e devorada...

MARIA: Acho que já não estamos acostumadas a digerir carne humana, sobretudo assim de alguém que conhecemos, com quem conversamos essas conversas que não esquecemos, que contamos para alguém, que escrevemos em cartas, que fazemos com que outras pessoas se lembrem – e que agora virou parte dos nossos ossos, das nossas carnes. É um tipo de gente que não se faz mais, pelo menos não é muito comum, um tipo de tripa que nem todo mundo tem.

QUETZAL: Esse quilombo que o índio falou, perto de Cartagena, é San Basilio de Palenque, e tenho uma história para contar para vocês, uma história de encontros também... e de sombras...

MARIA: Espera, a Pëdlerei que ele diz que inventou a morte deve ser a que apareceu no sonho da Maria que me contou Micha... a da morte noturna.

YOLANDA: Sim, pensei nisso, ela teve um sonho com as assombrações de morte dos krahô, por isso fiquei muito impressionada. Parece que uma história emenda num sonho e um sonho emenda no outro... acho que estas histórias, como os sonhos, são histórias de esconderijos.

QUETZAL: Como eu disse, tenho essa história para contar, uma história *zamba*, como se diz na Colômbia, meia índia, meia afro – sobre essas coisas de quilombo. Passei muitas vezes pelo Chocó, por Popayán e também por Cartagena vendendo meus brincos e colares. Conheço uma artesã de miçangas do vale do Cauca que se interessa muito por aprender a se movimentar como a sombra de alguém; apegar-se a um corpo sem ser vista, sem ser visível pelos movimentos que os olhos e a cabeça fazem. Era possível aprender a estar na sombra, na zona escura, na zona

opaca – num jogo de luz e contra-luz onde a iluminação nunca chega. Sempre que encontro Julia, essa miçangueira, nos caminhos de nossas viagens pela Colômbia, mas às vezes pelo México e até na Guatemala já nos encontramos, conversamos por dias inteiros enquanto ela fica pondo suas miçangas nos fios e eu fico dobrando minhas placas de metal... Julia tinha ouvido falar sobre se movimentar na sombra de alguém com as macheteiras ao redor do vale do rio Patía. Elas tinham tido que aprender a combater na sombra, sem que sua vítima notasse que há alguém no ataque, a notar sem serem notadas, a ficar à espreita...

MARIA: Um conhecimento de mulheres, que muitas mulheres têm que aprender, não só elas, mas quase toda mulher tem que jogar na sombra...

YOLANDA: Como dizem de Oxum que secou o rio onde os outros orixás iam se encontrar... E ficou parecendo um acontecimento feito pela passagem das estações do ano, pela passagem do tempo sozinha.

QUETZAL: Por isso dizem que as mulheres são forças da natureza... Mas as macheteiras fizeram disso uma técnica de combate, uma técnica secreta, de estar na moita, de tomar posição junto com as sombras, de estar do lado da sombra por onde ela estiver.

YOLANDA: Das sombras é possível ver sem ser vista, é de onde dizem que fica Deus, ou os deuses, controlando o destino – nesse espaço fora do campo de visão. Mas nós que somos deixadas de lado pela história oficial dos heróis que supostamente nunca morrem também estamos nesse espaço. Por isso eu gosto das sombras, gosto quando não sou nem notada.

QUETZAL: Sim, as macheteiras do Patía diziam que era preciso saber fazer com que alguém pudesse ser morto como se tivesse tido uma morte morrida. Como se o destino, e não elas, aparecesse como o único culpado. E Julia queria aprender, de alguma maneira, como fazer isso, como lutar na invisibilidade, na sombra.

OPPEN: Matar e parecer que ninguém matou...

QUETZAL: O início do caminho, a morte, mesmo a tal morte natural, tem protagonista, na maioria das vezes muitos deles, desde os micróbios, as partes do corpo, e às vezes nossa decisão. Esses protagonistas respondem a muitas coisas, de alguma maneira sempre há uma questão de justiça pendente. Mas não quero exaltar assassinatos, claro que não, nem sei se consigo terminar de entender essa coisa aimoré de que falava o índio da Yolanda... Essa área toda da costa colombiana está cheia de questões de justiça pendentes – e urgentes. Pense no caso da Agustina de Tadó, negra, escravizada, violada, estuprada por seu dono e engravidada por ele, que forçou um aborto, foi torturada e que apelou para as instituições que deram razão ao suposto dono. É claro que ela incendiou o que pôde. É assim que começa Tadó, uma terra no Chocó que foi se tornando uma região de *palenques*, quilombos, e, assim parece, um celeiro de macheteiras. Hoje não tem mais quilombos por lá, e bem poucas macheteiras. E quantas como a Polónia la Cimarrona, na região do rio Magdalena, em Cartagena, que fez um pacto com um homem branco que prometeu deixar em paz o quilombo que ela defendia com armas, provavelmente machetes, e depois ele entregou todas as guerreiras à escravidão. A violência total não tem limites, não tem pactos possíveis, não tem juiz imparcial, não tem. As macheteiras, como as quilombolas, foram jogadas nesse domínio das sombras, nesse domínio do escuro, do que a luz não alcança, ou não é feita para alcançar.

Pois Julia conseguiu encontrar uma sobrevivente das macheteiras que já foram muitas, eu acredito, por toda aquela região do Cauca. Dona Lucero Caicedo já estava idosa, era uma das poucas mestras – parece que a luta de machetes foi também assumida por homens, mas não sei se sabiam dessa técnica de elástico de sombra... Mas os mestres homens também já não são muitos. Um escritor colombiano, Juan Cárdenas, escreveu sobre eles, e sobre ela. Dona Lucero concordou em ensinar algumas coisas a Julia; elas iam para a beira do rio no fim da tarde, e praticavam algumas técnicas. Lucero precisava mostrar várias vezes os golpes a Julia, já que o que para ela era parte do seu corpo para Julia eram movimentos inteiramente novos, como gestos clandestinos para seu corpo de miçangueira. Quando faleceu Lucero, seu aprendizado ainda estava bem incipiente, segundo ela me disse. E ela se sentiu muito abalada pela morte, especialmente porque parece que não estava longe quando o corpo parou de viver. Ela diz que conseguiu encontrar forças para não cair na enorme tristeza que ela previa já que Lucero havia se tornado uma pessoa muito importante para ela. Depois de algum tempo, ela se lembrou que Lucero havia uma vez lhe dito que se algum dia ela faltasse, que Julia deveria procurar ir até San Basilio de Palenque, o quilombo que restou, esse mesmo onde o índio da Yolanda foi e ficou refugiado. E ela foi, ainda que duvidasse que por lá, tão longe do Chocó e ainda mais longe do Cauca, ela encontraria macheteiras – ainda que fosse uma terra de resistências. Vocês sabem, a primeira terra livre do domínio europeu no continente, foi emancipada pela coroa espanhola mais de cinquenta anos antes do cerco de La Paz por Katari e Bartolina, e da independência dos Estados Unidos, cem anos antes do Haiti... Ela foi para o quilombo e não encontrou nenhuma macheteira, ainda que tivesse estado ali um bom tempo, fazendo colares e procurando alguém que lhe contasse sobre alguma herança da luta de machetes. Acho que ela ficou muitos meses por lá, se acostumou mesmo a viver ali, um lugar cheio de coisas únicas, de uma certa altivez comunitária, muito acolhedor... ela já entendia o ripalenge local e já dançava o *lumbalú* nos funerais – que duram nove dias, quando aquela pessoa que se foi ainda ronda a casa e a visita quando a escuridão chega ou vai embora. San Basilio é um lugar de música, de tambores, de bullerengue, de batida cubana, e ela foi ficando com suas miçangas e também com uma tranquilidade de que acho que ela gostava, uma tranquilidade na companhia, sobretudo na companhia das crianças. Julia diz que sempre ficava rodeada delas quando andava pelas ruas ou quando parava em alguma esquina para fazer colares e tentar vender aos visitantes. Ela foi ficando.

Então foi que uma vez ela estava andando pela beira da lagoa, na hora do entardecer, naquela mesma hora em que aprendia a ser sombra com Lucero. Sentou-se na beira da lagoa e começou a ouvir uma voz que cantava, uma música que parecia com aquelas que ouvia por ali. Olhou para dentro da água e lhe apareceu a Catalina Loango, uma lutadora e protetora da comunidade que havia morrido sem ninguém saber muito bem como dentro da lagoa, ou de um arroio, ou em alguma água ali próxima. Ela já tinha ouvido falar muito de Catalina, mas todo o boato, já um tanto antigo, era cheio de equívocos. Catalina talvez tivesse sido morta ela mesma anonimamente. Ou talvez, estando dentro de alguma dessas águas que turvam as coisas, não tenha propriamente morrido... De todo modo, ela retornava sempre perto das águas, e Julia já havia ouvido falar desses retornos, dessas aparições. Depois de algum tempo foi o vulto mesmo que silenciou e se voltou para ela com seus olhos escuros, abertos, como se a conhecesse:

CATALINA LOANGO: Você veio do Cauca, ou talvez do Patía, não foi?

MIÇANGUEIRA: Vim, vim daquelas águas mesmo. Catalina Loango? É você? Como você sabe de onde eu venho?

CATALINA LOANGO: Sim, Catalina; você sabe, eu me perdi entre as águas dessas terras e as águas todas se tocam, então...

MIÇANGUEIRA: Eu, eu, que ando pela terra, não sei de onde vêm as pessoas assim só olhando para elas...

CATALINA LOANGO: Como você anda pela terra?

MIÇANGUEIRA: Eu procuro e encontro materiais e faço colares como este que você está usando. Mas gosto de estar perto das águas. Gosto do seu colar, cada pedra faz uma sombra enorme no seu pescoço. Estou interessada nas sombras, uma coisa encobrindo a outra... E você é como uma sombra que ficou depois que você morreu? Uma assombração?

CATALINA LOANGO: Não sei, eu me perdi nessas águas. Suas perguntas são difíceis. Nas águas as coisas e suas sombras se confundem, e eu fiquei por aqui, tentando continuar a minha luta.

MIÇANGUEIRA: Uma luta de machetes?

CATALINA LOANGO: Uma luta por muitos meios, que não termina nem com a morte e nem com o *lumbalú*. Pelo menos no meu caso... Aprender a virar ancestral é aprender a estar como uma sombra mesmo, pendendo, dependendo do movimento dos outros e, ao mesmo tempo, dando contorno aos movimentos dos que ficam, dos que sabem que estão vivos. Dando intensidade aos que ficam entre esses vivos. A cada geração de ancestrais há mais para ser conjurado, mas nenhum ancestral fica em pedra, há que aprender a ser lembrada das maneiras que também quem está vivo decide, nós fazemos parte das memórias deles, por isso eu fico perdida nas águas. A memória é uma coisa que flui, em que as formas se desmancham e se configuram de novo.

MIÇANGUEIRA: Sim... desculpe a pergunta se for difícil, aqui no Palenque, em algum momento, já se lutou com machetes também, não?

CATALINA LOANGO: Pode perguntar, eu posso tentar responder. Machetes, machetes, em algum momento imagino que sim... É que aqui não se plantava tanta cana de açúcar, os instrumentos eram outros. Nossa relação com as sombras são outras. Aqui também foi importante aprender a ser imperceptível, quanto menos visível melhor – nós também fizemos nossos pactos com as sombras, e com as assombrações. Eu insisto. Já me levaram à igreja para me fazer decidir se estou sempre viva ou sempre morta. Quem tem ancestrais não lida com sempre. A minha continuidade, que eu nem sei se é para sempre, se é imortal, é como a dessas entidades que aparecem e depois desaparecem, das coisas que não estão num lugar o tempo todo, das coisas que vão e voltam. Eu não tenho endereço certo, a água não tem endereço certo. No meu caso, eu me perdi, me perdi no meio do corredor que junta a vida e a morte, no meio desse vão, desse matagal que parece que é uma coisa só, morrer, mas é mais do que isso, é um amontoado de coisas – deixar de permanecer, deixar de respirar, deixar de responder rápido. A passagem da vida para a morte não é nem clara e nem distinta, pelo menos para mim não foi... Entrei nesse limbo de águas, não me conseguem determinar se eu cheguei a morrer ou não. Por isso

me levam para a igreja, mas eu fujo, eu desapareço, porque não estou suficientemente viva para conseguir suportar esse sofrimento, mas não estou tão morta assim para poder ter um corpo morto num túmulo ou largado por aí aos comedores de carne morta... Nem sei muito mais sobre esse limbo, fico nele, mas penso, quando penso, apenas que estou perdida. Eu também me perdi. Nesse espaço entre a vida e a morte não tem mapa, não tem bússola, tem correnteza. Eu me oriento, eu acho, pelas correntezas, conheço a corrente que vem de um lado e do outro, e aqui estamos às voltas com o Magdalena, e o Cauca se junta nele. Tudo o que está perto de uma certa água traz o fluxo daquela água, o ímpeto dela...

MIÇANGUEIRA: E foi assim que você viu em mim o Cauca ou o Patía?

CATALINA LOANGO: Não sei, as águas do Cauca me atravessam muitas vezes, mas eu ouvi falar muito do Patía, das pessoas que chegavam daquela área quando vivia no Palenque. Imaginei muito aquelas terras, e aquelas águas, e aqueles peixes. Quando estava no Palenque gostava muito de peixes, já sabia que como eles nadam trazem um pouco da correnteza de onde vêm... Isso ajudava a pescar. Mas não sei. Quando os arroios daqui estão para secar, eu deságuo em outros rios grandes, e me perco nas correntes que passam por eles, minha pele, se posso falar assim, se acostumou com essas correntes. Mas eu não sei como eu soube de onde você veio...

MIÇANGUEIRA: Não sei também, acho que entendo alguma coisa... Você sabe os nomes dos rios, você aprendeu a falar a língua e nela os rios têm nome, mesmo que quem dá o nome não saiba nada sobre as correntezas. Aí você se perdeu na água, você nem sabe de que lado está entre a vida e a morte... Ou talvez saiba que está no meio do caminho... De todo modo eu sempre acho que só quem pode nos contar sobre o que está para além da nossa vista é quem pode ir e voltar, quem pode ser híbrida, como você – estar entre nós e o que está de fora. Como um anfíbio no seu caso, que sente como se sente quem está às voltas com as águas mas já esteve na terra, sabe os nomes das coisas por aqui.

CATALINA LOANGO: Como se eu fosse uma sereia, uma coisa assim? As crianças já me chamaram de sereia, já quiseram me chamar como se chama uma sereia...

MIÇANGUEIRA: Não sei, mas alguém que fala comigo vindo de muito longe, mais longe do que cabe em qualquer mapa, mesmo que esteja aqui, na água em que eu tenho passado quase todos os dias; é isso, alguém que está no meio do caminho, que foi para um outro lado mas ainda volta...

CATALINA LOANGO: Há muitas histórias sobre mim, depois de tanto tempo, tanta coisa aconteceu aqui no Palenque, sei disso, trocam o meu nome, contam de diferentes águas em que eu já apareci... Acho que nenhuma delas me descreve, ou todas me descrevem, não sei... Sobre sereias, não sei, eu não estou em dois mundos, eu já não vivo mais, pelo menos não vivo mais na comunidade, no palenque. E eu não sei por quanto tempo mais eu vou ficar aparecendo para vocês – eu já me esqueço, já me esqueço do nome das coisas, ficam em mim os nomes dos rios ainda, dos mares, dos lagos, dos arroios porque eles são o meu meio agora... Quando eu aparecia e me levavam para a igreja eu sentia que a vida na terra tinha ficado insuportável para mim, que não tinha corrente, que tudo demorava para ser percebido...

MIÇANGUEIRA: Eu sempre gosto de estar perto da água, mas ela me assusta também. Gosto do que eu faço porque ninguém olha meu rosto, fico no chão e meus colares e pulseiras é que

são meu rosto. Quem passa vê minha pele preta e minhas miçangas coloridas, não quero mais nada, é por isso que eu gosto de sombras, eu acho. E gosto de instrumentos.

CATALINA LOANGO: Sim, as machetes... faz tempo que eu não vejo uma dessas... Mas o combate através da sombra tem muitas formas. Assim como eu estou, nesse limbo que te falei, começo a me ver como uma ancestral, por isso me preocupam as ancestrais. Acho que é por isso que eu volto ainda a aparecer para vocês que estão fora das águas, porque tenho uma herança para vocês, especialmente para o Palenque, que está entre os arroios... Todos os que moram no palenque vêm sempre se banhar em alguma água dessas, dos arroios, sinto cada um deles e entendo que também água e terra não estão separadas, como não estão separados os vivos e os mortos. Cada um desses palenqueros aparece para mim, vem até mim, ainda que raramente eu me mostre para eles – eu nem sei para quem e para que eu vou aparecer quando apareço, mas eu não tenho mais medo, sei que posso desaparecer se me levarem para a igreja ou quiserem decidir o que não se pode decidir.

MIÇANGUEIRA: Acho que foi como uma ancestral que aparece que eu vim te procurar, sem saber que estava te procurando, sem saber nem como te procurar. Mas você é uma ancestral que me apareceu, é assim.

CATALINA LOANGO: Daqui das águas eu tenho sentido uma coisa assim: a gente procura, a gente encontra, a gente decide, mas o que está diante da gente para nos fazer procurar, para encontrar ou para decidir são coisas que a gente nem procura, nem encontra e nem decide. Você veio parar aqui, na beira, hoje... eu apareci. Você veio ao palenque para alguma coisa?

MIÇANGUEIRA: Você sabe, como eu disse, eu me interesso por esse combate de sombras. No vale do Patía, comecei a aprender esse combate de machetes desde as sombras com uma mestra, Dona Lucero Caicedo, já bastante idosa. Ela tinha muita força nas pernas e nos braços, e uma luz que eu nunca tinha visto nos olhos. Mas tinha a boca cansada, não falava muito – mas eu sabia que ela era a única mestra que sabia tanto sobre as sombras. Um dia ela disse que se ela não estivesse mais para me ensinar, eu deveria vir a San Basilio, foi isso que me trouxe aqui, algum tempo depois que ela morreu. Eu vim, fiquei por aqui, não sabia o que procurar.

CATALINA LOANGO: Ah, eu nem sei se vou poder te ajudar. Nós todas somos das sombras, você sabe, mas do combate das sombras eu ouvi falar há muito tempo, e sempre preferi a água, que é uma espécie de sombra também. E quem é ancestral, de alguma forma é sombra, tenho aprendido a rodear o palenque, a estar por perto sem ser aquilo que é visto. Eu sempre preferi ficar entre as águas que são como o meio da mata para nós, onde toda luz tem que pactuar com as sombras. Por isso nos metemos pelas matas, onde há mato escapamos dos vigias, paramos de estar na sua mira – nossa luta toda se dá na intransparência, entende? É assim aqui no Palenque, no Chocó, no Cauca, em todos os endereços de resistência, nos quilombos, em todo lugar que precisa resistir quando a luz nos joga para o escuro, para o invisível.

MIÇANGUEIRA: Entendo, a água, a mata... E também, sem sombra não tem luz, não é? Eu acho que a mestra me mandou para o lugar certo, vi o que precisava ver em San Basílio, uma espécie de sombra nítida, de alguma forma. E sem sombras, o tempo não passa, fica tudo como se pudesse mesmo ser substituído por um mapa.

CATALINA LOANGO: Sim... As coisas não são tão determinadas como andam pensando esses brancos por aí... ou os seus descendentes e os já misturados. Uma coisa determinada tem que ser lembrada por outra, e lembrar é já entrar num duelo com as sombras. É estar num combate com a passagem da luz. Por isso gosto dos entardeceres, dessas horas de *lumbalú*, e por isso não paro de dançar, com as águas. E a dança é por dentro também, minhas entranhas, minhas ideias, também elas estão às voltas com as sombras. É por isso que o *lumbalú* encaminha quem se torna ancestral, há que embalar quem morre num ritmo de sobre-vida, de mais que vida, de animação de sombras. Acho às vezes que esse limbo onde eu estou é invocado pelo ritual do *lumbalú*, por esse meio do caminho que aqui no palenque, por sermos todas sobreviventes e descendentes de sobreviventes de tanto horror e tanta morte, nós aprendemos a esticar, a espichar, a estender... É sobre esse momento da passagem pela morte, é sobre isso o *lumbalú*, e sobre esse ritmo se fez a vida aqui no palenque. Aqui temos parte com a sombra, sua mestra tinha razão. Aqui nós olhamos para esse momento em que a passagem acontece, essa passagem em que eu agora habito, ou melhor, na qual me perco, me perdi. Tornar-se morta, tornar-se assombração, uma coisa assim, como acontece? Eu me sinto uma palenquera, cada vez mais, perdida, e perdida nas águas, me perdi nas águas, e há que aprender a se perder, há que aprender a deixar de seguir as luzes, a deixar de andar onde está mais claro. Essa lição do palenque, ela é deixada de lado tantas vezes, mas volta, como tudo o que aprendemos volta, não está conosco sempre, volta em cada dia de *lumbalú* por aqui...

MIÇANGUEIRA: Tem uma coisa no *lumbalú* que me lembra o combate de sombras, eu não sei o que é, e acho que isso foi uma das coisas que me fez ficar no palenque por esse tempo, eu que estou todo tempo viajando, indo de um lado para o outro. Esse espaço entre a vida e a morte, de que você fala, é esse o espaço da luta, quando a luta é de vida e morte, quando a luta é da impossibilidade da co-existência. É um espaço que as pessoas não querem explorar, preferem correr ali bem rápido e voltar para um lugar mais bem definido... Mas quem passou por tanta violência, quem teve que aprender a resistir, teve que aprender a olhar para esse lugar, e a estar na sombra onde se pode dar o combate sem ser vista, e onde se pode dar o combate de contra-golpe, a qualquer momento, tem que estar nesse espaço. É isso que a mestra precisava que eu aprendesse, sobre esse lugar das sombras.

CATALINA LOANGO: Sim, sobre esse lugar... Vou te contar outra coisa, uma coisa que ainda me lembro, trago dos meus ancestrais, do que contava minha vó e repetia minha mãe... Vieram aqui para o palenque alguns macheteiros e macheteiras, muito tempo atrás, vieram de lá, do Cauca, ou de Buenaventura, não sei mais, vieram para morar aqui no palenque, na geração da minha avó. Tanto os homens quanto as mulheres macheteiras de combate se incorporaram na guarda cimarrona, protegendo o palenque dos abusos que vinham dos senhoritos de Cartagena, dos homens da república. E no fim das tardes, os homens vinham treinar com machetes na beira dos arroios, às vezes vinham as mulheres também, mas nem sempre, contava a minha vó. Os meninos vinham banhar nas águas e ficavam vendo eles treinarem, subiam em cima das árvores e pulavam, quase sem serem percebidos, tinham que estar imperceptíveis e as crianças gostavam porque aprendiam a dar sustos umas nas outras, a não serem notadas. E contavam para todo o palenque o que tinham visto, mas quando minha vó foi lá e viu os macheteiros ela começou a fazer igual, a mostrar para todo mundo como faziam, e seus pais a deixaram de

castigo, e disseram, é segredo, os segredos da guarda cimarrona não se conta para ninguém, nem dentro do palenque, a gente nunca sabe quem está ouvindo. Minha mãe dizia que de tanto ouvir essa história sempre tentou achar esse treinamento por lá, diziam que quem entrava na guarda tinha que treinar com os macheteiros, essas coisas, mas ela nunca encontrou nada. Talvez eles tenham parado, talvez tenham ido para dentro do mato... foi a única coisa que eu ouvia falar dos macheteiros.

MIÇANGUEIRA: E os mestres da guarda eram tanto homens quanto mulheres?

CATALINA LOANGO: Acho que havia treinamentos separados, pelo que contava a minha vó, as mulheres treinavam mais secretamente, mas nunca pensei que era porque elas tinham outras técnicas. Eu nunca vi um combate desses, mas imagino que as mulheres que combatiam com homens tinham que exercitar sobretudo os ataques discretos, tentar os golpes imperceptíveis.

MIÇANGUEIRA: Então... de alguma maneira há uma herança delas na guarda cimarrona, não?

CATALINA LOANGO: Mas não temos muitas machetes por aqui, acho que as coisas se transformaram, outros golpes de sombra surgiram, acho que isso se incorporou nas próprias técnicas de discrição da guarda, e acho que poucas pessoas da guarda sabem falar das macheteiras hoje, mas você pode encontrar gestos, nos corpos, na maneira de combater, na maneira de vigiar... no palenque se diz muito que tudo fica na oralidade, ou seja, não tem documentos escritos, fixados no papel, mas tem histórias que as pessoas contam. E mais, tem os gestos, as maneiras de se movimentar, as danças, as lutas, elas contam histórias, guardam as heranças. Tudo tem mais memória do que parece, há memórias por toda parte, o esquecimento, este, é como um desaparecimento, provisório, que depende do caminho que fazem as sombras.

MIÇANGUEIRA: Então há nos corpos das pessoas alguns movimentos dos combates macheteiros que ficaram pelos corpos, mesmo sem serem notados?

CATALINA LOANGO: Você encontra, sim. Acho que todos os corpos que têm ancestrais escravizados, que passaram pelo cativo, pela violência feroz, trazem as marcas do combate nas sombras – tiveram que combater mesmo sem querer, sem decidir, sem se dar conta, sem procurar o combate. É essa herança que não fica escrita, que é falada, mas que é falada apenas de raspão, de soslaio, ela não pode ser contada senão pelas sombras, nas sombras.

MIÇANGUEIRA: Percebo isso, percebo os corpos, é como se neles estivessem gravadas coisas de outras gerações, gestos que quem se move não sabe de onde vieram, e que terminam moldando os corpos mesmos, as formas, essas coisas. O corpo é um emaranhado de heranças, todos os corpos, as histórias que as carnes contam... não sei. É bem difícil, no entanto, ler essas coisas nos corpos, tenho tentado fazer isso, sem mesmo me dar conta completamente, aqui em San Basílio. Tenho tentado encontrar essa conexão, esse elo perdido com a costa do Pacífico. Acho que os movimentos ancestrais ficam disseminados, eles não desaparecem... mas tenho medo de que eu não consiga ver através desses movimentos, é bem difícil.

CATALINA LOANGO: Você consegue, consegue o suficiente. Você presta atenção nas sombras, vejo isso. Por aqui você talvez não encontre uma outra mestra, alguém que te ensine esses passos te treinando para o combate. Você pode treinar seu olho, no entanto. Treinar para encontrar as posições quando elas surgem, como num salto de circunstâncias. E treinar ver o que ninguém te mostra mas que ainda assim aparece.

MIÇANGUEIRA: Acho que você está falando de treinar o olho para ver o ancestral por trás dos corpos; o que se faz durante a vida desaparece, fica esquecido, irreconhecível, mas não define cada vez mais. Não vai se diluindo simplesmente, vai e volta, volta quando alguém consegue ver e amplificar, e volta quando as circunstâncias requerem. Quantos combates contra-coloniais nós vamos ter que ter ainda, e quem sabe como eles serão? Quando alguma coisa exige dos corpos, a memória volta, isso eu tenho visto. Minha mestra dizia que tinha alguma coisa que ela estava relembrando nas minhas articulações, nos meus músculos, alguma coisa que já estava ali, de que eu era herdeira. Tem uma coisa sobre o passado que está nas juntas, e acho que ela conseguia ler meu corpo como eu não consigo, mas sigo tentando.

CATALINA LOANGO: Os corpos são feitos daquilo pelo que passaram, nenhum corpo se esquece, por exemplo, do que comeu... Eu já não como, acho que bebo água, acho que sim. No início eu tentava comer uns peixes que eu encontrava, mas isso passou. Ainda gosto do sabor do peixe, e às vezes... O que se come fica na lembrança do corpo, o estômago é ele mesmo uma sombra, e há ali um combate, eu sofria muito com dores na barriga, sentia que havia uma luta ali entre ancestrais e minhas carnes, havia golpes que eu não sabia de onde vinham, se eram do meu corpo mesmo ou se eram de todos aqueles outros que eu engolia, que eu abrigava, que ficavam nessa minha sombra. Os corpos são meio ancestrais... Eu sentia esses repuxos nas tripas, sentia que minhas entranhas eram uma zona de luta mesmo.

MIÇANGUEIRA: Um combate de sombras?

CATALINA LOANGO: Ali também tem sombras, como tem sombras no pensamento, não tem? Pensar também é um combate, nas sombras, pensamos coisas que nem sequer sabemos o que são e tentamos agregar algumas palavras para trazê-las à tona, mas as palavras mesmo não conseguem carregar o que pensamos, que sempre está às voltas com o movimento da luz. Pensar é uma coisa de sombras, é por isso que nos enganamos com o que pensamos e pensamos com o que nos engana. Não somos nós que encaminhamos os pensamentos. E os enganos, você sabe o que eu tenho achado? Os enganos são parte da paisagem. Dentro do corpo há muitas sombras e acho que deve ser porque também tem tanta assombração. Mas as sombras não permanecem, elas mudam, elas se movimentam. Quem joga com as sombras sabe se movimentar. É preciso sombrear alguma coisa agora, deixá-la sem luz, iluminar outras coisas... Às vezes tornar-se uma coisa, parecer com ela, é um jeito de escondê-la, ou de nos esconder.

MIÇANGUEIRA: Eu uma vez perguntei a Dona Lucero Caicedo, essa minha mestra macheteira no vale do Patía, se quando se matava em combate um inimigo branco sem fazê-lo notar que tinha sido um combate, era preciso às vezes também esconder o corpo porque as marcas ficam no cadáver depois se ele é colocado sob a luz, se ele é examinado... É preciso deixar o máximo possível o próprio combate nas sombras. Então o que fazer com o corpo, eles buscam o corpo, o corpo conta, o corpo morto conta... Ela nunca me respondeu.

CATALINA LOANGO: Há muitos motivos para se comer uma carne, e é certo que as carnes são feitas para serem comidas, elas estão destinadas às sombras. E às vezes engolimos alguma coisa para esquecer-la, para escondê-la – às vezes para guardá-la também, esconder e guardar são coisas aparentadas, tentar esquecer e lembrar também. Mas onde há mata e água onde é possível se perder, o estômago é um dos últimos esconderijos. Ou a mata e suas águas são

como o estômago do mundo. Uma sombra, ou um esconderijo, mas nenhuma sombra é só esconderijo, nenhuma sombra é só uma sombra. A sombra, e o esconderijo, por outro lado, são também lugares de espera. Você sabe bem...

MIÇANGUEIRA: Eu sei. Acho que há muitas coisas que o combate que você não escolheu te faz fazer, mas acho que um corpo se esconde às vezes nas entranhas, sabe lá o que essas matas que testemunharam o cativo por tanto tempo não viram... E você tem razão, guardar e esconder, estão lado a lado – às vezes é preciso guardar o inimigo, tê-lo nas suas sombras. Como ancestrais... Nunca sabemos do próximo combate.

CATALINA LOANGO: É isso, comer é um jeito de colocar alguma coisa na memória do corpo. É como aprender, não se pode aprender apenas com a memória do pensamento, o pensamento não tem uma memória própria, ele atua nas memórias que estão por toda parte, é a memória que pensa.

MIÇANGUEIRA: A memória pensa porque ela é circunstanciada, ela não fica no passado – e o corpo se move agora, ainda que com gestos assombrados, com gestos que foram forjados pelo passado.

CATALINA LOANGO: É isso, a cada vez que chego na beirada da lagoa, ou que escuto o *lumbalú*, às vezes o *lumbalú* que nem começou ainda, antes mesmo de alguém morrer, encontro uma outra cidade, e outras coisas que esperam de mim. A cada geração, os ancestrais se transformam porque novas necessidades surgem das coisas que vão se agregando. Os ancestrais estão na espreita, é isso que tenho aprendido. Não é que os ancestrais vigiam as gerações que vêm vindo, nós não vigiamos, nós estamos na espera, por isso as gerações novas surgem com a capacidade de olhar para trás, mas elas olham para trás de onde estão. É como as casas vistas daqui, elas parecem pequenas, mesmo que sejam importantes, se eu ando para a direção delas, elas vão parecendo maiores. Eu mesma às vezes fico à sombra dos ancestrais, sem os quais eu tampouco me enxergo no que estou fazendo... Você vê, o problema aqui de Palenque tem sido o que aparece do lado dos colonialistas que sempre fazem planos para nós, querem asfaltar tudo, querem engarrafar a água, encanar a água, juntar o esgoto à água, querem que trabalhemos pelo dinheiro deles; e é difícil porque eles dizem que somos todos iguais – sem que eles acreditem nisso – e dizem que somos todos colombianos, ou todos humanos ou não sei o que mais. É como se quisessem que o quilombo fosse uma peça no quebra-cabeça que é o mapa deles, mas nossas águas e nossas matas não são como qualquer água e qualquer terra, nós temos proximidade com essas coisas todas – aqui ficam nossas sombras, precisamos delas, nossas assombrações. As novas gerações, contudo, são seduzidas por essa ideia de que são importantes nas engrenagens brancas, essas coisas assim, não sei se entendo o que seduz tanto. E só nos restam as nossas assombrações. Nos funerais os vivos encaminham os mortos, os mortos depois podem ter que encaminhar os vivos...

MIÇANGUEIRA: Aqueles que mais atacaram são os que hoje mais seduzem, eles querem convencer todo mundo a se parecer com os vitoriosos.

CATALINA LOANGO: Uma estranha sedução, porque não há um convite para que nós sejamos parte da vida deles, eles nos seduzem para que sejamos pobres, escravas sem usar esse nome, para que sigamos sendo cativas aos olhos deles. Nós, do Palenque, nós somos manchas sem forma,

somos deixadas de lado pela vida social colombiana, pela vida branca, humana, moderna, por qualquer sociedade de que eles falam. Nós somos só o barulho na engrenagem deles. É difícil que nós, ancestrais, convençamos as novas gerações que Palenque é o futuro, e o que vai ter que ser deixado para trás é Cartagena, é a periferia atulhada de impossibilidades de conectar. Ninguém sabe direito, mas a gente sabe que no Palenque tem começo. Mas a cidade grande tem luzes, neon, e já não importa a vida dos vizinhos... e agora, aqui mesmo no palenque, todo mundo tem essas maquininhas que parece que pensam mais rápido que as pessoas, que pensam por elas, e que estão à disposição para fazerem o que for mandado, mas sem contar quem manda... São como assombrações, assombrações que vêm de longe, mas que parece que estão sempre ao alcance das mãos.

MIÇANGUEIRA: ...ouvindo você falar, acompanhando o que você diz, parece que estou ouvindo uma voz que muitas vezes me assola quando estou pelos caminhos, atravessando as rodovias, dormindo na cidade... uma voz baixinha, quase como se viesse dessas mariposas em torno da luz, mas que fala de um jeito que eu vou ouvindo palavra por palavra. Acho que são as vozes do porão do meu pensamento. Devem parecer mariposas em torno da luz porque meu pensamento também roda, gira, vai ao redor, vai em torno – vou tentando me lembrar e para isso vou chegando, vou chegando, e não sei se cheguei. Parece que nunca termino de andar às voltas, porque quando chego parece que não cheguei ao mesmo lugar. Acho que pensar deve ser mesmo assim, circundar, fazer a volta, alcançar as redondezas. Não é uma questão de certo e errado, essa coisa de certo é já uma coisa de comando, e de submissão. Parece que estamos tentando nos colocar a serviço de algum patrão, à disposição de algum mestre. É claro que quero chegar a algum lugar quando penso, quando tento me lembrar, quando acompanho as minhas vozes, mas chegar é também rondar. Não sei mais por que estou falando isso, mas parece que escutar ancestrais, como você falava, é estar às voltas com o futuro e com o passado e não ter certeza se estamos ainda procurando ou se já encontramos.

CATALINA LOANGO: Tendo me perdido nas águas, eu já não me ocupo mais de resolver qualquer problema, eu deixo as águas me levarem de volta a este lugar em que estamos sem nunca saber ao certo se cheguei aqui ou não. Os colonialistas aparecem com essa conversa de certo e de errado, de resolver os problemas, e seduzem porque parece que com eles nada é instável, nada é esquecido para depois ser lembrado em outro canto, parece que tudo fica firme e sólido e você pode construir em cima... Mas eles nos querem como tijolos.

MIÇANGUEIRA: Acho que é mesmo coisa de sombra andar ao redor. Coisa de esquiva. É isso que me interessa. Com machetes. Ou com palavras. Ainda assim, eu me pergunto, e pergunto a você, Catalina, você acha que eu encontrei o que devia procurar por aqui?

CATALINA LOANGO: Acho que você veio se assombrar, não foi? Encontrou uma ancestral, eu suponho. Mas o que você faria se encontrasse a ancestral que procurava? Tentaria trazer para o seu corpo os gestos dela, não é? Tipo engoli-la de alguma maneira – as ancestrais têm que ficar dentro de nós, não no comando central que acho que essa coisa de comando central já é coisa de colonialista, de quem pensa em uníssono... Não tem comando central, nem do pensamento que passa por entre as juntas, no meio das sombras...

MIÇANGUEIRA: Sim, sim, a sombra é alguma coisa que acontece aos corpos. Ou talvez alguma coisa que acontece às imagens dos corpos... De todo modo, são os corpos, e suas imagens, que têm gestos. E os corpos às vezes carregam gestos que estão nas suas sombras, nas suas entranhas, que nunca apareceram. É isso que eu penso das macheteiras, elas carregam muito mais do que elas deixam aparecer. É por isso que é bem difícil ler o que há nos corpos...

CATALINA LOANGO: Mas ninguém pode encontrar num corpo tudo o que há nele, assim como é impossível se lembrar de tudo de uma vez, porque não dá para lembrar de tudo, a luz precisa da sombra. Você vai encontrar nos corpos o que você está procurando, mesmo que você não saiba o que está procurando. Há sempre muito mais em cada pedaço de carne; não caia na tentação de fazer um inventário, de deixar tudo à mostra... os corpos têm sombras, e as sombras têm suas horas, elas não podem aparecer todas juntas, todas de uma vez, todas expostas, você sabe.

MIÇANGUEIRA: Há alguma coisa nas palavras, no sotaque com que elas são faladas, no modo de respirar. Não param de aparecer coisas... As minhas vozes quando estou pensando também têm sotaques, que muitas vezes parecem com seu ripalenge, sabia? Entendi o que você disse sobre os colonialistas... e eles parece que perderam a fé nas palavras – para eles a língua está acorrentada pelo certo e pelo errado, e há muito pouco de outra coisa importante que as palavras possam fazer.

CATALINA LOANGO: Eles não acreditam nas palavras, na língua, não acreditam nos ancestrais – seus ancestrais estão mortos e enterrados, sumiram de cena, como cada um deles também acha que vai sumir, mais cedo ou mais tarde. Eles dizem que não acreditam em fantasmas. E quando veem um fazem aquela cara de suspeita, de desconfiança, que deixa tudo miudinho... As coisas que vão e voltam são as que enganam, para eles. Já para mim, nem consigo imaginar o que não rodeia. E tenho medo de que aqui no palenque as pessoas cada vez mais fiquem assim, sem acreditar, não em mim, mas em nenhuma outra assombração, que se deixem tomar pela possibilidade de estarem enganadas, você entende? E assim parem de rondar, de rodear, de dar a volta – esqueçam as sombras.

MIÇANGUEIRA: É... rondar, rodear... deve ser por isso que eu faço colares, e pulseiras e anéis. Eu acho que as vozes que escuto, e sempre tem alguma voz ressoando na minha cabeça, vão virando gestos e vão moldando as carnes, minhas carnes, sabe? O jeito que meu corpo vai ficando, os miolos, as tripas, as mãos, as miçangas parece que se ajustam nas minhas mãos. Eu também dou voltas, vou para o oriente, venho para esses lados, vou para o norte, às vezes chego até o México e a Califórnia, mas volto para Popayán...

CATALINA LOANGO: Eu me lembro muitas vezes desses rios, das voltas que as águas fazem, mas me deixa levar. Me localizo pelas sombras e pela luz – tem uma coisa na luz que quase parece um cheiro, parece que é feita de pedaços de passado. É essa coisa que me localiza, talvez seja então por isso que tive essa impressão de que você vinha do Cauca ou do Patía. Essas impressões surgem em mim, eu nem sei de onde, nem eu acredito nelas; acho que são como as suas vozes, elas me sugerem coisas e depois desaparecem. Hoje em dia quase todo mundo fala de passado e futuro como coisas distantes, como aquilo que já ficou difícil ver ou que ainda não é fácil de ver. Eu não sei se eu me dou conta, mas eu vejo coisas em muitos tempos, todas

misturadas pelas águas dos rios, das lagoas. E vejo o que vem vindo, mas as águas também carregam as bordas em torno delas com elas. Deve ser por isso que às vezes também não vejo nada, e também nada me vê, depende da lua cheia eu acho, mas há muitas maneiras de depender da lua cheia.

MIÇANGUEIRA: É como se as circunstâncias te levassem, como se já não houvesse nada que insistisse numa luz, em tomar a decisão, em ser soberana dentro de você, mas ao mesmo tempo você tem um corpo que é já habitado pela água onde você mesma mora...

CATALINA LOANGO: Isso é perder-se. E acho que dessa posição, que também não é tão diferente daquela que temos todas as que guardamos o legado da violência total do cativo, consigo ver umas coisas sobre a vida que só quem está um tanto de fora dela consegue ver. Você me chama de híbrida, mas eu cada vez consigo menos persuadir quem está no palenque sobre o que eu consigo enxergar. Acho que em breve eu só vou conseguir persuadir na espreita, como se eu estivesse num desses combates de sombra de que você fala. Sem ser vista, como se eu fosse uma força da natureza. E as forças da natureza me parecem mesmo agir na espreita, como se fossem heranças de antepassados, de ancestrais...

MIÇANGUEIRA: A natureza é uma casa assombrada, é isso? Nós vamos passando e moldando todo o resto, e como sempre tem alguém passando... ficaram essas forças. A mestra me mandou para cá, eu vim, eu fiz a ronda. Vou continuar treinando meus passos na sombra nas tardes de Popayán. E tudo isso vai ficando nas minhas miçangas; uma cantadora do Chocó já me disse que minhas pedras e minhas miçangas eram assombradas... Parece que nunca estamos só onde estamos, damos voltas em torno de um lugar; deve ser por isso que se há uma sequência no tempo ela é muito tremida... eu só vejo o ziguezague. Talvez não seja mais da luta de machetes que eu preciso, é apenas a sombra, aprender a não fixar os olhos na luz, Catalina, Catalina!

QUETZAL: Tinha anoitecido. A imagem no rio desapareceu quando Julia se deu conta de que já havia uma noite completa com muita luz no céu. Mas a noite caiu tanto, que ela nem tinha certeza de quando a imagem de Catalina tinha começado a desaparecer. Ela olhou em volta e ouvia apenas o barulho de um sapo e da água que refletia a lua. Julia conta que rapidamente procurou uma cuia e, já estava de noite, entrou na lagoa e começou a beber toda a água que podia, ali de onde estava Catalina. Ela bebeu até não conseguir mais engolir e depois ficou boiando ali mesmo, arrastada até as pedras, até ser acordada pela lua cheia no alto do céu. Ela acha que ficou deitada ali muitas horas, como que digerindo toda a água que bebeu, sua barriga tendo espasmos, mas ela acha que dormiu depois de beber cuias e cuias de água. Acho que ela procurava um corpo de onde vinha Catalina. Eu perguntei por que ela bebeu toda aquela água. Ela não respondeu. Ficou em silêncio, colocando as miçangas no fio, uma após a outra, umas miçangas bem pequenas, todas azuis. Eu olhei para o céu, estava um sol muito forte em Popayán onde estávamos. Quando terminava a tarde ela parou de colocar miçangas no fio, se levantou e foi embora. Ela sempre fica em silêncio depois que conta coisas assim... Semanas depois, quando nos encontramos outra vez em Buenaventura, ela me mostrou o colar que tinha acabado de fazer e disse: é o colar que usava a Catalina Loango em San Basilio. Eu fiquei com o colar na mão por muito tempo, era quase como se eu mesmo estivesse vendo a imagem dela, mesmo que eu nunca tenha ido a San Basilio.

MARIA: Vai clarear, vai amanhecer o dia.

QUETZAL: Ela me contou depois que não contou a ninguém no palenque sobre a aparição de Catalina. Faz muito tempo que não se conta das aparições de Catalina por lá. Julia preferiu levar sua conversa com ela de volta para Popayán. Mas me contou tudo isso numa das nossas manhãs na praça, ela confiou a mim esta conversa, não sei se contou a mais alguém. Acho que ela entendeu que o que lhe disse Catalina não era para o palenque, era para quem vinha até ele.

MARIA: A quem confiar esse tipo de conversa? Contamos para alguém confiando que quem ouve saberá repartir com quem de alguma maneira precisa ouvir, saberá também contar a conversa com uma voz... confiável.

YOLANDA: Se essas conversas nossas vierem à tona um dia, se elas forem disseminadas num texto escrito, significa que alguém que escutou confiou que o mundo ia fazer elas caírem em mãos confiáveis, confiou o suficiente para escrever, para deixar o texto largado por aí.

MARIA: Se houver entre nós alguém como o Platão que expôs as conversas do velho náufrago segundo a Maria do Mali, vamos ter que confiar em quem confiamos...

YOLANDA: Me pergunto se seria como largar um corpo no cosmos, sem cuidar dele, sem se ocupar em digeri-lo. Mas não, estamos nós cuidando dessas conversas pessoalmente.

OPPEN: E quem vai cuidar das nossas conversas, essas nossas conversas sobre essas conversas?

YOLANDA: Não sei o que deveria ser secreto, mas quem consegue medir o perigo? Porque também o que é guardado em silêncio tem seus perigos. Acho que é mesmo uma questão de confiança, e de confiança em para quem será confiado. Tipo uma linha sucessória que se abre.

QUETZAL: De todo modo ela confiou a conversa a mim, e eu estou confiando ela a vocês, mas confio porque há uma conversa entre nós que começou, pelo menos hoje começou, com a história da Maria. E depois a Julia me contou mais. Meses depois, quando nos encontramos outra vez em Popayán, ela me disse que andava sonhando, muitas vezes com a Catalina, que lhe aparecia, sempre ou na chuva ou numa bica, numa torneira de onde caía água do alto. Parecia que a Catalina já não surgia em lagoas ou arroios... E uma vez sonhou, escutem, com a Catalina debaixo de uma onda muito forte no mar, numa praia, e ela lhe contava uma coisa assim sobre uma estrangeira, uma refugiada talvez, que parece que tinha engolido um sábio e perambulava pelas cidades da Europa:

CATALINA LOANGO: Essa mulher poderia ser acusada de fazer desaparecer o corpo de uma pessoa que ninguém sabia quem era, de um corpo anônimo que adoecera antes mesmo de conseguir qualquer papel de imigrante ao chegar na Itália. Eu sei quem ele era. Ela seguia de uma cidade para outra, ninguém conseguia colocar as mãos nela. Viajava como uma fugitiva, primeiro, mas depois começou a viajar de outro jeito – mas sempre ela viajava rápido, aparecia em diferentes capitais, um dia numa, outro em outra, e discursava para quem quisesse ouvir que todos as pessoas insatisfeitas com as terras que foram colonizadas pela Europa tinham que ser recebidas ali, na Europa. Essas pessoas foram largadas lá pelas reincidências da colonização, e foram elas que construíram e financiaram a pompa das grandes praças e, pior ainda, das casas privadas, iates, mansões e fortunas do continente. Ela falava de reparações. Ela discursava com bandos de refugiados, e tinha essa força nas palavras, e falava algumas línguas de lá. Ela falava

e gesticulava e seu bando a interrompia, gritava, fazia uma manifestação, tudo muito rápido. Depois eles desapareciam – as pessoas refugiadas são como nós, os quilombolas, aprendem logo os caminhos de fuga, as rotas desconhecidas, os truques da terra. E depois reapareciam todos em outro lugar, em outra grande cidade. Ela mesma era uma pessoa de uma certa idade, mas tinha o corpo muito ágil, comia pouco, se movimentava rápido e carregava sempre uma alegria que ninguém sabia se era disfarce ou efeito de algum suco gástrico que só ela tinha. Ela se movimentava como se não tivesse corpo, como se não tivesse esse peso que para tantas pessoas é um peso feito de cansaço; e o bando de refugiados que a seguia, e ia aumentando a cada discurso, tinha que acompanhar seu passo. O bando ia se tornando uma multidão que sabia se reunir e se dispersar, como se pudesse perambular pelos esgotos das cidades. Às vezes ela parece que era reconhecida e acusada mas raramente conseguiam montar alguma coisa contra ela, já que o bando a sua volta também a protegia – e sabia por onde os ventos fazem a curva, e por onde toda terra se torna um labirinto para quem não tem que resistir aos que se dizem donos dela.

QUETZAL: Julia se perguntava por que Catalina lhe tinha confiado isso, o relato da refugiada rondando a Europa. Era alguma coisa que ela precisava saber? Talvez alguma coisa que ela precisava contar... Os sonhos às vezes são para outras pessoas, nós somos só os transmissores. A Catalina, é claro, sumiu no sonho como fazem até as assombrações, e Julia ficou ali deitada sem saber se estava acordada e tentando montar as peças de um quebra-cabeças que nunca se completa. Na última vez que encontrei com Julia perguntei se ela continuava sonhando. Ela não respondeu, mas me mostrou muitos colares de conchas e me disse que ia viajar para o Brasil, atrás de uma sombra de cajueiro, não sei onde. Me disse que agora ela só se senta para fazer pulseiras e colares perto de alguma água. Já tem uns meses que não encontro com ela.

MARIA: Os sonhos... Sonhamos com o que está dentro de nós, não é? E esse sonho da Julia dá um horizonte aberto a Catalina...

OPPEN: Eu gosto de contar meus sonhos, quando acordo de manhã. Muitas vezes tenho certeza de que o sonho não era para mim... Mas quase nunca encontro alguém para escutá-los. Eu, de minha parte, gosto de ouvir. Dizem que quem ouve acredita.

MARIA: Talvez o sonho da sua Julia, Quetzal, seja para nós, para mim mesmo. Talvez algum dia descubra o que aconteceu com a Maria do Mali na Europa, acho por vezes que os sonhos seguem porque nenhuma história se completa... talvez o sonho da Julia... Tenho *tlayudas* e *queso de hebra* aqui para quem quiser, vai bem com esse café.

OPPEN: Sim, obrigado.

YOLANDA: Uma conversa puxa outra, e já está de manhã. Vão abrir a passagem daqui a pouco. Sim, uma coisa puxa a outra, não somos nós que nos lembramos das coisas, são as conversas, elas vão se armando, trazendo até os sonhos, nunca sabemos direito o que fazer com eles. E as conversas, as conversas não são só entre nós, comparecem nelas aqui esses portões fechados todos...

MARIA: O encontro com Catalina em Palenque eu entendo, ela aparece, mas esse sonho, esse sonho com a Maria na Europa chega num outro lugar, é quase um sonho premonitório. Premonitório de toda a conversa que tivemos aqui... Acho que agora estou com sono, vou

precisar beber mais café. Vejam, vão preparar tudo de novo para esse dia que chegou. Abrir a passagem, que não é passagem, a passagem, parece que sempre deixa alguma coisa quando atravesso a fronteira. Sei que tem fronteira para ir e para voltar, mas é diferente, um lado é o reverso do outro, não têm nada de igual.

QUETZAL: Duas fronteiras no mesmo lugar... E vejam lá, eles montando outra vez o circo da nacionalidade.

YOLANDA: Uma vez a filha de uma amiga brasileira da minha tia Mercedes veio me visitar em Veracruz, onde eu morava. Não sei como ela me encontrou, ela disse que sabia o endereço da minha mãe e de lá me achou. Ela me disse que estava procurando minha tia, que estava seguindo suas pistas, que precisava fazer uma consulta com ela... Depois perdi até a pista dela. Mas ela esteve comigo alguns dias, e trouxe para mim uma garrafa de uma bebida sagrada, a Jurema, acho que se chamava, já não me lembro. Ela fez uns rituais na minha casa, e tomamos uns goles, e eu comecei a ver coisas. Era como se houvesse pessoas por trás das coisas, algumas pessoas conhecidas, uns rostos dos meus avós, de gente que via em fotografia, como se estivéssemos num baile de máscaras. Não encontrei minha tia, mas a moça me disse então que algumas pessoas não morrem mas ficam encantadas. Esse encantamento é ganhar uma nova forma, um novo corpo, uma outra maneira de estar pela terra... tem gente que se encanta em cobra, ou em galho, ou em concha do mar, e assim não desaparece, não passa pela longa noite, apenas ressurgem. Ela me contou dos encantados da terra dela, do Maranhão, dos encantados que ficam pelas dunas, pelas areias. Talvez minha tia esteja encantada... Me lembrei disso, a Catalina do Quetzal deve ser uma encantada também... Ela virou água, mas nunca completamente, ou talvez toda água seja encantada de alguém... Eu perguntei a essa moça do Maranhão se tinha diferença entre morrer e encantar – ela me disse que sim, que eram coisas muito diferentes. Encantar é passar ao largo da morte. E ela dizia que há uma trama, ou um toque de tambor, como ela dizia, que não é pautada pela vida e pela morte, pela nossa luta pela vida e contra a morte, é uma outra coisa – é sobre o que acontece conosco, sobre as nossas cantorias, ela dizia, não importa a vida, a morte, ou outras tragédias paralelas. Eu fico pensando nas minhas rugas como pequenos movimentos em direção a um encantamento que talvez nunca se complete também. De todo modo, a terra está cheia desses encantados, dessas histórias, repleta demais de histórias ancestrais – é que essas histórias, os gestos que fazemos enquanto estamos vivas, desaparecem e envelhecem e são arrancados de nós, mas não morrem...

MARIA: Penso muito nisso, acho que com as minhas rugas, meu corpo vai tomando outro desenho, um desenho que não é mais da vida e da morte, mas é como se eu estivesse esculpindo alguma coisa nessa minha pele, minha assim... por enquanto minha, depois não sei mais.

OPPEN: As carnes ficam encantadas, as histórias também... elas passam a ser coisas no mundo, acho que o mundo todo é feito de velhas histórias.

YOLANDA: Como essas histórias de fronteira, de quem espera a porta abrir sem saber se vai poder passar dessa vez, e histórias que se repetem. Ainda bem que nós nos contamos outras histórias.

QUETZAL: Abriram!

ALGUMAS REFERÊNCIAS, MENÇÕES E ALUSÕES

- Sobre Oppen Porter:** Antoine Wilson, *Panorama City*, Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2012.
- Sobre Micha:** Micha Cardenas & Barbara Fornssler, *Trans Desire: Affective Cyborgs*, Nova Iorque: Atropos, 2010.
- Sobre o Estrangeiro:** Platão, *O sofista*, tradução de Marco Antonio Casanova, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- Sobre o niilismo e o sentimento antinegro:** Frank Wilderson, *Afropessimismo*, tradução de Rogerio Galindo e Rosiane Correia de Freitas, São Paulo: Todavia, 2021.
- Sobre a desconfiança europeia:** Emanuele Severino, *The Essence of Nihilism*, Londres: Verso, 2016.
- Sobre Heráclito sobrevivente:** Hilan Bensusan, Leonel Antunes e Luciana Ferreira, São Paulo: *Heráclito – Exercícios de anarqueologia*, Ideias e Letras, 2012.
- Sobre as promessas do sono e da morte:** Soren Kierkegaard, *Diapsalmata*, Paris: Allia, 2015.
- Sobre uma tribo amazônica sem amor à vida pela vida:** Primo Levi, “Rumo ao ocidente”, e, *71 contos de Primo Levi*, tradução de Cristiano Martins, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- Sobre Pëdlerei:** Manuela Carneiro da Cunha, *Os mortos e os outros*, Hucitec, 1978.
- Sobre as diferentes partes do manto inteligível que cobre as coisas sensíveis:** Platão, *Parmênides*, tradução de Lobo Vilela, São Paulo: Loyola, 2013.
- Sobre Lampedusa:** Emma Jane Kirby, *The optician of Lampedusa*, Milton Keynes: Allen Lane, 2016.
- Sobre a eternidade:** Jorge Luis Borges, *História da eternidade*, tradução de Heloísa Jahn, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Sobre antropofagia:** Oswald de Andrade, *A utopia antropofágica*, Rio de Janeiro: Globo, 1990.
- Sobre Konyan Bebe:** Hans Staden, *Viagem ao Brasil*, tradução de Alberto Löfgren, Brasília: Editora UnB, 2014.
- Sobre as memórias do mundo:** Hilan Bensusan, *Memory Assemblages: A Spectral Realism*, Spectral Realism and the Logic of Addition, Londres: Bloomsbury, 2024.
- Sobre ache vwa:** Pierre Clastres: “Canibals”, em *Chronicle of the Guaiaki Indians*, tradução de Paul Auster, Nova Iorque: Zone, 1998.
- Sobre Kandiaronk:** David Graeber e David Wengrow, *O despertar de tudo: Uma nova história da humanidade*, tradução de Claudio Marcondes e Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- Sobre Ivaluarjuk:** Philippe Descola, *Par delà nature et culture*, Paris: Gallimard, 2005.
- Sobre confluências:** Antônio Bispo dos Santos, *A terra dá, a terra quer*, São Paulo: Ubu, 2023.
- Sobre a insuficiência da morte:** Emmanuel Levinas, *Le temps et l'autre*, Paris: Fata Morgana, 1979.

Sobre os aimorés: Alberto Mussa, “*Teoria Aimoré*” em *Os contos completos*, São Paulo: Record, 2016.

Sobre espectros e sua intermitência: Fabián Ludueña, *La comunidad de los espectros* v. 1-5, Buenos Aires: Miño Davila, 2010-2021 (*A comunidade dos espectros I-V*, tradução de Alexandre Nodari, Fernando Scheibe, Leonardo D’Avila e Marco Valentim. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012-2023).

Sobre o desejo pelo inimigo: Eduardo Viveiros de Castro, “A imanência do inimigo”, em *A inconstância da alma selvagem*, São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

Sobre o que se quer salvar na salvação: Vicente Ferreira da Silva, “Religião, salvação e imortalidade”, em *Transcendência do Mundo*, São Paulo: é, 2010.

Sobre Lucero Caicedo: Juan Cardenas, *Elástico de sombra*, São Paulo: Sexto Piso, 2020.

Sobre San Basilio de Palenque: Raquel Santos Souza, *Palenque de San Basilio: Uma apresentação da comunidade a partir dos hábitos palenqueros nos montes María*, Tese de Doutorado, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2017.

Sobre Catalina Loango: Yadmilla Bauza, *Yo lo que se de Catalina Loango: Orality and Gender in the Caribbean*, Tese de Doutorado, Universidade de Nova Iorque, 1997.

Sobre os encantados das ruas: Luiz Antonio Simas. *O corpo encantado das ruas*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

NOTA SOBRE ANARQUEOLOGIA, ESPECTRALIDADE E CANIBALISMO

Este é um exercício de anarqueologia. No percurso de sua execução, ele esbarra na espectralidade e se põe a observar uma certa antropofagia. De alguma forma trata-se desse encontro triplo, mais do que um encontro, uma confluência. Eu estive há pouco na estranha zona em que conflui Chula Vista e Tijuana. Demorei mais do que imaginava – e talvez mais do que precisava. Ali ouvi, de soslaio, muitas conversas – e elas também confluem.

A anarqueologia é o avesso da *arché* – no sentido de origem ou de fundamento, de começo e de comando, mas também no sentido de necessidade, aquela necessidade que o passado narrado como único carrega.¹ A anarqueologia é uma tentativa de ajustar contas com o que deixou de acontecer e assim de buscar o abismo por trás do fundamento, uma iteração por trás da origem e uma contingência por trás da história supostamente constitutiva do pensamento.² Uma vez Zouzi Chebbi, um filósofo da Tunísia em Saint Denis, definiu o que ele entendia quando eu falava de anarqueologia assim: no sul, não há a diferença entre história e ficção. Há certas histórias que só podem ser contadas, se quisermos adotar o anglicismo tão caro a Guimarães Rosa, por meio de estórias. Quando Emmanuel Levinas predicou sobre um texto de autoria controversa que ele continha muita verdade para não ser ficcional, ele entendeu que Yosl Rakover não podia testemunhar o que via com tanta precisão estando no ataque final dos alemães ao gueto de Varsóvia; ele teria que ser ele mesmo testemunhado num texto que não estava ali com ele quando ele via o que ele viu.³ Zvi Kolitz, por muito tempo acusado de assinar o testamento de um morto, foi eventualmente considerado o autor – e o texto passou a ser visto como um ponto no espaço entre o relato e a ficção, o espaço da anarqueologia. A insurreição anarqueológica é tanto contra o caráter inquestionado do poder do passado e da origem quanto contra a suficiência dos arquivos. A memória não é uma imaginação, mas a imaginação provoca a memória – nunca um arquivo é completamente exposto e nunca o passado é inteiramente esquecido. A anarqueologia explora o contrafactual passado investigando como as coisas poderiam ter sido contadas já que há mais memória do que qualquer relato escolhido. Ou seja, o espaço da anarqueologia é aquele em que o passado consagrado é sublevado, não porque a imaginação atenta contra a memória, mas porque ela é um jeito de escavar a memória por um caminho mais longo.

Não se pode contar as coisas insistentemente esquecidas como se fossem capítulos da história que se encaixam na enciclopédia oficial. Ou seja, com os mesmos jargões, as mesmas certezas,

1 Ver Hilan Bensusan, *Being Up For Grabs: On Speculative Anarcheology*, Open Humanities, 2016 e Hilan Bensusan, Leonel Antunes & Luciana Ferreira, *Heráclito: Exercícios de Anarqueologia*, Ideias e Letras, 2012.

2 Uma pré-história da anarqueologia pode ser traçada a partir de ideias díspares que se encontram em torno da ideia de *Abgrund* em Martin Heidegger, do caráter an-arcaico da proximidade em Emmanuel Levinas ou da demolição pela repetição do arquétipo em Gilles Deleuze. (Ver Heidegger, *Die Geschichte des Seyns*, *Martin Heidegger Gesamtausgabe* 69, Vittorio Klostermann, 2022; Levinas, *Autrement que l'être, ou au-delà de l'essence*, Kluwer, 1991; Deleuze, *Diferença e repetição*, Paz & Terra, 2018. Ver também Bensusan, *Memory Assemblages, A Spectral Realism*, Bloomsbury, 2024.)

3 Emmanuel Levinas, “Amar a Torah mais do que Deus”, em *Yosl Rakover dirige-se a Deus*, Perspectiva, 2003.

as mesmas tonalidades. Uma conjuração dessas coisas insistentemente esquecidas recoloca sombras na luz. Ou seja, não basta agregar ao que foi contado o que não foi contado – a adição destas narrativas, como qualquer adição, carrega terremotos. As narrativas esquecidas têm uma história do seu esquecimento; esse esquecimento, a sombra das narrativas reafirmadas, também teve muitas versões. Avery Gordon afirma que escrever sobre exclusões e invisibilidades é escrever estórias de fantasmas.⁴ O que é esquecido volta como assombro, como aquilo que ficou exilado quando uma tonalidade de realidade foi fixada. E o assombro requer um estilo particular, requer gestos que não estejam orientados a deixar tudo transparente, mas a deixar espaço para o incerto, para o sombrio e para o opaco. Requer uma estratégia de narrativa em que o espectro pode aparecer.

A anarqueologia tem um elo íntimo com a espectralidade. A outra história ronda a história que se conta. Nós vivemos às sombras dos espectros – das heranças, tradições, instituições estabelecidas, da história oficial. Se uma peça de ficção pode apresentar um outro modo como poderiam ser as coisas agora, um exercício de anarqueologia apresenta um outro modo como poderiam ter sido as coisas outrora – e assim atua sobre fantasmas. E se tivéssemos herdado outros medos, outros cálculos – ou outras maneiras de distinguir medos de cálculos? E se tivéssemos herdado outros Heráclitos, outras histórias da Etiópia, outros credos, outros diálogos platônicos.⁵ A anarqueologia poderia ser descrita como uma operação sobre espectros – e assim tendo parte com a *hantologie*, que recua da ontologia, cunhada por Jacques Derrida.⁶ O termo, que se pronuncia quase como *ontologie* em francês, poderia ser traduzido por espectrologia ou algo parecido; eu preferiria rondologia já que o espectro ronda – Marx e Engels: “Ein Gespenst geht um in Europa”, “Um espectro ronda a Europa”.⁷ A anarqueologia toca nos átomos modais das coisas que são, todas elas, feitas de possibilidades realizadas em detrimento das que se irrealizaram – que de alguma maneira estão à sua volta. Platão, no *Sofista*, escreve que enquanto o ser é múltiplo, o não-ser é infinito em número.⁸ Essa infinidade em número ronda o múltiplo. Se arqueo-lógico, decerto um termo redundante, quer ser o passado do presente, anarqueológico é o passado do ausente.

O anarqueológico, como o rondológico, tem parte com a sobrevida, com a assimilação da memória, sempre de modo contingente, pelo que virá. Há aqui um aceno para a deglutição: aquilo que há engole e se nutre de passado. O aceno é para um âmbito gastro-espectral que toma quem morre como uma companhia às entranhas. Se o passado se preparou para o que vem, também os viventes estão, em sua carne, dedicados aos agentes de sua decomposição. A

4 Avery Gordon, *Ghostly Matters: Haunting and the Sociological Imagination*, Minnesota University Press, 1997, p. 17.

5 *História Sul-Americana da Imortalidade* é um diálogo na forma dos diálogos platônicos: tudo é contado por alguém, as histórias surgem de alguém dirigindo-se a outras pessoas em particular. Em *Being Up For Grabs*, citado em nota acima, aparecem algumas anarqueologias que dizem respeito, entre outras, a Heráclito e à história da Etiópia.

6 Ver Jacques Derrida, *Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*, Relume Dumará, 1994.

7 Karl Marx & Friedrich Engels, *Manifesto Comunista*, Boitempo, 1998.

8 Platão, *O Sofista*, Forense Universitária, 2012, 256e.

antropofagia, como prescrição ou recomendação da devoração, é uma orientação com respeito ao que virá depois da morte. Ela trata da imortalidade, do pós-vida canibal em que alguém se transforma em comida e como comida prossegue pela disseminação digestiva. Que a comida esteja incidindo sobre quem come de maneiras imperceptíveis mas duradouras, inconscientes mas reincidentes, impermanentes mas circulantes, mostra que os corpos têm interstícios penetráveis aonde entram, por exemplo com a comida, gestos, afinidades, disposições e lampejos. Os corpos que comem são um tipo especial de arquivo, também eles guardam e processam o que engolem – e se colocam à mercê desses espectros. A vida – aquilo que de alguma maneira come – está destinada aos outros. Ou seja, não é uma preparação para a eternidade, apenas uma preparação para sua continuidade. A imortalidade canibal é aquela que pensa a partir da ingestão: são os já mortos enquanto mortos que são comidos. É a imortalidade do corpo com todo o horror, o delírio e o assustador que um corpo sem vida exala: não serás imortal como uma nova vida agora destrinchada da morte, mas como comida.

A confluência entre anarqueologia, espectralidade e antropofagia aponta para a memória, sua ubiquidade e seu caráter elusivo. Nada pode se lembrar de tudo, mas cada coisa recorda pelo menos alguns instantes que precedem. Os corpos que degeneram se transformam de alguma maneira, mas as marcas da carne não permitem que ela deixe de ser arquivo – que pode ser recuperado, ainda que jamais completamente. A atenção às memórias é uma atenção aos restos do que se passou que ficam pelas coisas, e que eludem aquilo que se conta. A deglutição generalizada é uma figura da memória subjacente, que não precisa ser lembrada para que atue – e sobretudo para que retenha. É como se houvesse outras histórias porque há outros legados, outros fios condutores, outras tramas e outros protagonistas. E a memória está imbricada com a adição insistente de novas circunstâncias – as histórias ganham outras histórias, os desfechos ficam adiados, a trama muda de direção – porque a memória não é recuperada de parte alguma, ela está situada, por exemplo, ao pé de uma fronteira.

Há um sentido em que a anarqueologia conflui com a espectralidade e com a antropofagia porque são todas departamentos da investigação do caquético. Ou seja, sobre o além da vida, sobre o extemporâneo, sobre o excessivamente velho. Não apenas Heráclito, o Estrangeiro e Konyan Bebe ganham rugas sobre rugas, mas a anarqueologia é sobre o anacrônico, sobre o que de alguma maneira sai do seu tempo. Qualquer acoplamento entre coisas e épocas degenera quando passa muito tempo, quando os corpos envelhecem suas capacidades de parecerem contemporâneos. A preocupação com a morte é muitas vezes embrulhada naquela com o envelhecimento, e vice-versa. O tema da imortalidade esbarra imediatamente na velhice – como o Heráclito anarqueológico sugeria, se trata de buscar uma fonte da eterna velhice.⁹ O episódio da morte aparece como um salto no percurso em geral gradativo da degeneração, que seria interminável. A pergunta pela imortalidade é a pergunta pelo destino do envelhecimento, para onde ela se destina. O caquético é o oposto do eterno, entendido como estar à prova da adição de novas circunstâncias. Eterno é o que é transferido para um museu – para um museu mais museu que qualquer museu – e é o ponto de partida das maneiras habituais – cristãs ou

9 Ver Hilan Bensusan, Leonel Antunes e Luciana Ferreira, *Heráclito – Exercícios de anarqueologia*, Ideias e Letras, 2012.

trans-humanistas¹⁰ – de pensar na imortalidade. O caquético – o muito velho – retruca que continuar é envelhecer. A confluência é, assim, sobre a degeneração da origem, sobre o que acontece quando circunstâncias demais são adicionadas: o enrugamento do que teve alguma forma e, eventualmente, sua conversão em carne parcamente identificável – e em comida – ou em espectro.¹¹ Em ambos os casos, sua transformação em alguma variedade de arquivo que oferece às mais e mais circunstâncias adicionadas elementos para serem recuperados sempre de maneiras dificilmente previsíveis. Pode-se dizer que o limite dessa marcha de decrepitude – e assim o encontro final com a eternidade – está na matéria elemental que subjaz a cada composto, a cada paisagem e a cada carne.¹² A memória, ativada não por si mesma mas pela adição insistente de circunstâncias, não para porém em nenhum âmbito que possa atuar como um armário onde ninguém mexe. O amálgama entre o que fica preservado mas não se recupera por si mesmo e as circunstâncias adicionadas não se dissolve em ponto algum, mas fica sujeito às turbulências do envelhecimento. Trata-se aqui de pensar em toda coisa como estando em marcha para sua decrepitude – o que indica que já são envelhecidas as coisas que encontramos. Toda coisa está às voltas com uma idade excessivamente avançada.

A imortalidade como intriga é, aliás, um capítulo na epopeia do excesso: seguir e seguir, diante de exageradas novas circunstâncias – como a tumba ou a putrefação – e continuar respondendo ao que aparece ao redor é responder ao excesso como uma variável da economia da existência.¹³ E essa resposta não pode ser a eternidade, mas é o persistente envelhecimento. E eis aí para onde aponta a confluência de anarqueologia, espectralidade e antropofagia: para a perda das dimensões definidoras através da lida com o excessivo – o excesso do corpo em relação à vida, a insistência dos espectros para além da morte, a mais-valia da memória contrastada com as histórias contadas.

10 No primeiro volume de *A comunidade dos espectros* (Ludueña, *Antropotecnia*, Cultura e Barbárie, 2013), Fabián Ludueña explora as similaridades entre o projeto cristão de ter um corpo eterno após a vida e as projeções de Kurz Weil sobre as possibilidades de um corpo 2.0, imune a intermperies, através de uma transferência da mente para máquinas independente do evento da morte.

11 Sobre a continuidade espectral entre envelhecimento e morte, Evelio Rosero escreveu um romance *Los Ejércitos* onde Ismael, o narrador, pode estar ou contando desde suas debilidades associadas ao envelhecimento ou com uma voz narrativa espectral. (Rosero, *Los Ejércitos*, Bogotá: Planeta, 2007).

12 Para uma defesa brilhante desse materialismo elemental centrada na proposição de um fim do mundo tal como nós o conhecemos ver Denise Ferreira da Silva, *Unpayable Debt*, Sternberg, 2022.

13 A ideia de uma economia geral do excesso foi explorada por Georges Bataille em *A parte maldita*, Autêntica, 2013. Ali as diversas formas de vida na Terra são entendidas como moldadas pelas insistências do excesso.

História sul-americana da imortalidade (a partir de rumores com sotaque). Hilan Bensusan.

© Hilan Bensusan, 2024.

REVISÃO Fernando Scheibe

IMAGEM DA CAPA: *Notívagos*, 2018. Matias Mesquita.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Bensusan, Hilan

História sul-americana da imortalidade [livro eletrônico] : (a partir de rumores com sotaque) / Hilan Bensusan. -- Florianópolis, SC : Cultura e Barbárie, 2024.

PDF

ISBN 978-65-87529-51-6

1. Ficção brasileira I. Título.

24-210642

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Cultura e Barbárie Editora

Coordenação editorial: Fernando Scheibe e Marina Moros

Conselho editorial: Alexandre Nodari, Dominique Nédellec, Fernando Scheibe, Flávia Cera, Leonardo D'Ávila, Marina Moros e Rodrigo Lopes de Barros

www.culturaebarbarie.com.br

Florianópolis, SC

